

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE SANTA
MARIA/RS E OS SENTIMENTOS DE TOPOFILIA E
TOPOFOBIA DE SEUS MORADORES**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Alcionir Pazatto Almeida

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**A PERCEÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE SANTA
MARIA/RS E OS SENTIMENTOS DE TOPOFILIA E
TOPOFOBIA DE SEUS MORADORES**

por

Alcionir Pazatto Almeida

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de concentração Sociedade e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria da Graça Barros Sartori

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-graduação em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**A PERCEÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE SANTA
MARIA/RS E OS SENTIMENTOS DE TOPOFILIA E
TOPOFOBIA DE SEUS MORADORES**

elaborado por
Alcionir Pazatto Almeida

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maria da Graça Barros Sartori, Profª. Drª. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Nelson Rego, Prof. Dr. (UFRGS)

Eduardo Schiavone Cardoso, Prof. Dr. (USFM)

Santa Maria, 06 de setembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar saúde, paz e inteligência para elaborar este trabalho;

Aos meus pais Ovídio Francisco de Almeida e Lídia Pazatto Almeida pelo amor e confiança depositada;

Ao amigo de todas as horas Marcio Rossato Badke;

A Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade oferecida;

À Prof^a. Dr^a. Maria da Graça Barros Sartori, por acreditar em meu potencial, pela sua amizade e competência em orientar esta pesquisa;

A colega de mestrado Adriane Ester Bulow, pela amizade e convívio no decorrer do Curso;

Ao professor e amigo Lucas Luiz Kegler pela troca de idéias e pelos momentos festivos;

As Funcionárias da secretária da Pós-Graduação em Geografia, Nice e Débora da Silva Baratto, que sempre me receberam bem;

A todos os santamarienses que gentilmente aceitaram participar deste trabalho através das entrevistas concedidas;

Aos membros da banca examinadora, que aceitaram o convite para avaliar e colaborar com este trabalho.

Epigrafe

O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana: a cidade como um todo e a rua onde moram.

Yi-fu Tuan. **Topofilia**, p. 222.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Santa Maria

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE SANTA MARIA-RS E OS SENTIMENTOS DE TOPOFILIA E TOPOFOBIA DE SEUS MORADORES

AUTOR: ALCIONIR PAZATTO ALMEIDA

ORIENTADORA: MARIA DA GRAÇA BARROS SARTORI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 06 de setembro de 2007.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar e interpretar os sentimentos topofílicos e topofóbicos dos santamarienses para com a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria-RS. A pesquisa enquadra-se numa abordagem humanista do saber geográfico, pois valoriza os aspectos subjetivos e a experiência de vida dos indivíduos como fonte de conhecimento. Esta investigação envolveu 150 sujeitos de ambos os sexos, com mais de 15 anos de idade, com residência em Santa Maria a mais de cinco anos e que morem, trabalhem ou usem, de alguma forma, o setor mais urbanizado da cidade (centro). Os entrevistados foram aleatoriamente convidados a apresentarem suas percepções individuais sobre a paisagem urbana do bairro, através de um formulário de entrevista, com perguntas abertas e fechadas, composto por duas partes. A metodologia utilizada foi a sugerida por Whyte (1977) e igualmente utilizada por Sartori (2000), que consiste em um triângulo metodológico de pesquisa formado pela tríade *observando, perguntando e ouvindo e registrando*. Dos três vértices propostos apenas dois deles foram utilizados, o *Observando* e o *Perguntando*, cujos procedimentos foram adaptados aos objetivos que se pretendeu alcançar. Na análise e tabulação dos dados, constatou-se que dos 150 entrevistados 43% são homens e 57% mulheres, com predomínio de idades entre 15 e 24 anos e tempo de residência entre 15 e 24 anos. A maioria deles tem como grau de escolaridade o Ensino Médio completo, e desenvolve atividades estudantis e comerciais. Em relação à paisagem topofílica observou-se que embora exista variabilidade de paisagens urbanas citadas, a de maior consenso é a da Praça Saldanha Marinho que fora lembrada por 45 dos 150 entrevistados, seguida pela paisagem do Calçadão Salvador Isaia e pela paisagem do Parque Itaimbé. Embora a paisagem da Praça tenha sido eleita a mais agradável do bairro, ela também foi lembrada como um cenário que evoca sentimentos topofóbicos para 24 dos 150 entrevistados, seguida pela paisagem do Calçadão e da antiga Rua 24 Horas. Esse sentimento antagônico pode ser compreendido pelo fato de que psicologicamente cada pessoa tem uma percepção individual do meio ambiente e de sua qualidade, pois, biologicamente, a percepção está limitada por condições anatômicas fisiológicas do homem e é processada dentro de valores culturais, geográficos e históricos. Entre os marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ícones) da paisagem urbana de Santa Maria, está a imagem do Calçadão Salvador Isaia, mencionado por 27,3% dos entrevistados. Ela foi a paisagem urbana mais lembrada, portanto, a mais expressiva no imaginário visual dos santamarienses, sendo considerada a imagem símbolo da cidade.

Palavras-chave: percepção; paisagem urbana; geografia

ABSTRACT

Master's Dissertation
Graduation Program in Geography
Universidade Federal de Santa Maria

SANTA MARIA-RS URBAN LANDSCAPE PERCEPTION AND ITS INHABITANTS TOPOPHILIA AND TOPOPHOBIA

AUTHOR: ALCIONIR PAZATTO ALMEIDA

ADVISER: MARIA DA GRAÇA BARROS SARTORI

Defense Date and Place: Santa Maria, August 16th, 2007.

The main objective of this work is to analyze and interpret the inhabitants' topophilic and topophobic feelings about downtown Santa Maria-RS. The research fits a humanistic approach of the geographical knowledge because it values the subjective aspects and the individuals' life experiences as the source of the knowledge. This investigation included 150 individuals, from both sexes and, aged with more than 15 years old, resident in town for more than five years and, who live, work or somehow use the most urbanized sector of the city (downtown). The participants interviewed were randomly invited to give their own perception about the urban landscape of the downtown sector, in an interview form with both open and closed questions and divided into two parts. The applied methodology was the one suggested by (1977) and also used by Sartori (2000), which consists in a methodological research triangle formed by the *observing*, *asking* and *listening* and *registering* triad. Only two of the three proposed vertices were used: the *observing* and the *asking* whose procedures were adapted to the objectives we were aiming to reach. During the data analyses and tabling, was verified that from the 150 individuals interviewed, 43% were male and 57% female, with age between 15 and 24 years old and, living in town for 15 to 24 years. Most of them have a high-school degree and are involved in student and/or commerce activities. In relation to the topophilic landscape it was observed that although there is a diversity of mentioned urban landscapes, the Saldanha Marinho Square is a consensus remembered by 45 of the 150 interviewed individuals, followed by the landscape of Calçada Salvador Isaias and the landscape from the Itaimbé Park. Though the Saldanha Marinho Square was elected the most pleasant landscape, it also brings up a topophobic feeling to 24 from the 150 interviewed individuals followed by the Calçada landscape and the old 24 Hours Street. This antagonist feeling can be understood by the fact that psychologically each person has an unique perception of the environment and of its quality, because the perception is biologically limited by man anatomic and physiological condition and, it is processed into cultural, geographical and historical values. Among the different landscape spatial marks that come up as symbols (icons) of Santa Maria urban landscape, it is the image from the Calçada Salvador Isaias, mentioned by 27,3% of the interviewed individuals. It was the most remembered landscape and, therefore, the most expressive in the inhabitants' visual imaginary and thus, considered the City symbol image.

Key words: perception; urban landscape; geography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Roteiro metodológico de pesquisa.....	47
FIGURA 2 – Mapa das regiões administrativas e bairros de Santa Maria.....	40
FIGURA 3 – Triângulo metodológico de pesquisa.....	41
FIGURA 4 – Mapa da localização da cidade no Estado do RS.....	49
FIGURA 5 – Perfil topográfico do sítio urbano de Santa Maria.....	53
FIGURA 6 – Perfil geológico de Santa Maria	56
FIGURA 7 – Divisão dos entrevistados por sexo.....	58
FIGURA 8 – Gráfico do total de entrevistados por bairro.....	62
FIGURA 9 – Grau de escolaridade dos entrevistados.....	63
FIGURA 10 – Gráfico da distribuição dos entrevistados por profissão.....	64
FIGURA 11 – Frequência semanal com que as pessoas vão ao centro.....	65
FIGURA 12 – Gráfico dos principais meios de transportes utilizados.....	66
FIGURA 13 – Fotografia das pessoas descansando na Praça Saldanha.....	68
FIGURA 14 – Fotografia dos elementos que mais chamam atenção na Praça.....	69
FIGURA 15 – Fotografia do Calçadão Salvador Isaia no sentido leste/oeste.....	71
FIGURA 16 – Fotografia do Calçadão no sentido oeste/leste.....	72
FIGURA 17 – Fotografia do Parque Itaimbé no sentido sul/norte.....	73
FIGURA 18 – Fotografia do Parque Itaimbé no sentido norte/sul.....	74
FIGURA 19 – Fotografia frontal da Catedral Diocesana de Santa Maria.....	75
FIGURA 20 – Fotografia do Largo da Locomotiva no sentido leste/oeste.....	76
FIGURA 21 – Fotografia da Locomotiva.....	77
FIGURA 22 – Fotografia da Praça Saldanha Marinho à noite.....	79
FIGURA 23 – Fotografia da grande concentração de ambulantes na Praça.....	80
FIGURA 24 – Fotografia do Calçadão mostrando o intenso fluxo de pessoas.....	81
FIGURA 25 – Fotografia da Mendicância de índios no Calçadão.....	84

FIGURA 26 – Fotografia da antiga Rua 24 Horas no sentido leste/oeste.....	85
FIGURA 27 – Fotografia da antiga Rua 24 Horas no sentido oeste/leste.....	86
FIGURA 28 – Fotografia da paisagem da Av. Rio Branco no sentido sul/norte.....	88
FIGURA 29 – Fotografia da paisagem da Av. rio branco no sentido norte/sul.....	88
FIGURA 30 – Fotografia da paisagem do Largo da Estação Ferroviária.....	90
FIGURA 31 – Fotografia interna da Estação da Gare.....	90
FIGURA 32 – Fotografia do prédio abandonado na Av. Rio Branco.....	92
FIGURA 33 – Gráfico das paisagens urbanas mais preferidas pelos santamarienses.....	94
FIGURA 34 – Fotografia da arborização da Praça Saldanha Marinho.....	96
FIGURA 35 – Fotografia do Calçadão da Bozano mostrando a diversidade cultural.....	97
FIGURA 36 – Fotografia de uma das pracinhas de brinquedo no Parque Itaimbé.....	99
FIGURA 37 – Fotografia das quadras de esportes no Parque Itaimbé.....	99
FIGURA 38 – Fotografia do Calçadão da Bozano (imagem símbolo de Santa Maria).....	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Classes das frequências por faixas etárias dos entrevistados.....	58
TABELA 2 – Classes de frequência do tempo de residência em Santa Maria.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – As paisagens topofílicas citadas pelos entrevistados.....	67
QUADRO 2 – As paisagens topofóbicas citadas pelos entrevistados.....	78
QUADRO 3 – Paisagens urbanas do bairro Centro da cidade que chamam mais atenção.....	95
QUADRO 4 – As paisagens urbanas mais lembradas do bairro Centro de Santa Maria.....	101

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Instrumento de pesquisa aplicado aos entrevistados (dados pessoais).....	115
ANEXO B – Instrumento de pesquisa aplicado sobre a percepção da paisagem urbana	117

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	8
LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE ANEXOS.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 A Percepção do Meio ambiente.....	19
2.2 A Percepção em Geografia.....	23
2.3 A Fenomenologia.....	28
2.4 A Percepção da Paisagem na Geografia.....	30
2.4.1 A Paisagem Urbana.....	36
2.4.2 Paisagem e Geograficidade.....	37
3 METODOLOGIA	39
4 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO.....	48
4.1 Aspectos históricos.....	48
4.2 Aspectos Socioeconômicos.....	48
4.3 Aspectos Físicos/Naturais.....	50
4.4 O Sítio Urbano.....	52
4.4.1 A Paisagem Urbana de Santa Maria.....	54
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	57
5.1 O Perfil dos Entrevistados.....	57
5.1.1 A Divisão da População Entrevistada de Acordo com o Sexo.....	57
5.1.2 Número de Entrevistados por Faixa Etária.....	58
5.1.3 Tempo de Residência na Cidade da População Entrevistada.....	60



5.1.4 O Local de Moradia dos Entrevistados.....	61
5.1.5 O Grau de Escolaridade dos Entrevistados.....	63
5.1.6 A Profissão dos Entrevistados.....	63
5.1.7 A Frequência Semanal ao Centro da Cidade.....	64
5.1.8 O Principal Meio de Transporte Utilizado pelos Entrevistados.....	65
5.2 Análise Topofílica da paisagem Urbana de Santa Maria	66
5.2.1 A Paisagem da Praça Saldanha Marinho.....	68
5.2.2 A Paisagem do Calçadão Salvador Isaia.....	70
5.2.3 A Paisagem do Parque Itaimbé.....	72
5.2.4 A Paisagem da Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição.....	74
5.2.5 A Paisagem da Praça da Locomotiva na Av. Presidente Vargas.....	76
5.3 Análise Topofóbica da Paisagem Urbana de Santa Maria.....	77
5.3.1 A Paisagem da Praça Saldanha Marinho.....	79
5.3.2 A Paisagem do Calçadão Salvador Isaia.....	81
5.3.3 A Paisagem da Antiga Rua 24 Horas.....	84
5.3.4 A Paisagem da Avenida Rio Branco.....	87
5.3.5 A paisagem do Largo da Estação Ferroviária.....	89
5.3.6 A Paisagem do Prédio Abandonado na Avenida Rio Branco.....	92
5.4 As Três Paisagens Preferidas pelos Santamarienses.....	93
5.5 Imagem Símbolo de Santa Maria/RS.....	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
7 BIBLIOGRAFIA.....	107

1 INTRODUÇÃO

Sendo a Geografia uma ciência que estuda unitariamente os fenômenos naturais e humanos, não pode deixar de investigar o arranjo espacial das áreas, como a distribuição dos elementos que compõem o espaço geográfico natural ou aquele socialmente produzido. Dessa forma, inúmeras pesquisas foram realizadas e outras ainda estão sendo desenvolvidas para aumentar e dinamizar os conhecimentos sobre a superfície da terra.

Em função dos avanços das técnicas e do conhecimento científico, os estudos realizados pela Geografia e demais ciências têm apresentado uma significativa evolução na sua maneira de pensar, agir e pesquisar, sobretudo, no emprego de novas técnicas e métodos de abordagens, que objetivam compreender e interpretar a complexa relação que se estabelece entre o homem e o seu meio ambiente. É nesta visão que integra o homem à natureza que inúmeros geógrafos procuraram entender o porquê da materialização de diversas formas de organizações espaciais que se encontram sobre a vasta superfície terrestre. Neste sentido, há de se ressaltar que existem inúmeras maneiras de se compreender o espaço geográfico, e dentre elas está o estudo da percepção das paisagens.

A paisagem, enquanto categoria de análise geográfica tem no decorrer do tempo variado a sua importância e o seu significado. Assim, conforme Cabral (2000), em alguns momentos da história ela foi capaz de dar unidade e identidade a ciência geográfica, em outros ficou relegada a um segundo plano, perdendo sua hegemonia para outras categorias de análise, tais como as de região, espaço, território e lugar. Devido a sua associação com as formas dispostas, portanto, visíveis sobre a superfície da terra, a terminologia paisagem têm recebido diversos conceitos e significados, sendo a maioria deles abrangentes e imprecisos.

Nos últimos anos, mais precisamente nas duas últimas décadas do século XX, tem ocorrido uma retomada dos conceitos de paisagem entre profissionais de diferentes áreas, como arquitetos e urbanistas, por exemplo, além dos geógrafos. Deste modo, conforme as colocações de Vieira (1998), o termo paisagem vem sendo codificado de várias formas, cujas denominações variam de paisagem urbana, rural, turística, natural, entre outras.

Essa retomada nos estudos da paisagem vem ganhando força, sedimentando, assim, um referencial teórico/metodológico de base que têm servido de alicerce para os estudos futuros que buscam, sobretudo, investigar a relação de sentimento entre o homem e o seu entorno, entre o homem e a paisagem. Nesse sentido, deve-se ressaltar que o estudo da paisagem é amplo e interdisciplinar, principalmente quando é abordada enquanto fenômeno

vivido, dentro de uma ótica humanista de pensamento geográfico, cujas bases estão fundamentadas no aporte filosófico da fenomenologia/existencialista. O geógrafo, ao conceber e interpretar as paisagens geográficas sejam elas urbanas, rurais ou naturais, mediante uma visão perceptiva e cognitiva do meio ambiente, estará indo automaticamente ao encontro das idéias propostas por David Lowenthal, Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Eric Dardel, principais expoentes e criadores da Geografia Humanista, que se consolidou como área de estudo da ciência geográfica a partir da década de 1970.

É justamente nesta abordagem humanista do pensamento geográfico, em que a valorização dos aspectos subjetivos e a experiência de vida dos indivíduos são aceitos como fontes de conhecimento, é que surge a idéia central deste trabalho, ou seja, buscar entender a paisagem urbana de Santa Maria-RS enquanto fenômeno vivido, mediante os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores, assim como identificar a paisagem urbana que melhor simbolize a cidade. Justifica-se a escolha do tema, por se acreditar que hoje, a *paisagem urbana* é um marco visual do mundo moderno e se encontra materializada em praticamente todos os países do mundo em decorrência da intensificação dos processos de urbanização ocorridos a partir da segunda metade do século XX.

Além disso, a paisagem urbana de Santa Maria, pelo que consta nos levantamentos bibliográficos realizados, ainda não foi objeto de contemplação perceptiva, tampouco foi estudada de acordo com o viés humanista do saber geográfico. Portanto, pretende-se com este trabalho, sanar mais esta lacuna entre as abordagens geográficas até aqui realizadas, assim como, contribuir para o entendimento, interpretação e organização do espaço da cidade alvo desta investigação.

Vieira (1998) faz apologias aos estudos de paisagem urbana, ao dizer da importância que eles têm para a sociedade, pois segundo ele tais estudos irão tratar de um espaço socialmente construído, como uma forma de vida, onde a sua morfologia resulta das influências culturais e econômicas de cada época.

Neste sentido, Santos (1991) destaca que os avanços das técnicas e do conhecimento científico têm propiciado uma significativa alteração no meio ambiente natural, resultando assim, na transformação da primeira natureza em uma segunda natureza. O que em outras palavras pode ser entendido também como a transformação das paisagens naturais em paisagens artificiais devido, por exemplo, ao aumento dos aglomerados urbanos, com suas edificações, ruas, negócios, fluxos das pessoas, entre outros aspectos. Acredita-se que esses componentes urbanos podem facilmente desencadear no ambiente da cidade situações

caóticas e stressantes, onde o homem, por ser parte integrante deste cenário, vive, percebe e sente simultaneamente os objetos ao seu redor, convivendo assim, alternadamente com os sentimentos de *topofilia* (sensações agradáveis) e com os de *topofobia* (sensação de repúdio, aversão).

É justamente neste sentido que a paisagem urbana tem deixado de ser apenas um mero objeto de contemplação, sobretudo nos últimas décadas do século XX, e passou a ser um objeto de investigação para diferentes áreas do conhecimento, principalmente para a ciência geográfica. Bley (1990) sintetiza em poucas palavras a linha mestra que o geógrafo deve seguir ao desenvolver estudos que abordam a paisagem enquanto fenômeno vivido; para ele o ponto de partida nestas pesquisas sempre será o homem, que além de construí-la, interage e faz parte dela.

Kohlsdorf (1996) destaca o fato de que certos fenômenos ao despertarem o interesse humano, automaticamente lhes conferem a propriedade de agirem sobre o observador, logo as paisagens não são inertes, sendo que cada lugar vivenciado contém determinadas características que estimulam conhecê-lo. Isto explica, em parte, a relação existente entre a paisagem contemplada e a ação perceptiva/cognitiva do indivíduo para com o seu meio.

A presente dissertação está estruturada em sete itens, sendo no primeiro abordado a definição e a justificativa da temática investigada, assim como, os objetivos que se pretende alcançar com o desenvolvimento desta pesquisa. O segundo, aborda à fundamentação teórica do trabalho, onde se buscou estudos já realizados nesta área, ou ainda naqueles que apresentassem alguma familiaridade com a abordagem aqui apresentada. Para tanto, foi realizado num primeiro momento da revisão bibliográfica noções e conceitos sobre a Percepção do meio ambiente, assim como a síntese de alguns trabalhos já realizados.

Ainda no segundo item têm-se uma breve apresentação de como se deu a evolução e a consolidação dos estudos de percepção na Geografia Brasileira, bem como as concepções de paisagem na visão fenomenológica do conhecimento geográfico. No terceiro item está descrito o procedimento metodológico utilizado pela pesquisa, desde a elaboração do instrumento de medida utilizado nos trabalhos de campo (formulários), seleção da população amostral, bem como os procedimentos adotados no decorrer das entrevistas.

No item quatro, são destacados os aspectos físicos e humanos do município de Santa Maria-RS, constituindo-se assim, na caracterização geográfica da área.

Na quinta parte, o enfoque se restringe à tabulação, análise e discussão dos resultados alcançados. Na sexta está às considerações finais deste trabalho e no sétimo e último item é apresentado toda a bibliografia consultada para a construção deste trabalho.

Portanto, no ensejo de buscar entender a relação que o indivíduo ou um determinado grupo social tem com a natureza, bem como os sentimentos e idéias que os mesmos têm sobre a paisagem é que os *objetivos* para este trabalho foram estabelecidos.

O objetivo geral deste trabalho é justamente analisar a Percepção da Paisagem Urbana do Bairro Centro da cidade de Santa Maria-RS e os sentimentos de Topofilia e Topofobia vinculados a ela. Assim como, contribuir para construção de um aporte teórico/metodológico que sirva para outros estudos que almejam compreender, interpretar e analisar o espaço geográfico, mediante a percepção da paisagem enquanto categoria de análise geográfica.

Como objetivo específico à investigação apresenta as seguintes preocupações:

- Averiguar quais são os elementos da paisagem urbana do Bairro Centro de Santa Maria que causam sentimentos Topofílicos (agradáveis) na população urbana da cidade;
- Diagnosticar se existe paisagens ou cenários do Bairro Centro da cidade que causam sentimentos de Topofobia (aversão) para a população urbana;
- Determinar qual é o marco visual (símbolo) da paisagem urbana que melhor identifique o Bairro Centro da cidade.

Ao propor os objetivos acima, o trabalho será um dos poucos, a abordar em nível do estado do Rio Grande do Sul, termos fundamentais para os estudos de percepção ambiental, como os de topofilia e topofobia, que foram lançados por Tuan (1980) e que hoje já se encontram consolidados no saber geográfico nacional/internacional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Percepção do Meio Ambiente

As pesquisas em percepção ambiental, segundo Amorim Filho (1996), vieram se consolidar efetivamente como uma das linhas mestras para os estudos do ambiente humano no decorrer da década de 1970, sobretudo, a partir da criação do Grupo de Trabalho sobre a Percepção do Meio Ambiente, pela União Geográfica Nacional (UGI), e do Projeto 13: Percepção da Qualidade Ambiental, no Programa Homem e Biosfera, da UNESCO. O grupo da UGI priorizava estudos internacionais comparativos sobre os “riscos do meio ambiente” e para os “lugares e paisagens valorizados”, enquanto que os trabalhos realizados pela UNESCO priorizavam os estudos da percepção do meio ambiente como uma das formas de contribuir para o desenvolvimento de uma relação mais harmoniosa entre o homem e o seu meio. Entretanto, deve-se ressaltar que os estudos desta natureza já existiam desde o início do século XX, mas só começaram a ser aceitos a partir de 1970, quando uma pequena parte da comunidade científica da época começou formar grupos de estudos de essência perceptiva.

Ainda neste sentido Kohlsdorf (1985 apud DEL RIO, 1990, p. 92.) coloca que:

Atualmente, se aceita a percepção como instrumento mediador importante entre o homem e o meio ambiente urbano e a reformular-se o enfoque até então em prática: de que as qualidades e as necessidades não são mais consideradas absolutamente consensuais, mas sim, variáveis entre grupos, culturas e épocas.

Com base nesta colocação, há de se concordar que os estudos sobre percepção vieram contribuir para os avanços ocorridos no corpo teórico e metodológico das ciências humanas e sociais. Um destes avanços consiste em entender que o homem se comunica através de um processo cognitivo, que nada mais é do que a construção do sentido na mente. Este processo, conforme Oliveira (1983) constitui-se de fases distintas do qual a percepção faz parte (campo sensorial), assim como a seleção (que consiste no campo da memória), e por fim a atribuição de significados (campo de raciocínio). Piaget (1967) descreve a percepção como sendo um conhecimento que se adquire através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com seus movimentos, dentro de um campo sensorial, ou seja, percebe-se o aqui e o agora.

Oliveira (1983, p. 19) explica que:

Psicologicamente cada pessoa tem uma percepção do meio ambiente e da sua qualidade, percepção esta que é individual, incomunicável e irredutível; entretanto, biologicamente a percepção esta limitada a condições anatômicas e fisiológicas da espécie humana e se processa dentro de valores culturais, geográficos e históricos.

A percepção pode ser entendida como um processo seletivo, assim como o “*ato de conhecer através dos sentidos*” que, segundo Penna (1968), implica como condição necessária a proximidade do sujeito com o objeto tanto no tempo como no espaço, pois, para ele, objetos distantes no tempo não podem ser percebidos, mas sim evocados, imaginados ou ainda pensados. Assim, como não são percebidos objetos distantes no espaço, não se percebe também aqueles que se encontram ultrapassados dos limites operacionais dos órgãos receptores ou mesmo quando se encontram obstruídos por alguma barreira, já que a percepção da paisagem requer a presença de pelo menos um dos sentidos, e dentre eles, a visão é a que prevalece.

Tuan (1980) vai ao encontro de Penna, (1968) ao colocar que embora o homem perceba o mundo simultaneamente através de todos os sentidos, o homem moderno depende mais conscientemente da visão do que dos demais órgãos sensoriais, pois dela depende para organizar o espaço em sua mente, o que o torna um animal predominantemente visual.

Tradicionalmente, a percepção foi conceituada como um processo interpretativo, operando sobre dados sensoriais. Distinguiam-se, assim, no domínio do conhecimento sensível duas fases ou etapas: uma representada pela sensação e, a outra, pela percepção propriamente dita. Penna (1968, p. 15) ao se referir sobre a sensação a descreve da seguinte maneira:

Está totalmente subordinada aos estímulos e se daria em termos de apreensão de dados isolados ou desconexos. Sobre esta base operariam os processos perceptuais, os quais mobilizando a experiência passada enriqueceriam os dados colhidos pelos processos sensoriais, emprestando-lhes organização e significado.

Para Chauí (1996) a sensação está intrínseca a percepção, já que é a primeira que fornece a qualidade dos objetos e os efeitos internos destas qualidades para o homem. Ainda segundo ele, não existe percepção sem a presença de pelo menos um dos sentidos (visão, paladar, olfato, audição ou tato), sendo desta forma a percepção uma síntese das sensações.

A percepção é definida por Del Rio (1996) como um processo mental de interação que se processa entre o indivíduo e o meio ambiente e isto ocorre através de mecanismos perceptivos e cognitivos, onde os primeiros são dirigidos pelos estímulos externos enquanto que o segundo conta com a participação da inteligência humana.

Souza (1998), ao abordar a cognição ambiental e leitura da paisagem urbana, explica de maneira bastante didática e compreensível como ocorre o processo de construção da cognição ambiental. Segundo ele, no primeiro momento ocorre a chamada percepção direta,

onde o indivíduo seletivamente e de acordo com os seus valores internos e experiência prévia adquire as informações presentes no ambiente. No segundo instante, ocorre um processamento cognitivo interno, onde o indivíduo irá formar a sua representação mental sobre as informações recebidas na etapa anterior. No terceiro momento, ocorre o que o autor denomina de avaliação ambiental, ou seja, o indivíduo avalia as qualidades do ambiente, que são baseadas nos atributos físico-espaciais. Por fim, teríamos a geração de condutas ambientais. Deve-se ressaltar que este processo é dinâmico e interativo, pois além de sofrer mudanças com o decorrer do tempo, há uma inter-relação entre as etapas.

Ainda sobre cognição ambiental, Presson; Hazelrigg (1984 apud PINHEIRO, 2006) avaliam a importância de se distinguir o processo cognitivo de acordo com o tipo de experiência envolvida. Para eles existem as primárias que são aquelas experiências diretas no ambiente, e as secundárias que são aquelas experienciadas indiretamente através de representações físicas do meio ambiente: como fotografias, mapas entre outras que auxiliam os indivíduos a organizar cognitivamente as informações ambientais.

Ao abordar a percepção como uma das formas de apreensão das cidades, Kohlsdorf (1996, p. 56), afirma que “a percepção ocorre no córtex cerebral, quando chegam às descargas nervosas provenientes de estímulos colhidos pelos órgãos receptores, contendo códigos correspondentes às propriedades dos objetos”.

Assim, entende-se que a percepção resulta da sensação, mas não como uma simples cadeia de seus produtos isolados, mas como nova qualidade do reflexo sensorial. Kohlsdorf (op.cit) ainda esclarece que a percepção do espaço físico se apóia na unidade entre sujeito e objeto, tratando-se, portanto, de uma relação com o meio, consubstanciando na referida unidade sujeito-objeto, na medida em que é a presença do corpo humano no mundo que o mantém vivo, visível e passível de ser conhecido.

Entre as fontes que inspiraram o surgimento dos estudos perceptivos, a linha de Piaget (1967) é a que mais se enquadra nos propósitos deste trabalho, pois permite uma análise perceptiva da paisagem urbana sob o ponto de vista de seus usuários, neste caso dos moradores da cidade de Santa Maria, pois no entender de Piaget (op.cit) o ser humano teria uma habilidade inata para a percepção e fazem grande parte do seu aprendizado através de suas atividades imersas no mundo, assim como forma as suas regras perceptivas; o conhecimento é cumulativo e forma-se através da experiência cotidiana.

Por fim, através das colocações de Braghirolli (1997 apud SARTORI, 2000, p. 28), os fatores determinantes da percepção podem ser considerados em três tipos: “os mecanismos de

quem percebe, as características do estímulo recebido e o estado psicológico de quem o percebe”. É com este raciocínio que Machado (1998), argumenta o fato de que cada pessoa percebe seletivamente aquilo que lhe interessa, aquilo que está habituado a observar de acordo com o seu contexto sociocultural. Trata-se de uma interação com o lugar ou com a paisagem carregada de grande afetividade, podendo a partir daí, julgar se uma paisagem é bela ou feia não apenas pela sua aparência, mas sim, pelas aspirações e necessidades de cada um.

Tratando-se de trabalhos realizados neste campo interdisciplinar de estudo, deve-se ressaltar o trabalho pioneiro de Lynch no ano de 1960, onde o mesmo investigou a imagem mental que os habitantes de Jersey City, Boston e Los Angeles tinham de suas cidades. Foi a primeira vez que alguém perguntou qual seria o significado da cidade para seus usuários, concentrando o seu estudo na identidade e na estrutura das imagens das cidades. Utilizou-se de procedimentos metodológicos da psicologia aplicando questionário e entrevistas aos habitantes de cada cidade norte-americana. As perguntas aplicadas eram abertas, evocava reconhecimento com base em fotos e solicitava que os entrevistados desenhassem mapas mentais ou descrevessem percursos específicos. Com isto objetivou identificar as imagens coletivas das cidades, assim como os seus elementos mais significantes. O tamanho da amostra coletada por ele foi pequena, entretanto, teve-se a acuidade para que os entrevistados fossem pessoas que já moravam ou trabalhavam há muito tempo na área em estudo. A preocupação maior não foi quantificar dados exaustivos para provar a sua validade estatística, mas sim de elaborar uma análise qualitativa dos dados obtidos. Entretanto, o autor chama a atenção para o seguinte fato:

A precisão dos resultados pode ser maior à medida que os observadores sejam agrupados em classes cada vez mais homogêneas de idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade. Cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, mas parece existir um consenso substancial entre membros do mesmo grupo (LYNCH, 1997, p. 8).

Sua teoria gira em torno de três conceitos de referência: a legibilidade, a estrutura e identidade e a imaginabilidade. Lynch (op.cit) os define da seguinte maneira: *a legibilidade* é a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas em um padrão coerente; *a identidade* e *a estrutura* consistem na identificação de uma área, sua diferenciação em relação a outras, ou seja, a sua individualidade e a estrutura está intimamente relacionada de forma clara e coerente com todas as relações internas existentes na imagem; *a imaginabilidade* consiste na qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma forte imagem em qualquer observador.

Neste sentido, Lynch (1997) trouxe uma inigualável contribuição para os estudos de percepção dos espaços urbanos, e sua aceitação foi tão grande que vários outros trabalhos foram desenvolvidos visando dar um maior embasamento metodológico aos seus procedimentos, tais como os estudos de Whyte (1977) e Zeisel (1981).

2.2 A Percepção em Geografia

Lowenthal (1985) destaca que foi a partir da segunda metade do século XX, que surge na Ciência Geográfica, uma nova maneira de abordar e interpretar o espaço, seja este natural ou socialmente construído. Essa abordagem do pensamento geográfico ganha força principalmente a partir da década de 1960, quando vários geógrafos, assim como pesquisadores de áreas afins adotaram a percepção geográfica como fonte de análise e estudo. Embora sua difusão no meio técnico-científico tenha ocorrido a partir de 1960, já existiam trabalhos desta natureza, como os de Demangeon no início do século passado.

Neste sentido, Stefanello; Silveira (2005) ressaltam que inicialmente a Escola Clássica Francesa considerou mais a percepção, assim como a sua representatividade na organização do espaço, do que a Escola Alemã e a Norte-americana, fato explicado pelo caráter behaviorista que predominava nestes dois últimos países. Na França, de acordo com estes mesmos autores os principais precursores dos estudos de percepção em geografia foram: Deffontaines (1968), Gallais (1967), Rochefort (1961), Dardel (1950), Frémont (1968) e Collot (1950).

Essa abordagem do conhecimento geográfico teve inicialmente suas bases na Geografia cultural de Carl Sauer, e ficou denominada num primeiro instante de Geografia da Percepção e do Comportamento, para só depois, mais tarde ser efetivamente consagrada de Geografia Humanista. A diferenciação entre ambas, de acordo com as colocações de Holzer (1993, p.126), se deu através de:

Um longo processo de revisão e de renovação da Geografia Cultural e Histórica norte-americana, assim como, a Geografia radical foi uma síntese de idéias anarquistas, estruturalistas e marxistas, a geografia humanista foi uma síntese de idéias provenientes da fenomenologia, do existencialismo, com pinceladas estruturalistas e idealistas.

Em outras palavras, ainda de acordo com os estudos de Holzer (1993), pode-se dizer que a principal diferença entre a Geografia da percepção e do comportamento com a Geografia humanista está calcada em suas bases teórico-metodológicas, pois enquanto a

primeira utilizava-se de métodos quantitativos oriundos do positivismo lógico que predominava na época, a segunda (Geografia humanista) os rejeitava. Ao analisar o contexto teórico-metodológico da época, Holzer (1993) considera que na década de 1970 havia três campos epistemológicos bem caracterizados na Geografia: *A Geografia Analítica*, substanciada pelo neopositivismo, *a Geografia Marxista* inspirada no marxismo ou no estruturalismo e a *Geografia Humanista* com bases filosóficas na fenomenologia existencialista.

Desta forma, entende-se que a Geografia da percepção e do comportamento é diferente da percepção em Geografia ou percepção ambiental em função do método que utiliza e do objeto que se investiga. Enquanto que a primeira consiste em um campo de análise e estudo, as duas últimas são linhas de pesquisas que se enquadram dentro de uma corrente maior, ou seja, dentro da escola geográfica humanista.

A Geografia Humanista, enquanto corrente do pensamento geográfico, é caracterizada pela valorização dos aspectos subjetivos ao estudar os fenômenos geográficos. A partir do entendimento que o homem tem do mundo, através de estudos que buscam entender a relação que o indivíduo ou um determinado grupo social tem com a natureza, bem como os sentimentos e idéias que os mesmos têm sobre o espaço e o lugar (Tuan, 1982).

Em 1961 Lowenthal, com o artigo “*Geografia, experiência e imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica*”, estabeleceu um marco para os estudos desta natureza no pensamento geográfico. Entretanto, segundo Holzer (2001, p. 107), “é no artigo *Space and Place: Humanistic Perspectiv* de Tuan (1974) que ocorre uma verdadeira guinada teórico-metodológica nos estudos geográficos desta natureza”, pois segundo ele, até aquele momento suas incursões no campo da Percepção Ambiental dedicavam-se a análise dos mundos pessoais, sobretudo, a partir da psicologia, em particular da teoria do aprendizado de Piaget.

Neste artigo, no entanto, são definidos conceitos importantes que começam a ser utilizados nos estudos de percepção geográfica, tais como os de topofilia e topofobia que ajudaram a fundamentar a Geografia Humanista que, pela primeira vez, é explicitamente tratada como subcampo autônomo que tem como referência epistemológica a fenomenologia.

Assim, de acordo com Tuan (1980, p.105) o termo “topofilia consiste no elo afetivo que a pessoa ou um determinado grupo social têm em relação ao lugar ou ao ambiente físico”.

Enquanto que o de topofobia está intrínseco aos sentimentos de desafeto e aversão que as pessoas têm para com determinados lugares, espaços ou mesmo paisagens (Tuan, 1980).

Ao se referir à percepção como uma das formas de se obter o conhecimento geográfico, Tuan (op.cit) destaca a importância desta, para a construção das topofilias e topofobias, pois estes sentimentos representam uma resposta mecânica dos sentidos aos estímulos externos, onde certos fenômenos são ressaltados e registrados, enquanto que outros são totalmente preteridos.

Amorim Filho (1985, p. 14) caracteriza esse novo modelo de abordagem geográfica da seguinte maneira: “o pressuposto fundamental é a maneira como as pessoas se comportam no mundo real, não a partir de um conhecimento objetivo deste, mas sim das imagens subjetivas que tem dele”. Essa tendência, segundo Amorim Filho (1985) representa uma corrente de interseção entre o geográfico, o psicológico e o sociológico.

Assim, a Geografia Humanista procura valorizar a experiência do indivíduo ou de um determinado grupo, objetivando compreender o comportamento e a maneira de sentir das pessoas em relação a certas categorias de análise geográfica, tais como o espaço, paisagem, lugar e território.

Neste sentido, Corrêa (1995, p. 30) destaca que:

A Geografia humanística assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real.

No Brasil, ela surgiu como uma filosofia questionadora, pois criticou severamente outras correntes filosóficas, sobretudo a positivista, ao destacar o homem como o sujeito mais importante na construção do conhecimento. Neste sentido, há de se considerar também que a fenomenologia se firmou como sendo o estudo das essências, podendo-se ressaltar, as essências da *percepção*, da *consciência* e do *pensamento* (Suertegaray, 2005).

Em síntese, a Geografia Humanista apresenta sua base teórico-metodológica na fenomenologia-existencialista, a este respeito Suertegaray (2005, p.31) destaca o seguinte:

A partir dos anos de 1990 a Geografia Humanista adquire maior amplitude e se constitui hoje em uma tendência expressiva que se distancia, em parte da fenomenologia Clássica e se aproxima do existencialismo, do marxismo e/ou se amplia numa visão que incorpora a cultura, as representações e seus significados, Nesta perspectiva encaminha a leitura geográfica para uma compreensão Hermenêutica, onde o que se busca é compreender, interpretar o sentido do vivido, a partir dos significados criados, construídos e, por consequência, materializados no espaço geográfico.

Para Amorim Filho (2006), os primeiros estudos de Percepção em Geografia no Brasil começaram com a valiosa contribuição de Livia de Oliveira, que traduziu para o português nos anos de 1980 e 1983 duas obras fundamentais do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. *Topofilia* (1980) e *Espaço e Lugar* (1983) que provocaram um forte impacto sobre a evolução epistemológica da Geografia Brasileira, que naquela época (1980) estava excessivamente polarizada pela Nova Geografia (quantitativa, teórica e neopositivista), ou pela Geografia Nova (racional, crítica e neomarxista).

Foi por intermédio de suas traduções que Livia de Oliveira disseminou entre os geógrafos e vários outros profissionais de áreas afins do Brasil algumas das contribuições básicas desse grande expoente da Geografia Humanista, tais como:

- Temas até então pouco estudados em nosso meio, como o de percepção Ambiental, etnocentrismo, mundos pessoais, atitudes e valores ambientais, símbolos nas paisagens, geografias experienciais, imagens e imaginabilidade,...
- Conceitos que tiveram seus significados aprofundados e/ou ampliados como, entre outros, os de: espaço, tempo, lugar, paisagem, orientação...;
- Conceitos e temas novos como, principalmente, os de topofilia e topofobia, hoje em dia já grandemente assimilados e estudados no Brasil. (AMORIM FILHO, 2006, p. 13).

A partir de então, vários outros trabalhos de escopo humanista começaram a proliferar no país, principalmente, aqueles que enfocam a percepção do meio ambiente.

Motivada por esta nova abordagem geográfica, em 1988, na UNESP de Rio Claro-SP, a Professora Lucy Marion Machado, sob a orientação da Professora Livia de Oliveira, defende a primeira tese de doutoramento sobre percepção do meio ambiente no Brasil. A tese recebeu o título de *A Serra do Mar Paulista: Um Estudo de paisagem Valorizada*. Segundo as colocações da própria Machado (1996) o objetivo, as bases epistemológicas e a técnica para a obtenção dos dados em sua pesquisa foram:

Estudar a serra do Mar Paulista, através da variedade de relacionamento que o homem pode estabelecer com a paisagem serrana. As Contribuições de Lowenthal, Tuan e Dubos proporcionaram a base teórica para este estudo da Serra como cenário de experiência humanas diretas e indiretas e foram guias preciosos para a construção do instrumento de medida, um questionário aberto aplicado a 240 sujeitos, 163 homens e 77 mulheres, de idade entre 23 e 71 anos. Eles foram divididos em três grupos de 80 sujeitos, constituídos de pessoas que moram/trabalham na Serra do Cubatão; àqueles que preocupam intelectualmente com a Serra; e àqueles que decidem e orientam as ações sobre os problemas da Serra. O estudo da paisagem da Serra do mar Paulista foi então abordado como fenômeno experienciado, através dos três aspectos que estruturam as manifestações topofilicas: na percepção da paisagem, na atitude diante dela e no valor a ela atribuído. (MACHADO, 1996, p. 53).

No ano de 1990, também sob a orientação da professora Livia, o professor paranaense Lineu Bley doutorou-se ao defender sua pesquisa sobre *Morretes: um estudo de paisagem Valorizada*, onde procurou reconhecer os pontos de vista em que a paisagem é considerada de maior beleza cênica e quais eram as qualidades que as faziam mais valorizadas, assim como procurou identificar quais os níveis em que ela pode ser manejada e utilizada sem que perca o seu valor. Para isto, o autor fixou três variáveis para definir a sua população amostral: a faixa etária, a residência e a situação de estudante. Quanto à primeira, a faixa etária selecionada ficou entre 14 a 22 anos, por considerar que os jovens são capazes de construir um sistema combinatório de idéias e proposições; a segunda é justificada em função da relação topofílica entre o sujeito e o lugar; e a terceira variável é definida por questões operacionais, já que o trabalho exigia uma seqüência de etapas a serem feitas com os mesmos entrevistados. Desta forma, os sujeitos selecionados foram 120 alunos matriculados no Colégio Estadual Rocha Pombo, a principal e maior escola do município de Morretes.

Para a realização deste estudo o autor utilizou-se do triângulo metodológico proposto por Whyte (1977) e de fotografias que foram selecionadas no decorrer das investigações.

Amorin Filho (1996) também se insere nesta linha de pesquisa, ao abordar os conceitos de *topofilia* e *topofobia* e *topocídio* em Minas Gerais. Para alcançar este propósito, o autor divide o seu trabalho em três partes fundamentais: na primeira ele elabora uma discussão histórico-conceitual; na segunda aborda os sentimentos topofílicos e topofóbicos dos mineiros; na terceira parte faz uma exploração inicial sobre algumas ações ligadas ao meio ambiente, por ele caracterizada como topocídio. Para a realização deste trabalho o autor envolveu várias cidades mineiras que foram selecionadas em função de sua posição geográfica e pelas facilidades oferecidas. O instrumento de pesquisa utilizado por ele foi o questionário composto de duas partes, com questões que diziam respeito aos lugares e as paisagens representativas e atraentes (topofílicos) e os que, por alguma razão, repeliam ou eram considerados desagradáveis (topofóbicos). Os sujeitos da pesquisa foram estudantes da 3ª. série do Ensino Médio. Em cada cidade envolvida o autor aplicou no mínimo 30 questionários. De acordo com os dados obtidos, Amorin Filho (1996), pode perceber algum consenso quanto aos lugares e paisagens valorizados, como as cidades históricas em geral. Quanto aos lugares e paisagens que provocam topofobia, (ou aversão) as respostas foram sempre pouco extensas e nem sempre claras, apesar disso, as informações coletadas também mostraram algum consenso.

Ainda neste sentido, deve-se destacar também, as contribuições de Sartori (2000), pioneira nos estudos de Percepção Climática em nível nacional ao defender a sua tese de doutoramento sobre “*Clima e Percepção*”, em que aborda a influência que o clima e alguns tipos de tempo exercem sobre o metabolismo humano, gerando alterações de ordem física e psicológica em alguns indivíduos mais sensíveis às alterações de certos componentes climáticos, sobretudo, da temperatura, da pressão, do vento e da umidade.

2.3 A Fenomenologia

Mello (1990) destaca que a Geografia Humanista, ao discordar que os estudos humanos devem ser baseados em ciências positivistas busca entender as relações homem-meio apoiando-se no aporte teórico/filosófico de uma rede de tendências como à fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica. E dentre estas tendências, a fenomenologia é a filosofia de sustentação para a maioria dos estudos humanistas na Geografia.

Segundo Holzer (1997), os estudos fenomenológicos recaem sobre a valorização do indivíduo e, por conseguinte, aceitam a subjetividade e a própria experiência de vida como fontes de conhecimento.

Os significados contemporâneos da Fenomenologia são atribuídos à filosofia de Edmund Husserl (1859 – 1939), que embora tenha sido um matemático por formação, tornou-se um dos maiores filósofos do século XX ao tentar transformar a filosofia em uma ciência exata. De acordo com Giles (1975), foi Husserl que proporcionou o instrumento metodológico da Fenomenologia, embora esta, possua raízes mais antigas como em Kant e em Hegel. Ela é definida como sendo uma filosofia que descreve um fenômeno a partir da percepção e experiência, manifestada pelos indivíduos que convivem com o fenômeno no tempo e no espaço e o interpretam segundo as leis do seu conhecimento ou da sua consciência.

Etimologicamente, Fenomenologia é o estudo do fenômeno. Para Husserl (1937 apud DARTIGUES, 1971, p. 13), “o sentido de ser e do fenômeno não podem ser dissociados, pois a consciência só pode ser assim entendida quando dirigida para um objeto e este só pode ser definido em sua relação com a consciência sendo, portanto, objeto para um sujeito”.

A compreensão desta linha filosófica fica mais esclarecida se atentarmos para o significado de fenômeno, cujo conceito dá sustentação aos diferentes modos de conhecer. A palavra fenômeno, de acordo com as colocações de Husserl (1937 apud ZILLES, 1996), é

antiga na história da filosofia ocidental, sendo que a palavra fenomenologia agrupa a palavra “fenômeno” e “logos”, o que significa etimologicamente o estudo ou a ciência do fenômeno, portanto, a tarefa da fenomenologia é estudar a significação das vivências da consciência.

O fenômeno é para Husserl (1937 apud GILES, 1975, p. 132) simplesmente “aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura. Já a fenomenologia, é para ele um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação”.

Para Husserl (1937 apud ZILLES, 1996, p. 19) a “fenomenologia pretende ser ciência das essências e não dos fatos, é a ciência da experiência, que descreve os universais que a consciência intui quando lhe apresentam os fenômenos”. Esta afirmação de Husserl (1937 apud Zilles, 1996) vai ao encontro das colocações de Buttimer (1985, p. 169 apud MELLO, 1990, p. 99) ao escrever que “a fenomenologia interpreta a apreensão das essências através da experiência vivida, aplicada e adquirida pelo indivíduo e não se detém ou distingue o objeto ou o sujeito, sendo uma filosofia da experiência”.

De acordo com Holzer (2001), Edward Relph foi um pioneiro na discussão sobre o uso do método fenomenológico pela Geografia, ele enfatizava a importância do método para renovar a disciplina. Em seus estudos, Relph (1979 apud XAVIER, 2004, p.88) coloca em destaque o conceito de fenomenologia:

Ao esclarecer que ele tem a ver com os princípios, com as origens do significado e da experiência, e que é concernente a fenômenos tais como conduta, lugar e toponímia, os quais não podem ser compreendidos somente através da observação ou da medição. Eles devem primeiro, serem vistos para serem compreendidos como eles realmente são.

Já para Suertegaray (2005), a fenomenologia na ciência geográfica se expressa na idéia de **Geograficidade** que consiste nas experiências de vida em relação ao espaço e ao tempo. Neste sentido, entende-se que Geograficidade é a maneira do homem relacionar-se com os objetos e com as pessoas que os cercam, sendo a geograficidade uma dimensão espacial da experiência humana que começa desde o nascimento. São as respostas que os homens dão as suas vivências, tornando-se cada vez mais ampla e complexa com o decorrer do tempo.

Isto pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente, no qual o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligado a terra. Nesse sentido a abordagem perceptiva incorpora a idéia fenomenológica do mundo-vivido, um mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados, no qual o ser humano está intrinsecamente envolvido em

sua vida diária. Para Tuan (1980), o mundo-vivido pode ser abordado através de três fenômenos inter-relacionados da experiência humana, os quais podem constituir os pólos do mundo-vivido geográfico: O espaço, como experienciado, a paisagem como a superfície limitante do espaço e o lugar como centro de significado no espaço e na paisagem.

Enfim, com respaldo no mundo vivido, o geógrafo pode, de acordo com as colocações de Christofolletti (1985, p. 23), “entender como nasce à magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial, a distinção de diferentes pontos da cidade, o encantamento, o esnobismo, o desprezo, a atração, o consumo, a deterioração e o que é típico dos lugares”.

Para Relph (1981, p. 101 apud MELLO, 1990, p. 99.) a fenomenologia veio para:

Resgatar o que por muito tempo os geógrafos excluíram de suas abordagens, os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento e agradabilidade ou os elos entre as pessoas e o meio ambiente (topofilia), o pavor (topofobia), a fixação aos espaços e lugares e as experiências cotidianas. A fenomenologia, considerando esses atributos, serviu de via para estes especialistas, com vista ao entendimento do mundo vivido, pois diferentemente da ciência que omite as questões da vida não trata o mundo independentemente dos seres humanos.

Ainda segundo Relph (1970, p. 193 apud HOLZER, 1996, p. 122) o método fenomenológico é:

O mais apropriado para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, entretanto é o mais inadequado para a análise ou explicação do mundo objetivo através do desenvolvimento de teorias. Esse método, dizia ele, permite o reconhecimento e a descrição das essências das estruturas perceptiva, rejeitando as aproximações mecanicistas da ciência e valorizando a experiência e a intencionalidade humana.

2.4 A Percepção da Paisagem na Geografia

Sendo a paisagem um elemento que compõe a abordagem geográfica, seu significado tem variado ao longo do tempo e espaço, e foi somente a partir do século XIX que seu conceito foi capaz de dar unidade e identidade à ciência geográfica. Em outros tempos, seu conceito ficou relegado a um segundo plano, perdendo posição para outras categorias de análise tais como: região, espaço, território e lugar.

Meynier (1969 apud BLEY, 2006, p. 104) considera que foi no final do século XIX que a maior parte dos geógrafos encontraram na paisagem o objeto de estudo da Geografia, afirmando que “a Geografia tem as paisagens como a Aritmética têm os números”.

Rougerie (1971) também estabelece uma relação mais íntima entre paisagem e Geografia ao defini-la como o estudo da paisagem, pois ao localizar fatos e apreender diferenciações ela busca a expressão material destas diferenciações, que para o autor são as paisagens. Entretanto, segundo Cabral (2000), ocorreu nas últimas décadas do século XX uma crescente retomada sobre os conceitos de paisagens, cujo objetivo principal era buscar uma visão holística do meio ambiente.

Pelo fato da *paisagem* estar associada às formas visíveis da superfície terrestre, seu conceito, na maioria das vezes, são imprecisos e abrangentes. Sendo a *paisagem* um dos termos centrais deste trabalho, torna-se necessário discorrer sobre o seu significado etimológico, ainda que de maneira breve, já que o objetivo desta pesquisa é articular idéias que permitam ver e pensar a paisagem enquanto fenômeno vivido, e não o de realizar um resgate histórico sobre a evolução do seu conceito na ciência geográfica.

O termo paisagem de acordo com Claval (1995 apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2004) surgiu no século XV nos Países Baixos, sob a forma de *Landskp*. Ela aparece durante muito tempo como uma forma de expressar a arte, ou seja, através de pinturas artísticas do século XVI e XVII, como em quadros de Claude Lorrain por exemplo.

Cabral (2006), também acredita que o aparecimento da palavra paisagem em línguas européias, assim como as suas primeiras representações pictóricas datam do século XVI. Entretanto, para Naveh; Lieberman (1984 apud GUIMARÃES, 2002) é no período da renascença e principalmente nos séculos XVIII e XIX, que a conotação de espacialidade adquiriu uma significação crescente quanto à experiência da paisagem, em termos espacial/visual. Ao tratar da evolução deste conceito, estes autores dizem que é só a partir do século XIX, quando Humbolt introduziu o termo paisagem (*em alemão Landschaft*), que a mesma ganhou um sentido científico - geográfico ao definir o caráter total de uma dada região do planeta. Com o passar do tempo, em função dos problemas de organização espacial, houve necessidade de se desenvolver novas abordagens que melhor definisse o conceito de paisagem. Assim, novos estudos foram realizados, onde a paisagem estava intimamente relacionada ao conceito de região, que ora privilegiava os aspectos fisiográficos, ora os socioeconômicos e culturais variando de acordo com a linha de investigação geográfica. Desta forma, ainda no final do século XIX e início do século XX o estudo sobre as paisagens foram

de acordo Naveh; Lieberman (1984 apud GUIMARÃES, 2002, p. 123) feitos da seguinte maneira:

Não existia uma análise integrada da natureza e sociedade, das paisagens naturais e as construídas, isto somente veio acontecer no período posterior à segunda guerra mundial quando as questões geopolíticas relativas à reorganização das fronteiras internacionais, rupturas de relações colonialistas e estabelecimentos de acordos colaboracionistas e mercantis, levaram à emergência de diversas formas de abordar as questões sobre paisagem. Esta mudança de atitude estava também vinculada a uma tomada de consciência científica diante dos problemas de degradação ambiental, crescimento populacional, utilização sustentada de recursos, poluição, etc.

Foi em meio a este ambiente de transformação do pós II Guerra Mundial é que surge na Europa Central a *Ecologia de paisagens* como uma ciência interdisciplinar. Essa nova concepção trazia como pressuposto mudanças de atitudes e condutas, assim como atitudes de reconhecimento de um meio ambiente integrado, onde a paisagem é uma dimensão concreta espaço/temporal que, de acordo com Naveh e Lieberman (1984 apud GUIMARÃES, 2002.), vai definindo entidades do Ecossistema Total Humano.

Del Rio (1996), em seu artigo sobre “*Paisagens, Realidades e imaginários: a percepção do cotidiano*” menciona que os estudos sobre a percepção da paisagem ou mesmo aqueles destinados a percepção ambiental apresentam, hoje, cinco áreas de investigação que segundo ele são as seguintes:

1) Estudos que se propõem investigar as influências que a percepção ambiental exerce sobre a saúde do homem, vinculando assim, os estudos perceptivos aos da medicina e aos da psicologia terapêutica;

2) Estudos que analisam as condutas humanas, ao analisar a influência da cultura na percepção no comportamento consciente e nas atitudes que os indivíduos têm perante o mundo;

3) Pesquisas que se propõe compreender e explicar as sensações e os sentimentos que as configurações do ambiente físico ou artificial causam no homem;

4) Pesquisas sobre cognição em que se investiga a maneira como se processa o conhecimento, desde o momento em que ocorre a percepção das informações presentes no ambiente, até a geração das chamadas condutas ambientais;

5) Estudos sobre aos avanços técnico-científicos, e a possibilidade da cidade estar se tornando um “não lugar”, uma vez que as paisagens, as relações físico-espaciais e sociais encontram-se pulverizadas pelo avanço da informação, onde a topologia eletrônica passa a

substituir as relações perceptivas diretas. Neste sentido, deve-se destacar que o trabalho aqui apresentado se enquadra na terceira área de investigação mencionada por Del Rio (1996).

Ainda sobre esta temática, Del Rio (op.cit) esclarece que os estudos desenvolvidos no Brasil têm seguido três eixos principais: o primeiro fundamentado nos estudos de Lynch (1960); o segundo segue os ensinamentos da semiótica (Ciência que estuda a relação entre os signos lingüísticos ou não, e seus significados) e o terceiro são aqueles que adotam a visão holística da Geografia Humanista, fundamentados pelas obras de Yi-Fu-Tuan.

Foi nas últimas três décadas do século XX e no campo da Geografia Humanista que os estudos sobre paisagem foram retomados. Diferentes formas de abordagem foram surgindo como a percepção ambiental, por exemplo, que investiga a paisagem como um fenômeno vivido e de maneira inter e multidisciplinar.

A paisagem enquanto objeto de investigação e análise geográfica é segundo Guimarães (2002, p. 124), “um mosaico de inúmeras variantes em estágios diversos de interações simultâneas e contínuas transformações”. Na visão Geográfica Cultural de Sauer (1925, apud Corrêa; Rosendahl, 2004, p. 7) a paisagem é definida como “o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural”.

Contudo, observou-se com a revisão bibliográfica que o conceito de paisagem evoluiu de uma visão cartesiana e mecanicista para uma visão estruturada em bases sistêmicas e integrativas, acompanhando os movimentos teóricos que subsidiam a prática científica. Neste contexto, Figueiró (1998) destaca que o conceito de paisagem vem acompanhando a história da ciência geográfica desde o seu nascimento até os dias atuais.

Assim, pelo fato de paisagem ser um conceito abrangente, a maior parte do referencial teórico a partir de agora se fundamentará em autores cujas concepções teórico-metodológicas se enquadram na visão fenomenológica do saber geográfico, e que a conceitue enquanto fenômeno vivido. Desta forma, deve-se esclarecer que a abordagem fenomenológica é marcada pelo envolvimento do pesquisador para com o objeto de estudo, assim como tem a subjetividade como parte de sua análise. Portanto, ao contrário das demais correntes do pensamento geográfico que priorizava a valorização da imparcialidade e da objetividade em suas análises, a Geografia Humanista, como salienta Holzer (1993) surge como uma alternativa a toda esta concepção de ciência, ao aceitar a subjetividade e a experiência de vida dos indivíduos como fontes de conhecimento.

Nesta abordagem, o conceito de “paisagem vivida” está intimamente relacionado com os processos de percepção, cognição, afetividade, memória, alienação, valorização e construção de imagens. E conforme as colocações de Guimarães (2002, p. 125):

Todos os fatores implícitos nestes processos, ao gerarem interações diferenciadas, envolvem muitos aspectos referentes às formas de experienciar e aprender a amplitude dos dimensionamentos espaciais e temporais, onde para entendermos a paisagem vivida, não basta apenas a análise da percepção da dinâmica de suas estruturas espaciais, ecológicas, culturais, presentes no cotidiano de nossos lugares. É necessário que estejamos realmente imersos numa relação corpo/espírito/paisagem com os espaços que se prolongam em sua própria existência as dimensões do imaginário, do mítico, do símbolo, porque estes estão delineados e coloridos pelos sentimentos.

Esta maneira de experienciar as paisagens incorporam o significado de vivido, pois derivam de percepções, valores e atitudes diante de espaços e lugares, que de acordo com Tuan (1983), remete a outras realidades geográficas que vão além das coordenadas cartesianas, das técnicas quantitativas e pragmáticas, para fundamentar-se em aportes filosóficos da fenomenologia/existencialista.

Comumente definida como uma porção do espaço apreendida com o olhar, a paisagem segundo Cabral (2006) deve ser considerada como objeto de cunho sensorial e estético. Sendo assim, deve-se reconhecer que a visão, essencial para a percepção das paisagens, não se limita a receber passivamente os estímulos externos, mas os organiza para lhes atribuir sentido (interpretação).

Ronai (1976 apud CABRAL, 2006) também afirma a inexistência de um olhar virgem e inocente, e que o olhar não é somente um exercício de um sentido (no caso da visão), ele é também a produção de um sentido (significado). Conforme Meinig (2002, p. 35), “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”.

Barbosa (1998) alerta a importância de se ter em mente que o arranjo de formas naturais ou artificiais assume diferentes sentidos segundo o “modo de olhar”, pois oferecida à percepção humana e, ao mesmo tempo, produto das experiências, a paisagem se traduz como um campo de significação individual e sociocultural. Neste sentido, a leitura da paisagem encontra-se vinculada à percepção sensível do espaço, onde, de acordo com Bueno (1994, p. 34), os “verbos conhecer e viver desdobra-se em padecer, esperar, amar, discutir, negar, em síntese, experienciar”.

Guimarães (2000, p.8) ao abordar as paisagens geográficas enquanto cenários do mundo vivido define-as como “símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam silenciosamente da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às visões e rupturas do ser humano com seu espaço vivido”.

Para Cosgrove (1998) o surgimento da noção de paisagem vincula-se a uma maneira de ver e conceber o mundo, de compô-lo em uma cena. Já para Collot (1990), a paisagem diferentemente das outras categorias espaciais construídas por meio de um sistema científico e simbólico como o mapa, ou sócio-cultural como o território, se define a partir de sua percepção, ou seja, como um espaço percebido; destacando ainda, que as definições sobre paisagens percebidas são muitas e para um melhor entendimento o autor remete a três elementos essenciais para a sua compreensão: a noção de *Ponto de vista*, a de *parte* e a de *unidade*. Assim, a paisagem se define como o espaço ao alcance do olhar e à disposição do corpo se revestindo de significados vinculados aos comportamentos possíveis.

Primeiramente, a paisagem é definida a partir do *ponto de vista*, ou seja, de onde ela foi ou é observada. Neste sentido ela se revela numa experiência em que o sujeito e o objeto são inseparáveis, especialmente porque o sujeito se acha envolvido pelo espaço que é mensurado a partir dele mesmo (ponto zero da espacialidade). Em segundo, a paisagem oferece a quem observa apenas parte de uma determinada área, sendo que esta limitação está ligada a dois fatores: à posição do observador, que determina a extensão de seu campo visual, e ao relevo da área observada. Contudo, a parte de uma área que se observa como paisagem nunca é considerada como sendo absolutamente isolada, mas como parte de um espaço mais vasto que é fornecido pela experiência direta (pessoal) ou indireta (conceitual e simbólica).

Por não se deixar observar totalmente, é que a paisagem constitui uma unidade, ela forma um “*todo*” alcançado por um só “*golpe de vista*”. Esta convergência de elementos constitutivos torna também a paisagem apta a significar: ela se apresenta como uma unidade de sentidos, ela “fala a quem olha”.

Na opinião de Dardel (1952 apud CABRAL, 2000, p.39.) a paisagem compreende “Algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido; há uma ligação interna, uma “*impressão*”, unindo todos os elementos”. A princípio essa ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e o seu envolvimento com ela.

2.4.1 A Paisagem Urbana

Embora o objetivo deste trabalho seja a análise da paisagem urbana de Santa Maria enquanto fenômeno vivido acredita-se que algumas considerações acerca de seu significado irão enriquecer a problemática aqui exposta. Para tal, será abordado, ainda que de forma relativa/superficial, a concepção de paisagem urbana para alguns estudiosos que investigam o espaço urbanizado. Neste sentido, Moreira (1988) define a paisagem urbana como sendo um mosaico de formas com distintas funções e que nos permite uma leitura em diferentes escalas. Carlos (1992, p. 35) a considera “como um instantâneo registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela do aparente, do imediatamente perceptível, representação do real que cabe intuir.”

Ainda segundo Carlos (1992) ao se fechar os olhos e deixar a imaginação andar pela cidade inicialmente se vê o perceptível, o concretamente visível: prédios, casas, ruas, bairros, o boteco da esquina, o supermercado, a padaria etc. Que se apresentam de maneira diferenciada, pois são diferentes entre si. Paralelo a isto tudo não se pode deixar de pensar que existe todo o movimento peculiar à paisagem urbana, um “vai e vem” de carros e pessoas, ruídos diversos e de intensidades diferentes, tudo isto somado dá origem a uma paisagem genuinamente urbana.

Carlos (op.cit., p. 41) salienta que da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o espaço construído, imobilizado nas construções, e o movimento da vida.

O primeiro chama atenção pela diferença, pelo choque de contrastes nos tipos de utilização da cidade, do uso do solo urbano, enquanto o segundo elemento refere-se ao movimento das pessoas, apressadas ou não, dos meios de circulação, etc. Em suma é um lócus dinâmico de atividades exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais, vinculadas diretamente ao processo de reprodução do capital.

Assim, a paisagem urbana é fruto de obra coletiva produzida pela sociedade e, por isto, contempla todas as dimensões humanas. Nesta idéia a paisagem revela-se cheia de vida, assim como expressa sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida.

A referida autora também acrescenta que a paisagem percebida revela uma imagem aparentemente imóvel, um conjunto cheio de sentido, onde os seres humanos identificam-se com os espaços da vida que são pressentidos através da paisagem.

Neste sentido, há de se destacar também as colocações de Landim (2003, p. 24) sobre a importância de se estudar a paisagem urbana de uma cidade, pois segundo ela “a cidade pode ser reconhecida somente por intermédio de sua paisagem urbana e essa paisagem é resultante dos elementos econômicos, sociais e culturais que a produziram num determinado período e contexto”.

2.4.2 Paisagem e Geograficidade

De acordo com alguns autores, as relações humanas com os espaços, paisagens e lugares são chamadas de “*Geograficidades*”, mais vividas do que expressas. A geograficidade, de acordo com Dardel (1952), é a idéia que encerra todas as respostas e experiências que se tem dos ambientes nos quais se vive. Quando são positivas e agradáveis são segundo Tuan (1980), experiências topofílicas, mas quando são negativas, desagradáveis ou repulsivas, são experiências topofóbicas. Assim, os termos topofilia e topofobia propostos por Tuan (1980) estão associados ao caráter do ambiente e com os valores e atitudes daqueles que os experienciam.

O termo geograficidade para Cabral (2000, p. 41) “inclui os bons e os maus encontros com os ambientes e, possivelmente, a atração por um e o desagrado pelo outro adquirem suas forças e qualidades através da comparação”. Holzer (1997) vai ao encontro dessa idéia ao colocar que a geograficidade é a cumplicidade constante entre o homem e o seu entorno, que se desenrola em um espaço material do qual a existência humana não pode se descartar. Portanto, a complexidade da geograficidade deve-se ao fato de que nela estão incluídas atitudes e comportamentos humanos e como todo o mundo vivido, está constantemente sendo obscurecida por conceitos, idéias e explicações.

Contudo, pode-se notar o quanto é difícil estudar a paisagem enquanto categoria de análise geográfica, mesmo para aqueles geógrafos mais experientes, pois além de ser uma temática ampla é segundo Machado (1988), uma tarefa multidisciplinar, que consiste na interação do homem com o seu meio ambiente. O contato direto, contínuo e prolongado seja com o espaço, paisagem ou lugar, irão transformar a percepção individual em importante elemento para a avaliação de meios ambientes passados, presentes ou futuros. Ao desenvolver

este tipo de estudo, o pesquisador estará objetivando, segundo Rapoport (1978, p. 48), “ estudar, entender e interpretar como as pessoas percebem, outorgam significados e organizam conceitualmente as cidades”.

3 METODOLOGIA

A especificidade dos estudos de percepção ambiental e o seu desenvolvimento recente fazem com que não haja uma metodologia ou sequer um instrumento de medição que possa ser considerado o mais indicado Del Rio (1996). Neste sentido, Sartori (2000, p. 150) destaca que “embora as técnicas de investigação tenham se ampliado nos últimos anos a muito a ser testado e explorado nos estudos de percepção, dada a variedade e complexidade dos problemas e fatos a investigar”.

Portanto, para melhor entender os procedimentos adotados nesta pesquisa, criou-se um roteiro metodológico representado pela Figura 1 localizada no final do capítulo da Metodologia. Assim, de acordo com o roteiro realizou-se num primeiro momento a definição da problemática a investigar, bem como a construção da revisão teórica e metodológica de base, que serviram de subsídios para o desenvolvimento do trabalho.

Para verificar as sensações topofílicas e topofóbicas da população santamariense para com a sua paisagem urbana teve-se como indicador espacial o bairro Centro da cidade (Figura 2), que foi escolhido devido as suas peculiaridades históricas e urbanas e por representar uma área onde o processo de urbanização é mais intenso.

No que se refere à técnica empregada neste trabalho, constatou-se, através da literatura consultada, que a grande maioria dos trabalhos envolvendo a percepção do meio ambiente e a percepção em Geografia está de alguma forma vinculada às obras de Whyte (1977) e Zube (1984), pois mesmo quando adaptadas, preservam na sua essência os fundamentos principais destes autores.

Neste trabalho, a metodologia adotada foi a proposta por Whyte (1977) e igualmente utilizada por Sartori (2000), que sugeriu adotar um triângulo metodológico de pesquisa formado pela tríade *observando, perguntando e ouvindo e registrando* (Figura 3). Sartori (2000) explica didaticamente o que significa cada uma destas estratégias metodológicas: o “observando” corresponde à preocupação com as técnicas aplicadas durante os trabalhos de campo realizados no decorrer da pesquisa, assim como, um breve reconhecimento da área em estudo.

No “perguntando” enquadram-se as entrevistas com questões abertas, fechadas ou questões mistas, que podem ser classificadas como padronizadas e não padronizadas. Neste sentido, Marconi; Lakatos (1982 apud SARTORI, 2000, p.157) colocam que “a entrevista

padronizada possui um roteiro previamente estabelecido com perguntas pré-determinadas, podendo ser na forma de questionários e de formulários”.

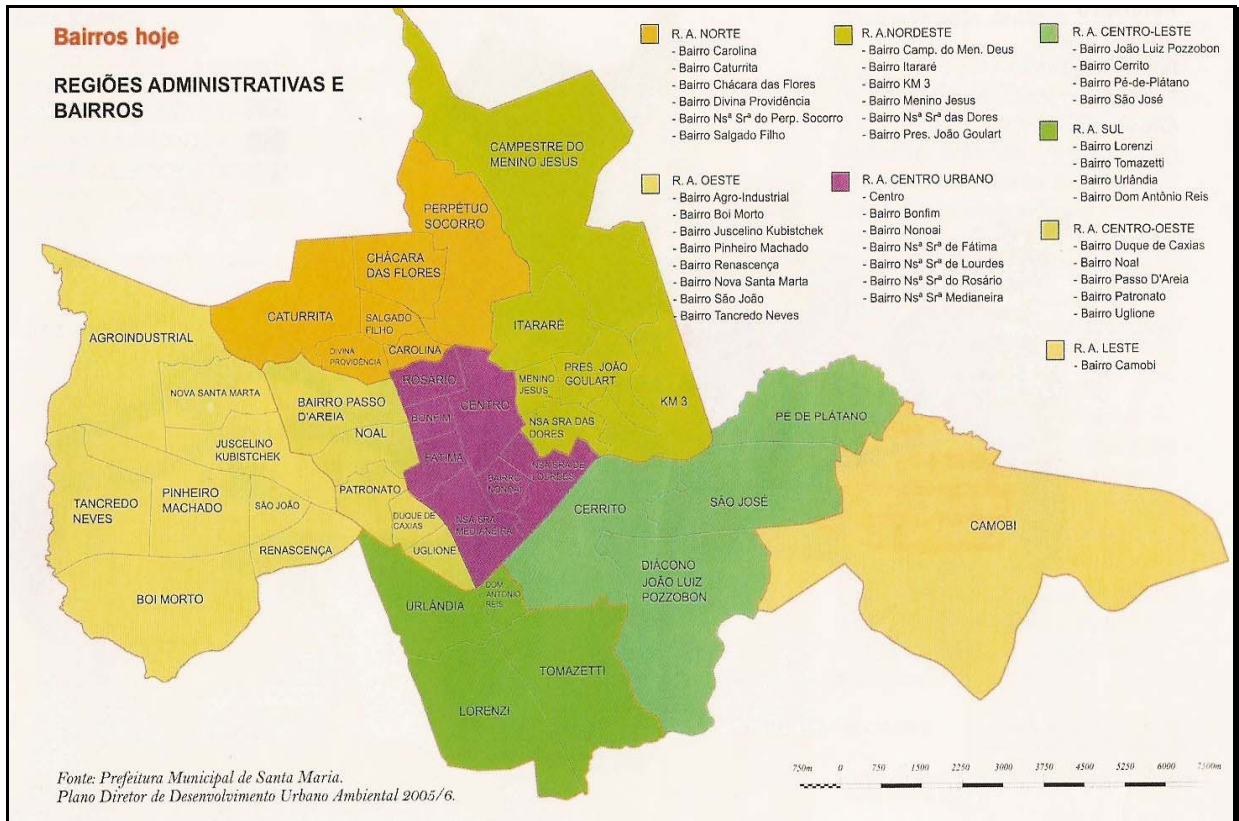


Figura 2 – Mapa das Regiões Administrativas e Bairros de Santa Maria.

Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria/Plano Diretor de desenvolvimento Urbano Ambiental de 2005/06.

Neste trabalho, o instrumento de pesquisa utilizado é classificado como “formulário”, pois houve a participação simultânea do pesquisador na hora em que as entrevistas foram efetivadas. O “ouvindo e registrando” ocorreu durante as entrevistas, onde através do diálogo as percepções dos entrevistados foram sendo registradas no formulário para só depois serem analisadas.

Nesta pesquisa, o tratamento metodológico realizou-se em três etapas: Na *primeira* foi feito um reconhecimento empírico do bairro Centro, através de percurso realizado a pé pelo próprio pesquisador, que munido de um bloco de papel, anotou os pontos que melhor servissem para coleta dos dados.

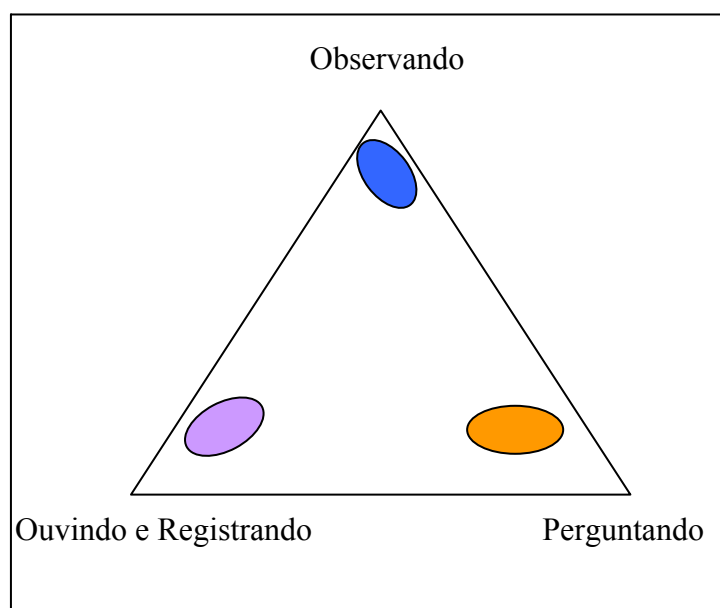


Figura 3 - Triângulo Metodológico da Pesquisa

Fonte: Whyte (1977 apud SARTORI, 2000, p.154).

Assim, de acordo com este reconhecimento prévio e considerando as principais vias de acesso ao bairro, bem como o itinerário dos principais ônibus que servem à área mais central da cidade, optou-se, num primeiro momento, por seis pontos coletores: 1) Av. Rio Branco esquina com Av. Venâncio Aires, pelo fato de sediar o maior ponto de ônibus da cidade e por onde passa a maioria das linhas de coletivos, possibilitando, assim, um provável encontro com pessoas de diferentes bairros da cidade; 2) Calçadão da Bozano, em virtude do grande fluxo de pessoas de diferentes idades e classes sociais; 3) Praça Saldanha Marinho por ser um lugar de encontro e passagem de várias pessoas, inclusive idosos e aposentados, fator que facilitaria a aplicação dos formulários; 4) Praça Saturnino de Brito, pelas mesmas razões da Praça Saldanha Marinho; 5) Rua do Acampamento, por ser uma rua de comércio, prestação de serviços e de grande movimento de pessoas com idades e classes sociais distintas; 6) Santa Maria Shopping, por ser o maior shopping localizado no bairro Centro da cidade.

Delimitada a área e estabelecido os pontos coletores, partiu-se então para a aplicação de uma pesquisa-piloto (teste), que serviu para balizar e verificar se os pontos coletores e as perguntas contidas no formulário de entrevista estavam adequados aos objetivos do trabalho.

O local escolhido para a pesquisa-piloto foi às ruas do próprio bairro Centro, onde se abordou aleatoriamente algumas pessoas.

Ao término do teste, constatou-se que dois entre os seis locais selecionados anteriormente eram inviáveis para a aplicação dos formulários de pesquisa, pois tanto na Av. Rio Branco esquina com Av. Venâncio Aires como na Rua do Acampamento ocorreram problemas: na primeira, acreditava-se que por ser um ponto de ônibus que liga o Centro da cidade a diversos bairros, o encontro com diferentes sujeitos seria mais provável, como realmente foi, entretanto destacou-se um fator até então não pensado: o tempo. Em virtude de ser um ponto de ônibus, o tempo disponível das pessoas para responder as perguntas ficou limitado, sendo a maioria das entrevistas interrompida pela chegada do ônibus que era esperado pelo entrevistado; na segunda, constatou-se que por ser uma via de transição a maioria das pessoas abordadas não aceitaram participar da pesquisa porque estavam atrasadas, apressadas, sempre correndo, portanto, sem tempo de parar e responder o formulário com tranquilidade. Mediante os problemas constatados, tornou-se necessário restringir os pontos coletores de amostragem aos quatro restantes, ou seja, Calçada da Bozano, Praça Saldanha Marinho, Santa Maria Shopping e Praça Saturnino de Brito.

No que se referem às perguntas elaboradas, os entrevistados não apresentaram nenhum tipo de rejeição ou dificuldade que pudesse influenciar no seu entendimento ou nas suas respostas. Comprovada a inexistência de problemas estruturais capazes de comprometer os resultados da pesquisa, concluiu-se que as questões do formulário de entrevista estavam adequadas e com linguagem acessível, satisfazendo, portanto, integralmente aos objetivos pretendidos. Há de se destacar ainda que, para melhor planejar os trabalhos de campo, o tempo despendido em cada entrevista foi averiguado. Com isto, constatou-se que a duração média de cada uma ficaria em torno de dez minutos, oscilando para mais ou para menos dependendo do indivíduo entrevistado.

Concluída a pesquisa-piloto, partiu-se então para *a segunda* fase que envolveu a coleta dos dados. Nesta fase, os santamarienses abordados pela pesquisa foram convidados a apresentarem suas percepções individuais sobre a paisagem urbana do bairro centro da cidade, através do formulário de entrevista composto de duas partes e que foi elaborado pelo próprio pesquisador, conforme consta nos anexos A e B do trabalho. A primeira parte (Anexo A) é composta de questões fechadas, abordou dados pessoais dos sujeitos, a saber: o nome, sexo, idade, tempo de residência na cidade, local de moradia e trabalho, grau de escolaridade e

freqüência semanal com que a pessoa vai ao centro da cidade. Estas perguntas foram utilizadas para identificar o perfil dos sujeitos entrevistados.

A segunda parte é composta por sete perguntas abertas que podem ser vistas no (Anexo B). As perguntas abertas é que tiveram como objetivo coletar dados a respeito da percepção, atitudes e valores dos indivíduos entrevistados para com a paisagem urbana do Bairro, pois como destaca Fremont (1980, p. 96), “as perguntas abertas permitem obter expressões cujo referencial qualitativo é muito rico. Sendo, portanto, o inquérito por questionário um meio de investigação insubstituível nos estudos que enfocam a percepção do meio ambiente”.

Desta forma, as questões formuladas são as seguintes: 1) Para você, qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que mais lhe agrada? ; 2) Por quê? Estas perguntas, embora separadas complementam-se entre si, pois visam não só diagnosticar a paisagem urbana topofílica do entrevistado, como também os valores atribuídos a sua escolha.

3) Enumere, em seqüência de preferência, pelo menos três paisagens que lhe chame atenção; 4) Por quê? Estas perguntas foram feitas justamente para verificar se existe ou não mais de uma paisagem topofílica no bairro Centro da cidade.

5) Qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que menos lhe agrada? 6) Por quê? As perguntas de número cinco e seis serviram para verificar qual é a paisagem topofóbica do inquirido e os valores e sentimentos atribuídos a ela que culminaram em sua escolha.

7) Feche os olhos e pense na paisagem urbana do bairro Centro da cidade, o que você lembra? Salienta-se que esta pergunta foi utilizada por Lynch (1960) em seu trabalho sobre “A Imagem da Cidade” e por Bley (1982) em seu estudo sobre “A Percepção do Espaço Urbano: O Centro de Curitiba”, e serviu para obter a paisagem urbana mais significativa do bairro Centro da cidade, portanto, a imagem símbolo da mesma, segundo a percepção dos entrevistados.

Destaca-se, ainda, que o objetivo maior desta pesquisa, não foi a mensuração quantitativa, mas sim, a interpretação qualitativa dos dados, portanto, torna-se relevante destacar que a abordagem qualitativa difere da quantitativa em termos de fundamentos filosóficos e metodológicos.

Cobb; Hagemaster (1987 apud SARTORI, 2000, p.149-150.) colocam que a amostragem nestes dois tipos de pesquisas é diferente, e sugerem quatro recomendações ao selecionar um indivíduo para uma entrevista em estudos qualitativos: “boa vontade para

perceber o projeto principal; habilidades para experiências verbais; interesse do investigador; ausência de laços consangüíneos pessoais ou profissionais entre o indivíduo e o investigador”.

Em relação ao tamanho da amostra utilizada (nº. de entrevistados) não se encontrou na bibliografia consultada um número consenso que pudesse ser considerado como o mais indicado, pois varia de acordo com as necessidades, objetivos e locais de cada trabalho. Neste sentido, Machado (1988, p.60) destaca:

A medição na abordagem perceptiva é uma tarefa difícil e delicada, em face da riqueza e complexidade dos significados dos objetos da percepção humana. Onde o medir envolve diretamente a escolha dos procedimentos e técnicas de campo a serem utilizados na obtenção de respostas, capazes de permitir que se entenda como acontece a percepção do meio ambiente pelos homens.

A partir deste entendimento foi fixado um total de 150 sujeitos, número considerado suficiente para que os objetivos propostos fossem alcançados a contento, além de permitir a coleta das informações via instrumento de medida elaborado. A coleta dos dados foi realizada pelo próprio pesquisador durante os meses de novembro e dezembro de 2006 e efetuada em diferentes horários do dia, tendo como locais de coleta a Praça Saldanha Marinho, o Calçadão da Bozano, o Santa Maria Shopping e a Praça Saturnino de Brito. Antes da aplicação do instrumento de pesquisa, a pessoa era informada dos objetivos da investigação e salientada a importância de se ter uma informação precisa. A seleção dos 150 entrevistados seguiu alguns critérios, tais como: que fossem pessoas de ambos os sexos, com mais de 15 anos de idade, que residissem em Santa Maria a mais de cinco anos e que more, trabalhe ou use, de alguma forma, o setor mais urbanizado da cidade (centro).

A escolha por ambos os sexos, foi para evitar que a prevalência ou mesmo a homogeneidade de um dos gêneros viesse influenciar no resultado final desta pesquisa, pois, de acordo com Frémont (1980), o sexo e a idade dos indivíduos são fortes condicionantes da percepção espacial, portanto, são dados que não devem ser ignorados.

O critério da idade é justificado pelas colocações de Tuan (1980), que diz que a paisagem não tem muito significado para uma criança, pois ver a paisagem requer antes de tudo a habilidade de fazer uma distinção nítida entre o eu e os outros, o que para o autor é uma habilidade ainda pouco desenvolvida entre crianças de seis ou sete anos. Esta decisão, também foi tomada a partir das considerações feitas por Bley (1982), que descartou em sua pesquisa os indivíduos menores de dezesseis anos, por acreditar que estes não teriam vivência suficiente para caracterizar o centro urbano de Curitiba.

Para o critério tempo de residência (no mínimo 5 anos), levou-se também em consideração as colocações de Tuan (1980), que a este respeito considera a avaliação do visitante sobre o meio ambiente algo essencialmente estética, pois, segundo ele, o estranho irá julgar a paisagem urbana pela aparência, pela beleza, e não pelos sentimentos a ela atrelados, o que tornaria a amostra tendenciosa.

Já a decisão do universo amostral ser composto por pessoas que moram, trabalham ou usam de alguma maneira o bairro Centro da cidade partiu justamente da idéia principal desta pesquisa, ou seja, da “percepção da paisagem urbana de Santa Maria por seus moradores”. Desta forma, tornou-se coerente registrar a idéia e o sentimento de pessoas que de alguma forma estão familiarizadas com o setor mais central da cidade.

Ressalta-se, mais uma vez, que os critérios mencionados acima já foram utilizados por outros autores, como Lynch (1960) em sua obra “A imagem da Cidade”, por Bley (1982) em sua dissertação sobre “A Percepção do Espaço Urbano”, e por Machado (1990) em seu estudo sobre “A Percepção de paisagem e conflitos sociais na Serra do Cubatão, SP”.

Coletado os dados partiu-se para *a terceira* fase da pesquisa, onde as informações obtidas foram tabuladas mediante respostas semelhantes, quantificadas, analisadas e interpretadas em seu significado. Para identificar as paisagens que mais despertam sentimentos topofílicos e topofóbicos nos moradores santamarienses considerou-se apenas as paisagens citadas por no mínimo cinco pessoas. Esta decisão é justificada pelo fato de que não se pretende buscar a idéia individual que cada indivíduo tem da paisagem urbana de Santa Maria, mas sim, a imagem coletiva que um determinado grupo de pessoas tem do cenário urbano em estudo.

Dos 150 sujeitos que participaram da pesquisa, todos eram moradores ou usuários do bairro Centro da cidade há pelo menos 5 anos e com idade superior a 15 anos. O universo amostral é formado por 43% de homens e 57% de mulheres tendo como faixa etária mais expressiva o intervalo que vai dos 15 aos 24 anos e tempo de residência predominante entre 15 e 24 anos. Salienta-se que para estabelecer a faixa etária e o tempo de residência mais significativo utilizou-se o seguinte procedimento estatístico:

1º - Ordenamento dos dados em Rol ;

2º - Determinação do número de classes, pela regra de Sturges, que é dada por:

$$K = 1 + 3,3 \cdot \log n$$

$$K = 1 + 3,3 \cdot \log 150$$

$$K = 1 + 3,3 \cdot 2,17$$

$$K = 1 + 7,16$$

$K = 7 \rightarrow$ ao arredondar, fica 7 o número de classes.

$K \rightarrow$ Número de classes
 $N \rightarrow$ Número total de entrevistas

3º - Determinação da distância entre as classes, a partir da seguinte fórmula:

► Amplitude das Classes (H):

$$H = \frac{X_{\text{imáx}} - X_{\text{i min}}}{K}$$

▼

$$H = \frac{R}{K}$$

Onde R = é a amplitude total e K \rightarrow o número de classes.

$$H = \frac{79 - 15}{7} = \frac{64}{7}$$

$H = 9,14 = 9,00 \rightarrow$ esta será a distância entre uma classe e outra;

4º- Etapa: Montagem das tabelas de freqüências: As tabelas podem ser visualizadas no capítulo referente a Análise e Discussão dos Resultados. A maioria dos sujeitos entrevistados pela pesquisa, apresentou como grau de escolaridade, o Ensino Médio completo, e desenvolvem atividades predominantemente estudantis e comerciais, freqüentam o centro da cidade seis vezes na semana e tem como principal meio de transporte o coletivo. O perfil e características da população amostral são detalhados em maior profundidade no próximo capítulo quando a análise de tabelas e gráficos serão interpretados em sua totalidade.

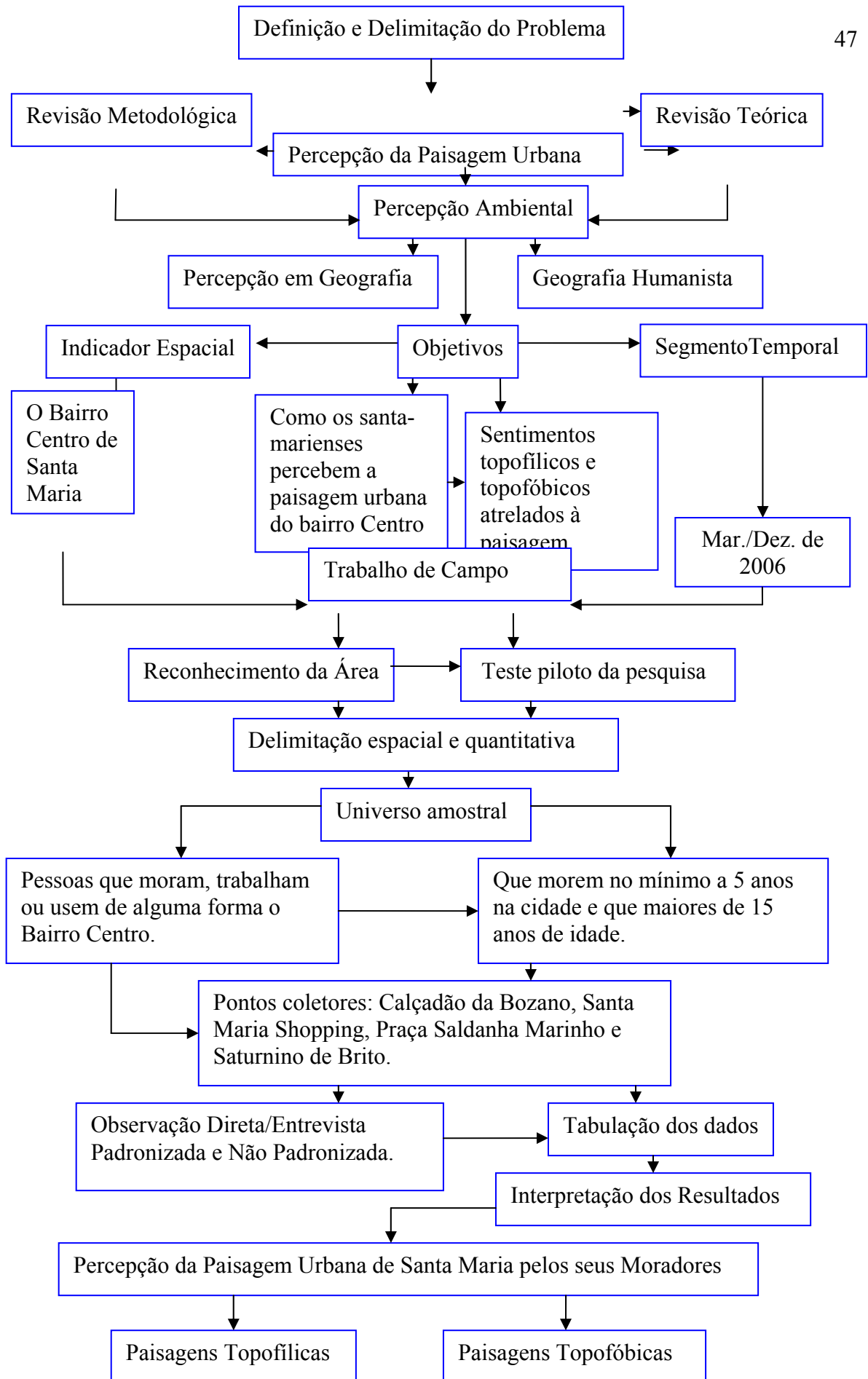


Figura 1 - Roteiro Metodológico da Pesquisa

Org.: Almeida, Alcionir Pazatto, 2007.

4 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

Este trabalho dissertativo terá como indicador espacial a cidade de Santa Maria-RS, cujo município se encontra localizado entre as coordenadas geográficas de 29°39'53'' a 29°43'56'' de Latitude Sul e 53°50'22'' a 53°45' de Longitude Oeste. O município possui uma área total de 1823,1 km² e está dividido em 9 distritos. Faz limites geográficos com os municípios de Itaara, Júlio de Castilhos e São Martinho da Serra ao norte, ao sul com São Gabriel e São Sepé, a leste com Silveira Martins, Restinga Seca e Formigueiro e a oeste com São Pedro do Sul e Dilermando de Aguiar, (Figura 4).

4.1 Aspectos Históricos

Segundo Belém (1989), as terras que hoje fazem parte do município de Santa Maria foram disputadas por Portugal e Espanha. Em novembro de 1797 chega a Santa Maria a primeira expedição que iria demarcar a área. Essa expedição permaneceu na cidade até o final de setembro de 1801, e durante este período elaborou mapas e documentos a pedido da Coroa Portuguesa. Quando a caravana partiu no começo de outubro de 1801 com destino a Porto Alegre, Santa Maria deixa de ser um acampamento da 2ª subdivisão Demarcadora de Limites para se tornar um povoado. Assim, já em 1835, Santa Maria apresentava um significativo progresso no que se refere ao comércio e indústria pastoril com uma população de 2.290 habitantes.

Segundo Belém (1989) foi pela lei provincial de n.º400, de 16 de dezembro de 1857, que a freguesia de Santa Maria da Boca do Monte foi elevada a categoria de vila, sendo em 17 de maio de 1858 oficialmente instalado o novo município.

4.2 Aspectos Socioeconômicos

De acordo com o IBGE (2005), a população total de Santa Maria para o ano de 2005 era de 261.980 habitantes, com uma densidade demográfica de 144,1 hab/km².

A cidade de Santa Maria constitui-se na quinta maior cidade do Estado, sendo um importante centro político-econômico regional e grande pólo de atração populacional.

Suas principais características funcionais estão de acordo com a FEE (1997) intrinsecamente vinculadas ao setor terciário (comércio e prestação de serviços) que absorve 80% da população economicamente ativa do município. Em segundo aparece o setor primário de atividades e, por último, o setor secundário que engloba indústrias de pequeno e médio porte que em geral são representadas pelas fábricas de móveis e alimentos.

A cidade apresentou nos últimos 10 anos um vertiginoso crescimento educacional o que a torna, segundo Sartori (2000), no mais importante centro urbano educacional do interior do Estado. Onde milhares de jovens de outras cidades (mesmo de fora do Estado) aqui se estabelecem à procura das Escolas de Ensino Médio e dos Cursos de Graduação que são oferecidos pela UFSM, UNIFRA, ULBRA, FAMES, FADISMA, FAPAS e FASCLA.

A cidade se sobressai também como um importante centro médico-hospitalar, representado pelo Hospital Universitário da UFSM, Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, Casa de Saúde, Hospital regional Unimed, Hospital de Guarnição Militar de Santa Maria (HGuSM), Hospital da Brigada Militar de Santa Maria (HBM) e futuramente pelo Hospital Regional da Rede Sarah, que aqui será instalado caso as divergências entre o Governo do Estado do RS e a Prefeitura Municipal de Santa Maria sejam superadas.

A importante função que a cidade desempenhou até o início da última década do século XX como centro ferroviário no setor de transporte de cargas e passageiros, hoje praticamente não existe mais, permanecendo apenas o de cargas de alguns produtos primários e, recentemente, a fabricação de vagões de trem pela Santa Fé Vagões, empresa vinculada a América Latina Logística.

Santa Maria se destaca ainda por ser um importante centro militar, em função de sua história (no passado, área de limites entre Portugal e Espanha) tendo, portanto, um significativo número de Unidades do Exército e Aeronáutica.

4.3 Aspectos Físicos/naturais

Geomorfológicamente, o município ocupa a zona de transição entre o Planalto da Bacia Paraná e a Depressão Periférica Sul-rio-grandense. É nesta transição que ocorre o domínio de planícies aluviais e coxilhas, sendo que as altitudes máximas ficam em torno de 400m (ao norte) e as mínimas cerca de 40m (ao sul).

Sartori (2000) ao caracterizar os atributos climáticos das unidades de paisagem do município relata que os invernos são relativamente frios, com temperatura média das máximas

do mês mais frio entre 13°C e 15°C e a média das mínimas em torno de 8°C e 10°C. Os verões são quentes, com temperatura média do mês mais quente superior a 24°C, sendo que as temperaturas máximas absolutas podem ultrapassar os 40°C.

Os ventos predominantes são os do quadrante E e SE, entretanto os mais fortes são os provenientes do quadrante norte (N e NW) e os mais frios de S e SW; os nevoeiros são freqüentes no outono-inverno, principalmente os de radiação, quando ocorre o domínio da massa de ar Polar Atlântica.

Sartori (1979, p.160), afirma que:

Em relação à participação dos sistemas extratropicais e intertropicais na região de Santa Maria, este varia de acordo com as estações do ano, entretanto, pode-se constatar que, em praticamente 90% dos dias do ano o controle do tempo é feito pelos sistemas polares, que determinam as principais características do clima no estado.

Almeida; Sartori (2001), ao analisarem os dados anuais de chuvas para o período de janeiro de 1913 a dezembro de 2001, observaram que a freqüência dos totais anuais de chuvas para a região fica entre 1303 a 1965 mm anuais, com uma média de 1679 mm ao ano, com um desvio-padrão de 163 mm, o que demonstra uma pequena dispersão e variabilidade dos índices pluviométricos. Assim como o desvio-padrão, o coeficiente de variação também demonstrou uma pequena variabilidade relativa ao longo do período, ficando na casa dos 7,8%.

As precipitações são regulares ao longo do ano, sem estação seca definida, sendo que os meses menos chuvosos são os de novembro e abril e os mais chuvosos os de setembro, outubro e junho.

Segundo Ab'Saber (1970) esse quadro climático determina processos morfogenéticos específicos e define uma drenagem constituída de rios essencialmente perenes, que exercem grande influência no modelado do relevo. O município de Santa Maria está situado na região que coincide com o baixo divisor de águas que separa a bacia Atlântica da bacia do Ibicuí, que por sua vez pertence à bacia do Uruguai.

Essa associação entre os elementos do suporte físico-terrestre e o clima, determinou, no município, segundo Moreira; Lima (1977) a existência de duas formações vegetais típicas: a primeira é a floresta Subcaducifolia Subtropical, que aparece no Rebordo do Planalto, onde existem condições favoráveis ao seu desenvolvimento, tais como maior umidade do ar, chuvas abundantes (efeito orográfico) e nevoeiros freqüentes. A segunda é representada pelos campos que ocupam a maior parte da área do município, caracterizados por espécies rasteiras

(tipo pradaria), com o predomínio de gramíneas, que muitas vezes associam-se a “*capões*” e “*matas-galerias*”, que são formações de matas com espécies semelhantes às das florestas subtropicais.

Quanto à percepção do espaço físico/natural de Santa Maria pode-se destacar a relato de Saint-Hilaire (1974, apud Sartori, 2005, p.7), que ao se referir sobre a paisagem da cidade, a descreve da seguinte maneira “de um lado avista-se alegre planície, cheia de pastagens e bosquetes e do outro a vista é limitada por montanhas cobertas de espessas e sóbrias florestas”.

Isabelle (1983), ao chegar a Santa Maria no ano de 1834, também faz referência a serra localizada ao norte da cidade como uma grande muralha escura. Já Ave Lallemand (1980 apud SARTORI, 2005, p. 7), compara em 1858 a paisagem de Santa Maria com a do seu país ao descrevê-la como “uma bonita aldeia suíça, uma vila cercada de sombrias laranjeiras, justamente à entrada da serra”. Num passeio à tarde na estrada da serra, o autor refere: “a magnífica floresta brilhava ao sol, enquanto, para sul, os campos se estendiam à distância”. Contemplando a aldeia do alto da serra ele faz a seguinte descrição:

Da crista da serra goza-se maravilhosa vista. Sobre belos vales e desfiladeiros descortina-se a aprazível Santa Maria e, mais ao longe, através dos imensos campos da Província, cujas ondulações, vistas do alto, quase desaparecem e se transformam numa planície aparentemente perfeita, em que se alternam os pastos e as matas” (AVÉ-LALLEMANT, 1980 apud SARTORI, 2005, p.8).

4.4 O Sítio Urbano

Como o indicador espacial deste trabalho é o Bairro Centro de Santa Maria torna-se necessário conhecer algumas características físicas e humanas que melhor caracterizem esta porção da cidade. Desta forma, deve-se salientar que o sítio urbano original de Santa Maria, onde hoje se tem o maior número de edificações verticais, encontra-se assentado na coxilha mais elevada, sobre uma área sedimentar, apresentando duas características em decorrência de seu embasamento geológico.

Primeiro, é que o Bairro Centro está segundo Sartori (2000), assentado sobre a formação Caturrita, constituída por arenitos intercalados com clásticos finos de origem fluvial, correspondendo ao setor mais elevado da área sedimentar (150m), onde as declividades giram em torno de 6,9% a 8,3%. Sendo o centro da cidade a área mais elevada, este se constitui em um importante divisor d’água entre as duas principais mini-bacias do sítio urbano: as dos afluentes do rio Vacacaí-Mirím (a leste) e do Arroio Cadena (a oeste).

Entretanto, ao considerar o perímetro urbano como um todo, Maciel Filho (1990) destaca que a maior parte dele está sobre a formação Santa Maria, e é composta por siltitos e arenitos argilosos estratificados e lamitos. Apresentando uma topografia mais suave (coxilha), onde as declividades são inferiores a 6% e com altitudes que não ultrapassam os 100 metros.

Sartori (2000) salienta que o crescimento da malha urbana encontra alguns condicionantes topográficos tais como: ao norte o rebordo do Planalto, representado pelos morros da Serra Geral; a sudeste a presença dos morros testemunhos; nos setores sudoeste, oeste, noroeste e extremo leste, instituições militares e educacionais como é o caso da Base Aérea e do Campus da UFSM que estão situados no extremo leste. Desta forma, o Bairro Centro de Santa Maria caracteriza-se por uma topografia mais ampla e suave, a oeste e sudoeste, e “fechada”, em todo quadrante norte, nordeste e sudeste, como pode ser visualizado pela Figura 5. Se por um lado à expansão do sítio Urbano da cidade encontrou alguns condicionantes no seu sentido oeste /leste, por outro ele encontrou condições favoráveis do relevo e das principais rodovias que a circundam. Essas condições favoreceram o desenvolvimento da malha urbana e o surgimento de diversos pontos comerciais, bem como o de áreas para o uso misto e residencial Bolfe (1997).

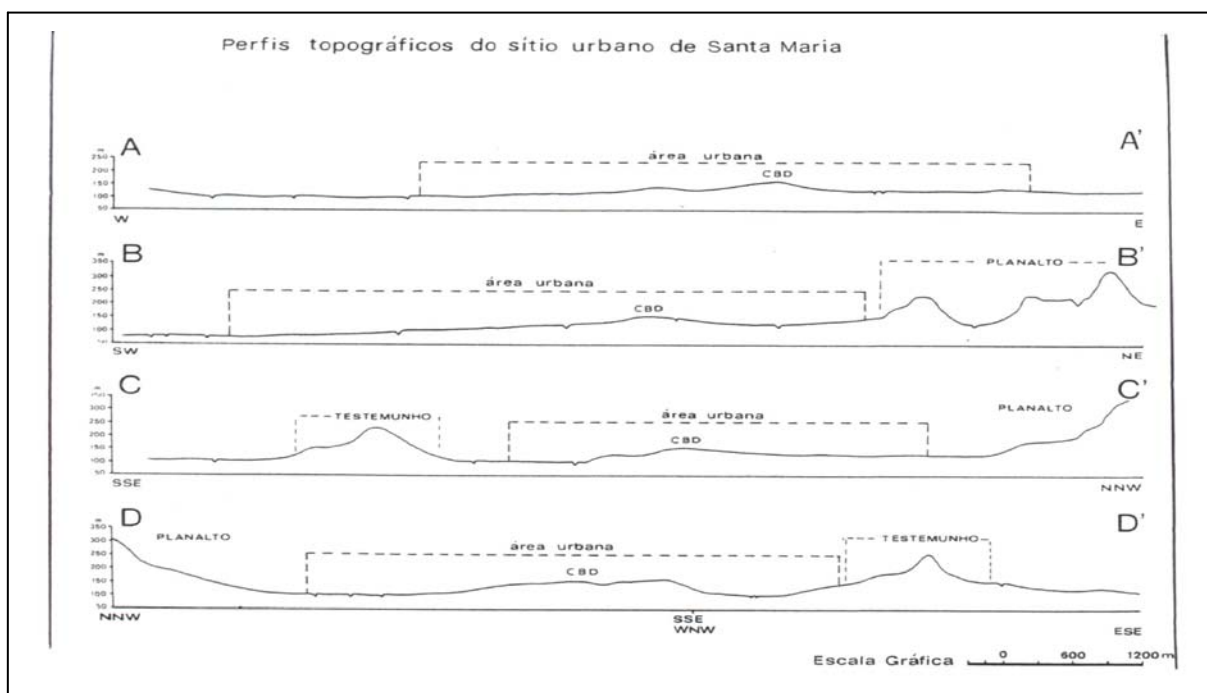


Figura 5 - Perfil Topográfico do Sítio Urbano de Santa Maria

Fonte: SARTORI (1979).

Saydelles (2005), ao abordar os aspectos geourbanos de Santa Maria, destaca que a área de maior densidade populacional é representada pelo Bairro Centro, cuja densidade populacional gira em torno de 7.413 a 9.555 hab/km². É nesta área da cidade que predomina as atividades comerciais, varejistas, financeiras, de prestação de serviços e de uso misto. Ainda de acordo com Saydelles (op.cit.) é a partir do centro da cidade em direção aos bairros limítrofes (Bairros Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora de Lourdes, Medianeira e Salgado Filho) é que se têm uma pequena diminuição de densidade demográfica, ficando entre 4.770 a 6.412 hab/km². Já nos bairros Passo d'areia, Patronato e Itararé, que também circunvizinham o Bairro, a densidade populacional fica em torno de 3.180 a 4769 hab/km². É no sentido leste/oeste, principalmente ao longo das rodovias, que se encontra o menor número de habitantes, ou seja, de 1590 a 3.179 hab/km² nas áreas de maior densidade e entre 225 a 1.589 hab/km² nas de menor concentração.

4.4.1 A Paisagem Urbana de Santa Maria

Como o escopo deste trabalho está intrínseco à paisagem urbana da cidade, torna-se necessário discorrer sobre a disposição de alguns objetos que estão materializados sobre o espaço urbano de Santa Maria. Para atender esta necessidade, serão ressaltadas algumas particularidades geourbanas da área em estudo, tais como as características gerais das edificações, avenidas, arborizações, bairros residenciais, tipos de moradias, praças e áreas verdes.

Primeiramente, deve-se destacar que a malha urbana da cidade é, segundo o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de 2005/06, dividida em oito regiões administrativas composta por quarenta e um bairros. Em linhas gerais o arranjo das ruas do bairro Centro apresenta segundo Sartori (2000) e Saydelles (2005) duas situações distintas: 1) ruas largas, arborizadas e com edificações mais baixas, como é o caso da Av. Rio Branco. Este fator certamente influenciará na percepção da paisagem urbana, pois a ausência de grandes obstáculos possibilitará um melhor campo visual para o observador em lócus. 2) presença de ruas mais estreitas, sem vegetação, com edifícios mais altos, como as ruas Floriano Peixoto e Acampamento. Nestas situações, a capacidade visual da população residente urbana, possivelmente é afetada, não só pela disposição das vias, mas,

principalmente, pela presença de obstáculos (edifícios), salvo para aquelas pessoas que habitam os andares mais elevados dos prédios.

Ainda neste sentido, Sartori (2000) aborda que todas as ruas do bairro Centro possuem pavimentação, intenso fluxo de pessoas e veículos, assim como, uma baixa presença de vegetação, com algumas exceções: a Praça Saldanha Marinho, na parte mais central da cidade, o Parque Itaimbé, a Praça Saturnino de Britto localizada entre as ruas Dr. Bozano, Cel. Niederauer e Duque de Caxias e a Praça Roque Gonzáles, situada na Rua Pinheiro Machado em frente ao Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo.

Saydelles (2005) destaca que os bairros limítrofes ao centro da cidade são basicamente de uso residencial, com presença de vegetação, onde a maioria das ruas são mais estreita e sem edificações altas. Nestas características enquadram-se os bairros Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora de Lourdes, Medianeira, Passo d'Areia, Patronato e Itararé.

Contudo, a maior concentração de vegetação (áreas verdes) da cidade está restrita ao Rebordo do Planalto (Floresta Subcaducifólia Subtropical) e aos morros testemunhos. Melhor visualização destes atributos paisagísticos pode ser obtida na Figura 4. Nesta figura é possível observar que as áreas de maior cobertura vegetal coincidem com as de maior declividade (45,5%, 21% e 16,6%). A presença de vegetação nativa ao norte e noroeste e ao sul e sudeste deve-se às condições desfavoráveis do terreno para o uso e ocupação humana, caso contrário, acredita-se que já estariam quase que dizimadas, como ocorre em regiões onde as declividades são menores (5,6% a 13,9%) conforme pode ser visto no perfil de declividade abaixo. Tratando-se ainda dos atributos geocológicos da cidade, a de se destacar também, que no entorno de sua área edificada contínua encontra-se uma vegetação rasteira, que é de acordo com o perfil da cobertura vegetal representado por campos e capões. A cidade, segundo o último perfil, situa-se sobre sedimentos da Bacia do Paraná, que datam do período triássico. As rochas sedimentares fazem parte, predominantemente, da Formação Santa Maria, além da Formação Botucatu. E são constituídas por sedimentos arenosos que são representados por arenitos, folhelhos e lamitos.

Perfis geocológicos de Santa Maria

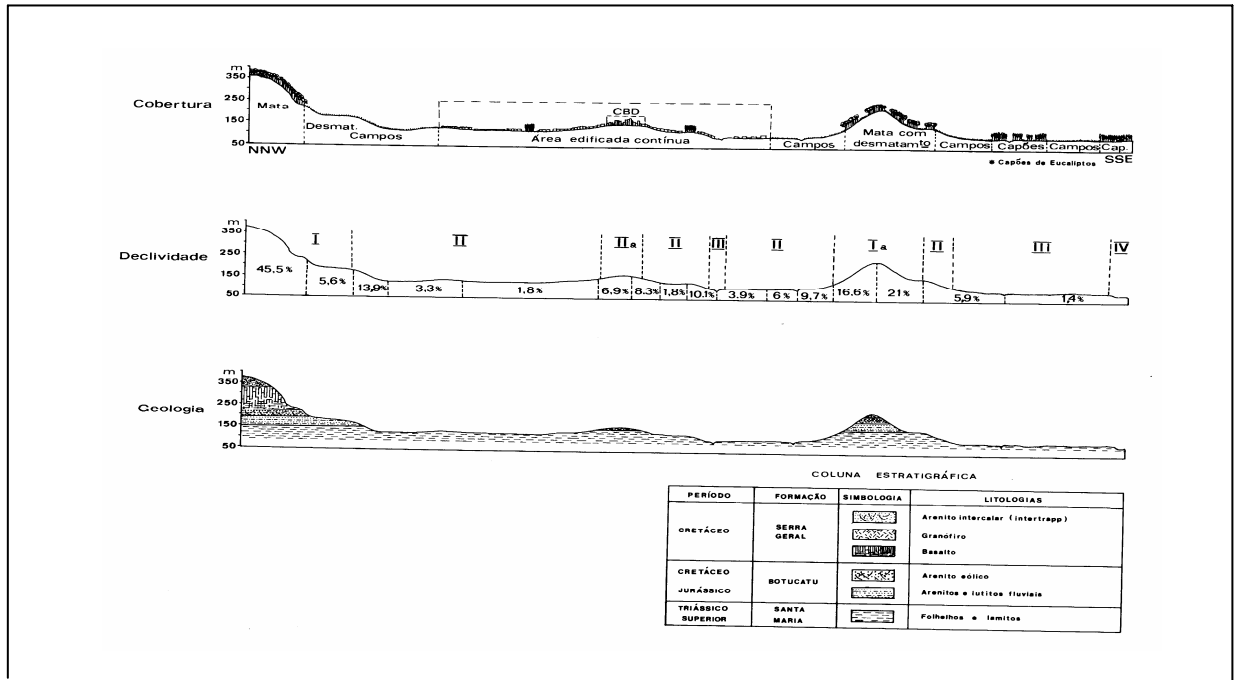


Figura 6 - Perfis geocológicos de Santa Maria.

Fonte: SARTORI (1979).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o desenvolvimento esta fase, tornou-se necessário instituir cinco etapas, que, embora distintas entre si, foram se complementando com o galgar das investigações. Desta forma, tem-se, na primeira, a sistematização dos dados pessoais e o perfil da população entrevistada; a segunda, faz menção aos sentimentos topofílicos que os santamarienses têm para com algumas paisagens urbanas que compõe o Bairro Centro da cidade; na terceira, são os sentimentos topofóbicos apresentados pelos entrevistados que são analisados; na quarta, a ênfase é para as paisagens mais agradáveis do Bairro Centro, que são verificadas de acordo com a sua ordem de preferência; na quinta e última etapa, as discussões recaem sobre a imagem símbolo da cidade de Santa Maria.

5.1 O Perfil dos Entrevistados

As questões que compõe o Anexo A deste trabalho abordam os dados pessoais dos entrevistados, como sexo, idade, tempo de residência na cidade, bairro em que moram, escolaridade, profissão, periodicidade com que a pessoa vai ao Bairro Centro da cidade e principal meio de transporte utilizado. Por se acreditar que são de grande importância para o entendimento das etapas seguintes, sobretudo quando os sentimentos topofílicos e topofóbicos forem evocados, criou-se com este dados, um banco de informações que, a partir de agora serão analisadas individualmente.

5.1.1 Divisão da população entrevistada de acordo com o sexo

Ressalta-se que uma das preocupações em campo foi a busca pela homogeneidade na distribuição das entrevistas, pois mesmo sendo feita aleatoriamente teve-se a acuidade para que não houvesse grande prevalência de um dos gêneros, ou seja, que o percentual de homens não fosse muito diferente que o de mulheres e vice-versa. Este critério foi adotado justamente para evitar que a prevalência de um dos sexos influenciasse no resultado final da pesquisa. Entretanto, observa-se na Figura 7 que, apesar da cautela 85 dos 150 entrevistados são do sexo feminino e 65 do masculino.

Justifica-se o maior número de mulheres entrevistadas ao fato de terem sido mais compreensivas e dispostas em colaborar com a pesquisa, que visa contribuir para os estudos que abordam a percepção da paisagem urbana de Santa Maria por seus moradores.



Figura 7 – Porcentual da divisão dos entrevistados por sexo.
Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.1.2 Número de entrevistados por faixa etária

Para estabelecer a faixa etária mais significativa utilizou-se da técnica estatística já explicada no capítulo da Metodologia, que resultou na Tabela de Frequência representada abaixo.

Tabela 1 – Classes de frequência por faixa etária dos entrevistados

Classes	Fi	Porcentual
15 — 24	46	30,6%
24 — 33	38	25,3%
33 — 42	24	16%
42 — 51	17	11,3%
51 — 60	15	10%
60 — 69	4	2,6%
69 — 78	6	4%
	Σ 150	Σ 100%

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

De acordo com a Tabela 1 a faixa etária de maior expressão é a que vai dos 15 aos 24 anos e nela estão inseridos 46 dos 150 entrevistados, ou seja, 30,6% do total de informantes. A segunda mais expressiva é a dos 24 aos 33 anos que é composta por 38 pessoas que representam 25,3% do total de entrevistados. Ao somar as duas faixas etárias mais significativas, chega-se a um total de 84 informantes, o que representa 55,9% do universo pesquisado. Este resultado permite dizer que a maioria das pessoas entrevistadas pela pesquisa possui idades entre 15 e 33 anos.

Ao buscar explicações para os resultados acima, acredita-se que seja reflexo de algumas características funcionais da cidade, pois de acordo com as informações obtidas em campo, bem como por aquelas obtidas com o levantamento bibliográfico, a cidade de Santa Maria destaca-se como um importante centro prestador de serviços no interior do Estado e entre os serviços oferecidos está o setor educacional que é representado por uma vasta rede de ensino público e privado nos mais variados níveis (Fundamental, Médio e Superior).

Entre as instituições de nível superior a de maior destaque por ser pública e com ensino de qualidade, é a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que representa um pólo de atração para inúmeros jovens que nela querem estudar.

Além disso, a cidade é sede do segundo maior contingente militar do país, perdendo apenas para a cidade do Rio de Janeiro. Estes fatores fazem com que Santa Maria receba um número significativo de jovens que se deslocam de cidades vizinhas ou mesmo distantes para estudar nas universidades aqui instaladas ou para alistar-se no serviço militar obrigatório.

Estes fatores podem explicar, em parte, o porquê de a pesquisa apresentar um grande número de jovens entre os entrevistados, pois acredita-se, empiricamente, que este número maior de jovens deve-se ao fato de que muitos deles, mesmo após ter concluído seus estudos ou o seu tempo de quartel, ainda permanecem na cidade seja pelos elos afetivos que aqui se estabeleceram, seja pelas melhores condições de vida que na cidade encontraram.

Ao se considerar este aspecto, conclui-se por indução que os jovens santa-marienses são os que mais circulam pelo espaço urbano da cidade, e como consequência disto foram eles os mais abordados pela pesquisa. Este fator é considerado positivo para o desenvolvimento das topofilias e topofobias, pois é justamente neste vagar do ir e do vir que estes sentimentos são despertados.

Ao se analisar as duas últimas faixas etárias (60 a 69 e de 69 a 78) observa-se que mesmo somadas elas não atingiram grande representatividade. Este resultado vai de certa forma ao encontro do desenho da Pirâmide Etária Brasileira que, embora tenha apresentado

algumas variações nos últimos anos, ainda é bastante ampla em sua base e mais estreita em seu ápice.

5.1.3 Tempo de residência na cidade da população entrevistada

O intervalo de tempo de residência na cidade que mais se destaca foi obtido mediante o mesmo procedimento estatístico empregado no item 5.1.2 das faixas etárias, a partir do qual foi elaborada a Tabela 2, conforme explicado na metodologia.

Tabela 2 - Classes de freqüência do tempo de residência na cidade de Santa Maria

classes	FFi	Porcentual
05 — 14	29	19,3%
15 — 24	52	34,6%
25 — 34	38	25,3%
35 — 44	15	10%
45 — 54	11	7,3%
55 — 64	3	2%
65 — 74	1	0,6%
75 — 84	1	0,6%
	Σ 150	Σ 100%

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

Ao se analisar a Tabela 2, observa-se que a classe de maior expressão percentual fica entre os 15 e 24 anos de residência na cidade, e nela estão inseridos 52 dos 150 sujeitos entrevistados. A segunda classe mais expressiva é a que vai dos 25 aos 34 anos, são encontrados 38 indivíduos, perfazendo 25,35% do total de entrevistados. A terceira é composta por 29 inquiridos e que moram na cidade entre 05 e 14 anos. Estes resultados permitem dizer que o tempo de residência da maioria dos entrevistados é significativo, principalmente se forem considerados os três intervalos acima mencionados, pois juntos totalizam 119 indivíduos, ou seja, 79,3% do total de informantes, que em média moram na cidade pelo menos há 19 anos. Este perfil é favorável para os estudos perceptivos da paisagem, pois de acordo com as bibliografias consultadas, entre elas a de Marandola Jr.;

Paula.; Fernandez (2006), a experiência das pessoas sobre uma dada espacialidade, embora sejam constituídas pela cultura, memória, e informação, só se torna um conhecimento real mediante a experiência corporal com o espaço. Este conhecimento abordado pelos autores é aquele que somente os moradores de uma determinada área na sua cotidianeidade possuem. Portanto, acredita-se que é na vivência da historicidade, na relação orgânica homem-meio, que a geograficidade brota, numa relação recíproca entre lugares, paisagens, pessoas, memória e cultura. Neste sentido, ressalta-se que quanto maior for o tempo de permanência de um indivíduo em um determinado espaço geográfico, maior será o seu conhecimento sobre ele, conseqüentemente maiores serão as chances dos sentimentos de afeição ou mesmo rejeição serem despertados, neste caso entre os santamarienses e a sua paisagem urbana contemplada.

5.1.4 Do local de moradia

Quanto ao local de moradia dos informantes, salienta-se que embora as entrevistas tenham sido aplicadas no bairro Centro de Santa Maria teve-se o cuidado para que a distribuição delas apresentasse uma considerável dispersão geográfica, pois o objetivo era o de contemplar as oito regiões administrativas da cidade e que cada uma delas fosse representada por no mínimo um dos bairros que a compõem. O gráfico da Figura 8 aborda o número total de entrevistados por bairro. De acordo com esta Figura, os bairros mais representativos foram: Centro, Tancredo Neves, Camobi, Parque Pinheiro Machado e Patronato, em que foram entrevistados 18, 12, 11, 10 e 9 indivíduos, respectivamente. Embora menos expressivos que os citados acima, os bairros do Rosário, Passo d'areia e Salgado Filho também obtiveram uma significativa representatividade, pois cada um deles teve sete indivíduos entrevistados.

Ao buscar explicações para os resultados obtidos, realizou-se uma correlação entre os dados acima e os bairros de maior e de menor população absoluta da cidade que, de acordo com os estudos de Viero (2001) os mais populosos são: Centro, Salgado Filho, Camobi, Nossa Senhora de Lourdes, Juscelino Kubistchek, Medianeira, Tancredo Neves, Parque Pinheiro Machado e Patronato; os de menor população são os bairros Cerrito, Cohab Camobi, Pé de Plátano, Caturrita, São José, Chácara das Flores e Km 3. Observa-se que os bairros que tiveram maior representatividade na pesquisa, ou seja, um maior número de pessoas abordadas para entrevistas, constam entre os mais populosos. Nesta situação enquadraram-se os

bairros Centro, Tancredo Neves, Camobi, Parque Pinheiro Machado, Patronato e Salgado Filho, que tanto figuram entre os de maior população como entre os de maior representatividade na pesquisa.

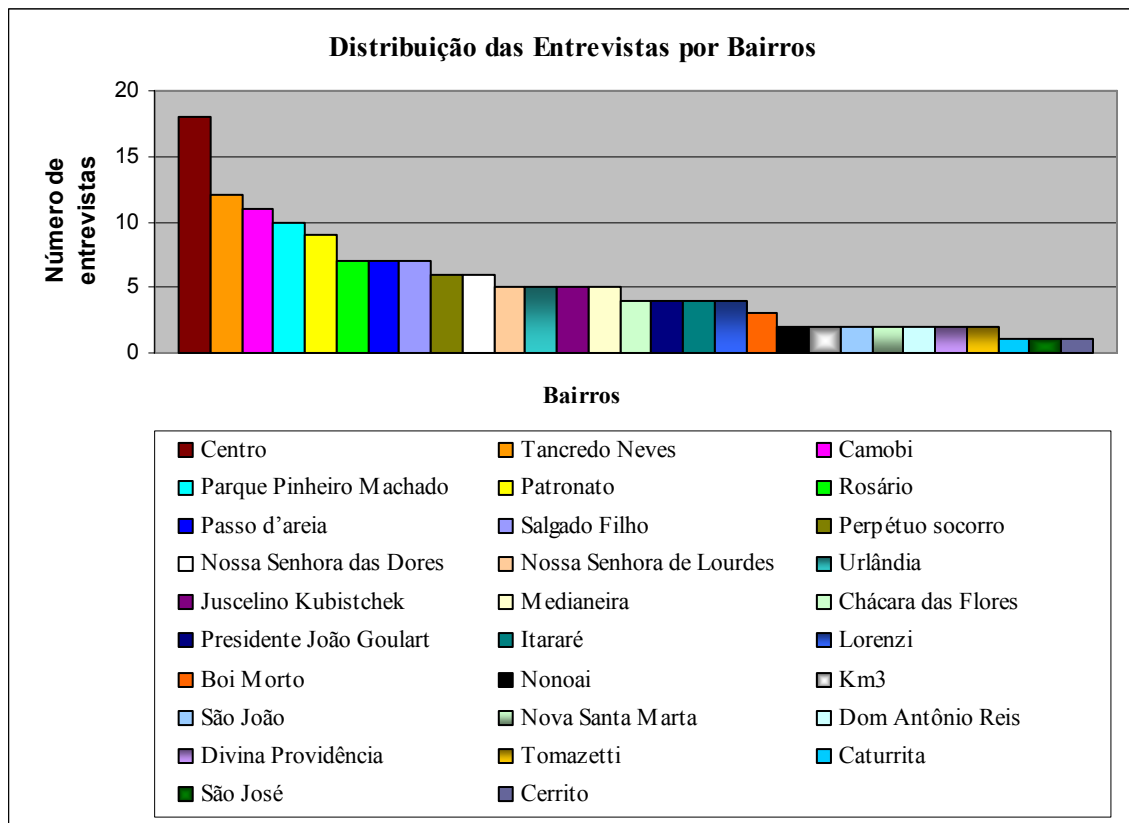


Figura 8 - Gráfico do número de entrevistados por bairros.

Org. ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

Por outro lado os bairros Caturrita, São José e Cerrito que estão entre os de menor população da cidade, também contam entre os que obtiveram um menor número de entrevistados (apenas um cada). Tais resultados permitem inferir que as entrevistas refletiram a proporcionalidade da população total de cada bairro, isto é, quanto mais populoso era o bairro, maior era a probabilidade de encontrar seus moradores circulando pelo espaço urbano da cidade, conseqüentemente maior foi a possibilidade destes indivíduos serem abordados pelas entrevistas.

5.1.5 Do grau de escolaridade dos entrevistados

Ao se considerar o grau de instrução dos entrevistados, pode-se constatar que a maioria deles (43%) tem pelo menos o Ensino Médio completo, seguidos pelos de nível Superior completo e pelos de Fundamental incompleto; nos dois últimos casos, o percentual de representatividade é de 14% (Figura 9). No entanto, há de se destacar a seguinte situação: se somar os entrevistados que possui o Ensino Médio completo com os de Superior incompleto, o percentual de indivíduos sobe de 43% para 54%, ou seja, as pessoas que possuem Ensino Médio representam mais da metade do total de informantes, conforme pode ser visto no gráfico da Figura 9.

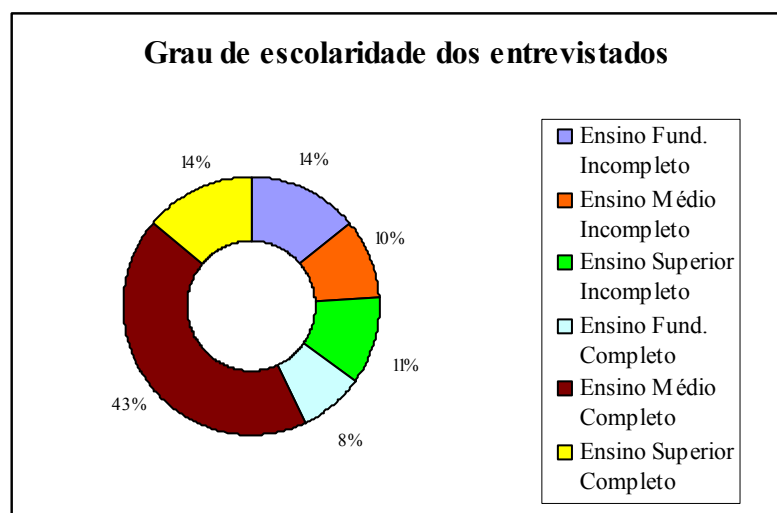


Figura 9 – Gráfico do grau de escolaridade.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

Neste sentido, destaca-se que o grau de instrução dos entrevistados foi favorável aos objetivos deste trabalho, pois mesmo aleatoriamente aglutinou-se um grande número de indivíduos com mesmo nível intelectual, que pôde revelar atitudes e valores semelhantes, assim como facilitar o entendimento dos entrevistados no que se refere aos propósitos desta pesquisa.

5.1.6 Da profissão dos entrevistados

Quanto à profissão exercida pelos entrevistados, a pesquisa aponta um número diversificado de funções (Figura 10) entre elas a de maior expressão é a de estudante, seguida

pelos comerciários, técnicos em enfermagem, serviços gerais, professores, aposentados e militares. Observa-se que as profissões mais citadas representam de alguma forma as características funcionais da cidade que, de acordo com a FEE (1999), estão intrinsecamente vinculadas ao setor terciário (comércio e prestação de serviços), que absorvem 80% da população economicamente ativa do município. Além disso, a cidade se destaca como um importante centro militar, fruto de sua função histórica, o que eleva o número de militares que moram na cidade. De certa forma, características funcionais urbanas foram ratificadas pelos resultados das entrevistas.

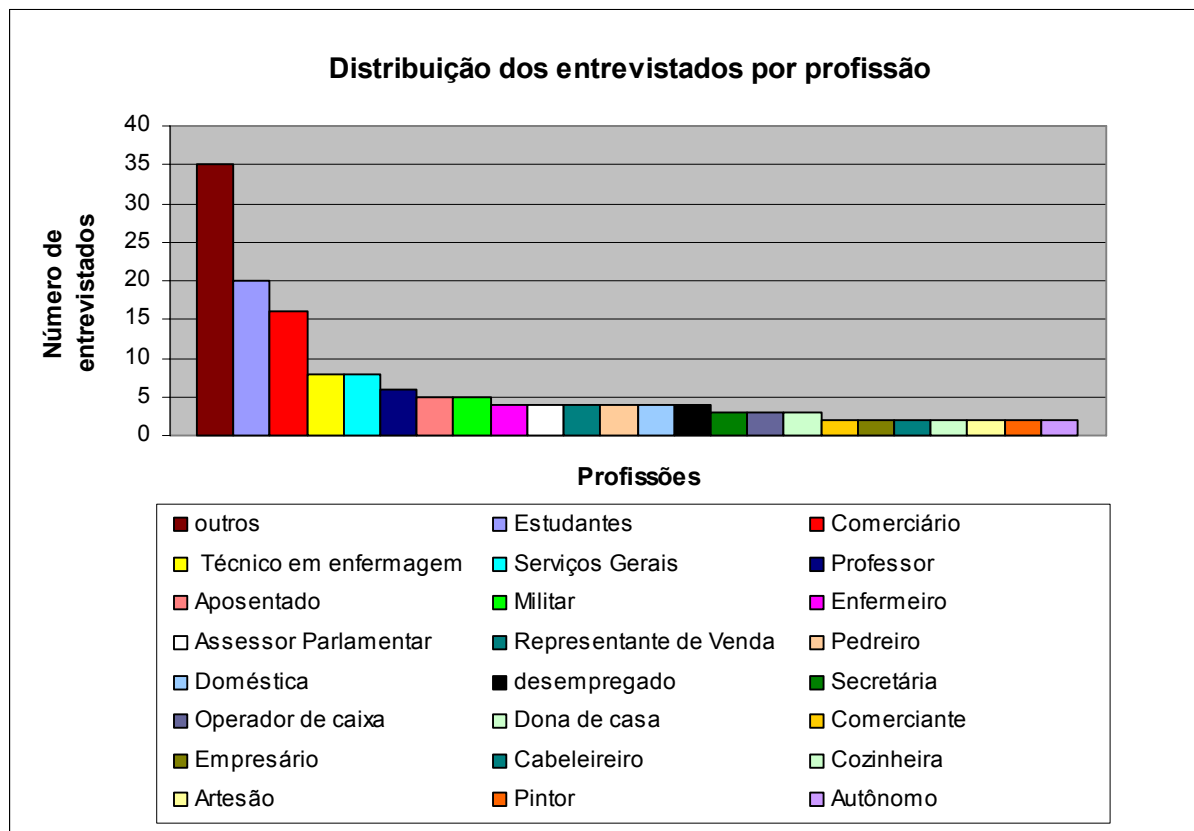


Figura 10 – Gráfico da distribuição dos entrevistados por profissão.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.1.7 Da frequência semanal ao centro da cidade

No que diz respeito ao número de vezes que os entrevistados frequentam o centro da cidade, observa-se que todos vão pelo menos uma vez por semana. Acredita-se que este aspecto seja positivo para os resultados da pesquisa, pois tudo indica que, embora por motivos diferentes, todos mantêm algum tipo de contato com a paisagem urbana do centro da cidade,

portanto, a conhecem como um espaço vivido. Ao correlacionar as atividades profissionais desenvolvidas pelos entrevistados com o número de vezes que cada um vai ao Centro, constata-se que aqueles que vão seis vezes na semana, trabalham ou estudam no bairro, já os que responderam que o freqüentam todos os dias são, em sua grande maioria, moradores (Figura 11).

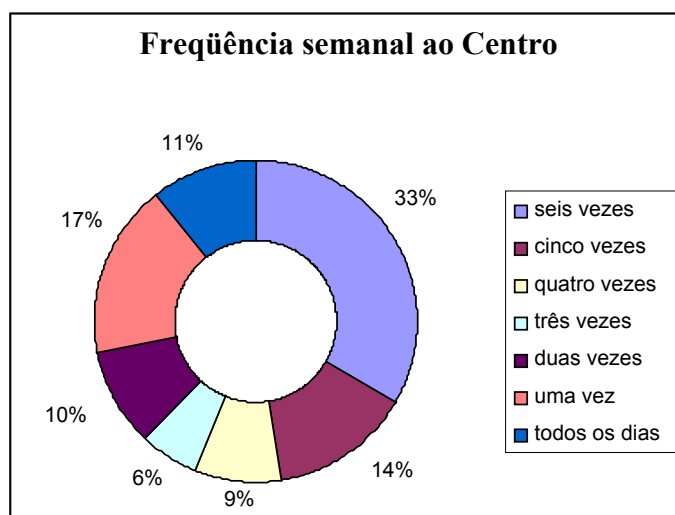


Figura 11 – Gráfico representativo da freqüência semanal dos entrevistados ao Centro da Cidade.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.1.8 Do principal meio de transporte utilizado pelos entrevistados

Quanto ao transporte utilizado, 58% dos entrevistados têm como principal meio de deslocamento o ônibus; outros 21% dizem ir a pé para o Centro. Na maioria das vezes, esta última resposta foi justificada pelos próprios informantes que explicaram não utilizar de transporte coletivo ou particular por morar próximo ao Centro, utilizando-o apenas esporadicamente. O carro é o meio utilizado por 14% dos entrevistados e os outros tipos totalizam 8%. Destaca-se que entre estes outros meios utilizados sobressai o uso de motocicletas que fora mencionado por 6% dos entrevistados como pode ser visto na Figura 12.

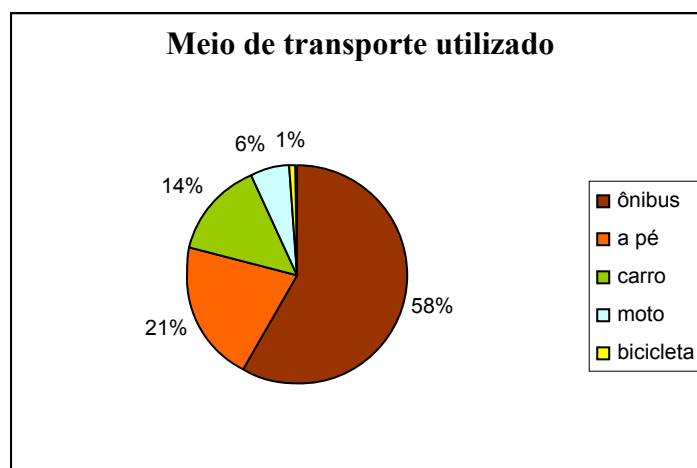


Figura 12 – Gráfico dos principais meios de transportes utilizados pelos entrevistados.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.2 Análise Topofilica da Paisagem Urbana de Santa Maria

Para desenvolver a leitura e a interpretação das respostas obtidas com a pergunta de número um (1) do Anexo B, criou-se o Quadro 1, que contém todas as respostas dadas sobre as paisagens urbanas mais agradáveis do bairro Centro de Santa Maria-RS. O quadro traz ainda o número total de vezes que cada paisagem foi citada, bem como a sua equivalente porcentagem em relação ao número total de informantes, ou seja, em relação aos 150 entrevistados.

Pela análise do Quadro 1 observa-se variabilidade de paisagens urbanas citadas, entretanto, há maior consenso para que a Praça Saldanha Marinho seja a mais agradável do Centro da cidade, pois foi lembrada por 45 dos 150 entrevistados, o correspondente a 30% do total de informantes. Em segundo lugar em número de citações, tem-se a paisagem do Calçadão Salvador Isaia, mais conhecido pelos santa-marienses como o Calçadão da Bozano, que foi mencionado por 19 das 150 pessoas entrevistadas, isto é, por 12,6% do universo amostral.

A paisagem do Parque Itaimbé foi a terceira mais lembrada, sendo a resposta de 16 indivíduos; correspondendo a 10,6% do total de entrevistados. Em quarto, tem-se a Catedral Diocesana de Santa Maria que foi a resposta dada por 7 dos 150 indivíduos e em quinto aparece o Largo da Locomotiva na Av. Presidente Vargas, que foi mencionado por 6 pessoas, o que corresponde a 4% de representatividade.

Para a análise individual das cinco paisagens urbanas mais citadas, tomou-se as repostas obtidas com a questão de número dois (2) do Anexo B, em que os entrevistados responderam o porquê de achar tal paisagem a mais agradável.

Salienta-se que para melhor atingir os objetivos propostos, as respostas foram agrupadas de acordo com as suas semelhanças, principalmente no que diz respeito aos fatores que a elegeram a paisagem topofílica do bairro Centro de Santa Maria. Considerado esses critérios, partiu-se, então, para a análise individual das cinco paisagens urbanas mais significativas.

Paisagem Topofílica	Nº. Absoluto	%
Praça Saldanha Marinho	45	30%
Calçadão Salvador Isaía	19	12,6%
Parque Itaimbé	16	10,6%
Catedral Diocesana	7	4,6%
Locomotiva da Av. Presidente Vargas	6	4%
Praça dos Bombeiros	4	2,6%
Av. Rio Branco	4	2,6%
Praça General Mallet	3	2%
Santa Maria Shopping	3	2%
Basílica Nossa S. Medianeira	2	1,3%
Av. Presidente Vargas	2	1,3%
Praça em Frente ao HCAA	2	1,3%
Praça Saturnino de Brito	2	1,3%
Viaduto Evandro Behr, visto da Av. Rio Branco	2	1,3%
Largo da Viação Férrea	2	1,3%
Vila Belga	2	1,3%
Rua Floriano Peixoto	1	0,6%
Av. Medianeira	1	0,6%
Rua do Acampamento	1	0,6%
Antiga Rua 24 horas	1	0,6%
Praça da Nonoai	1	0,6%
Praça do Maneco (Colégio Manoel Ribas)	1	0,6%
Camelódromo	1	0,6%
Colégio Manoel Ribas	1	0,6%
Teatro Treze de Maio	1	0,6%
Santuário Schoenstat	1	0,6%
Vista da cidade ao entrar no perímetro urbano pela BR 287	1	0,6%
Nenhuma paisagem urbana agrada	18	12%
	•150	100%

Quadro 1 - As paisagens topofílicas citadas pelos entrevistados.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.2.1 A Paisagem da Praça Saldanha Marinho

Como o exposto anteriormente, a paisagem topofilica mais referida do bairro Centro de Santa Maria é a da Praça Saldanha Marinho, pois mesmo tendo ocorrido uma variabilidade de paisagens citadas, foi a que teve maior representatividade.

As justificativas apresentadas pela escolha, mesmo não havendo consenso, não apresentaram grandes variabilidades. A maioria delas destaca a posição geográfica em que a praça se encontra (na parte mais central da cidade, perto de tudo) e o fato dela ser arborizada, sendo, portanto, a única área do centro da cidade que evoca elementos da natureza. Estas justificativas foram apontadas por 15 das 45 pessoas que a mencionaram como sua paisagem topofilica. Destaca-se que a maioria das pessoas que a elegeram trabalham no comércio da cidade, cujos estabelecimentos encontram-se localizados nas imediações da Praça Saldanha Marinho. De acordo com elas, são nas horas de folga que a grande maioria utiliza-se da praça para ler, distrair-se, aliviar o estresse do trabalho ou mesmo para refletir sobre a vida (Figura 13).



Figura 13 - Fotografia das pessoas descansando, refletindo sob as sombras das árvores na Praça.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Outros oito entrevistados, além de concordarem com o fator localização já apontado, acrescentam também alguns aspectos que, segundo suas percepções, tornam a paisagem da praça mais agradável e atraente. Entre estes aspectos destacam-se: o chafariz da praça, o enorme pé de seringueira, as três-marias sobre o coreto, principalmente em época de floração e dois pés-de-coqueiros (Figura 14).

Ao considerar os fatores que influenciam diretamente na percepção, pode-se constatar que as justificativas apresentadas estão em consonância com as idéias de Machado (1999), quando esta argumenta de que cada pessoa percebe seletivamente ao que lhe interessa, ao que está habituado a observar de acordo com o seu contexto sociocultural.

Trata-se, portanto, de uma interação com o lugar ou com a paisagem carregada de grande afetividade, podendo, a partir daí, julgar se uma paisagem é bela ou feia não apenas pela sua aparência, mas também pelas aspirações e necessidades de cada um.

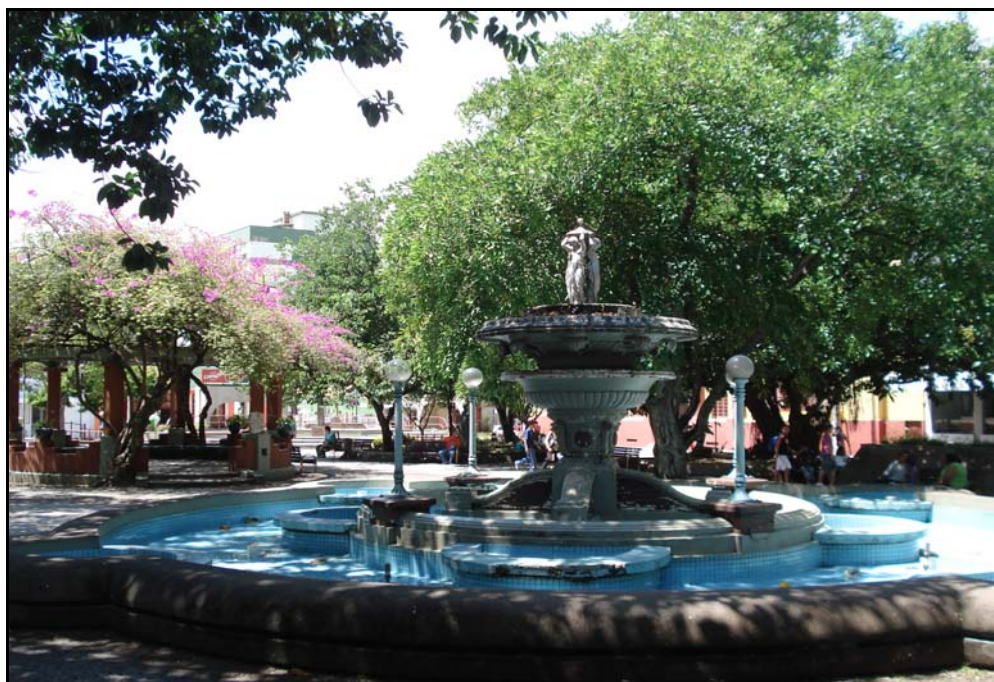


Figura 14 – Fotografia dos elementos que mais chamam atenção na paisagem da Praça Saldanha Marinho, Chafariz, pé-de-seringueira e floração das três-marias no coreto.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Analisando ainda as respostas obtidas com o porquê de acharem a Praça Saldanha Marinho a paisagem mais agradável, sete pessoas justificaram suas respostas dizendo que a

praça é um ponto de encontro bastante antigo, fato ressaltado principalmente pelas pessoas de mais idade, como pode ser observado pela resposta dada por um senhor de 79 anos, aposentado e que mora no bairro Parque Pinheiro Machado:

“Ela, a praça, é um lugar de movimento, de encontro com os colegas de hoje e de antigamente”.

Outro relato que chama atenção foi o de um senhor de 39 anos de idade, pedreiro, morador da vila Schirmer, que além de reforçar a resposta acima, retrata a topofilia expressa por Tuan (1980), ao defini-la como o elo afetivo que a pessoa ou um determinado grupo de pessoas tem em relação ao lugar ou ambiente físico: “Me criei aqui, gosto do verde é o único lugar que se têm contato com a natureza, é um lugar de vai e vem das pessoas, tudo mundo passa aqui”.

Outras sete pessoas mencionaram ter preferência pela praça, pelo fato dela ser bastante movimentada, e por ser sede de inúmeros eventos de diversão e cultura (feira do livro, Santa Maria vídeo e cinema, shows de finais de ano, feiras de artesanatos e de produtos coloniais da cidade e região). Quanto a estes aspectos, nota-se que os entrevistados mais jovens responderam gostar do movimento e da diversão que ocorre na praça, enquanto que as feiras de artesanatos e de produtos coloniais, que são realizadas uma vez ao mês durante uma semana, foram apontados em sua maioria pelas mulheres.

O restante deu outras justificativas como o sossego, o fato de sentir-se bem, ou por acharem à paisagem legal, agradável.

5.2.2 A Paisagem do Calçadão Salvador Isaia

Ainda tendo como fonte de análise a primeira questão do Anexo B, tem-se em segundo lugar na preferência dos entrevistados, o popularmente conhecido “Calçadão da Bozano”, que foi a resposta dada por 19 dos 150 entrevistados. As justificativas apresentadas por 15 entrevistados definem o calçadão como uma paisagem agradável pelo fato de ser uma área de intenso fluxo de pessoas, de mercadorias e serviços, elegendo-o como sua paisagem topofílica (Figura 15).

A maioria dos inquiridos que deram como justificativa o grande fluxo de pessoas, de mercadorias e serviços foram os mais jovens, com idades entre 15 e 25 anos. Segundo eles o Calçadão é considerado um ponto de encontro entre os amigos. Este aspecto pode ser observado mediante a resposta de um estudante de 23 anos que mora no Bairro Urlândia:

“gosto do calçadão pelo movimento, é um ponto de encontro dos amigos”, assim como a de outro estudante de 18 anos, que mora no bairro Nossa Senhora das Dores em que o sentimento topofílico pela paisagem vivida e experienciada do Calçadão parece estar mais explícito: “É de fácil acesso e é o lugar que eu frequênto”.

Nota-se ainda que a maioria dos entrevistados com idades superiores aos 25 anos, atribui ao calçadão outras características que, segundo eles, o tornam uma paisagem urbana agradável. Como exemplo, tem-se seis inquiridos, quatro mulheres e dois homens, que justificaram gostar mais da paisagem do calçadão devido a sua diversidade comercial e pelo visual das lojas (Figura 16). Entre estas seis pessoas a maioria eram mulheres, o que reforça o senso comum de que as mulheres são mais detalhistas do que os homens.

No caso da paisagem do Calçadão, os resultados alcançados ratificam as colocações de Linchy (1960), que diz que a precisão dos resultados pode ser maior à medida que os observadores sejam agrupados em classes mais homogêneas seja por idade, sexo, cultura, pois cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, entretanto ele acredita existir certo consenso entre os membros de um mesmo grupo.



Figura 15 – Fotografia do Calçadão Salvador Isaia vista no sentido leste/oeste (local de convívio entre diferentes faixas etárias).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.



Figura 16 – Fotografia do Calçadão no sentido oeste/leste (retratando a diversidade de lojas).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto., fev. de 2007.

5.2.3 A Paisagem do Parque Itaimbé

A terceira paisagem do bairro Centro de Santa Maria a despertar sentimentos topofílicos é a paisagem do Parque Itaimbé, que foi mencionada por 16 dos 150 entrevistados. Ao analisar o porquê da escolha, a maioria dos entrevistados a justifica pelo fato dela ser uma área de lazer em meio à cidade onde a presença da natureza é marcante, o que a torna bonita (Figura 17 e 18). Segundo os inquiridos, esse ambiente natural proporciona uma sensação de tranquilidade e afeição. Estas justificativas podem ser entendidas se considerar o ambiente urbano que o homem moderno vive, trabalha e se relaciona, principalmente com os objetos ao seu redor. Esses ambientes são, na sua maioria, caóticos e estressantes, aspectos que de certa forma refletem as características de uma sociedade urbana moderna.

Em meio a mazelas urbanas, o homem volta-se intuitivamente para a natureza, a fim de aliviar o cansaço físico e mental adquiridos no seu dia a dia. Acredita-se que essa natureza, no caso de Santa Maria, esteja representada pela paisagem do Parque Itaimbé que, além de ter a presença de elementos da natureza no Centro da cidade, apresenta também uma infraestrutura que permite aos usuários condições de lazer e entretenimento. As considerações acima podem ser fundamentadas pelas colocações de Kohlsdorf (1996) já abordadas na revisão bibliográfica, onde a autora destaca que certos fenômenos ao despertarem o interesse

humano, lhes confere automaticamente a propriedade de agir sobre o observador, portanto, conclui a autora, as paisagens não são inertes, sendo que cada lugar vivenciado contém determinadas características que estimulam conhecê-lo. Isto explica, em parte, a relação existente entre a paisagem contemplada do Parque Itaimbé e sensação de paz e tranquilidade exercida sobre todos aqueles que o escolheram.

Aparece, pela primeira vez, entre as paisagens topofílicas mais marcantes do bairro centro de Santa Maria um fator diferenciado que, até então, não ocorrera: ao cruzar as respostas obtidas com o local de moradia dos informantes; observa-se que metade dos entrevistados que escolheram a paisagem do Parque Itaimbé como sendo a mais agradável moram no bairro ou em suas imediações. Fica evidente, portanto, que são aqueles que a tem como parte integrante de seu mundo vivido, do seu cotidiano e que certamente mais dele usufruem é que o elegeram a sua paisagem topofílica.

Quanto ao sexo, observa-se que, dos 16 que o mencionaram 11 eram homens e apenas cinco eram mulheres, e isto se deve em parte ao receio das mulheres em freqüentar o Parque Itaimbé, pois frequentemente aparece nos noticiários de comunicação local os assaltos e as degradações ao patrimônio público cometidos por delinquentes e vândalos naquela área.

No que se refere à faixa etária, dos 16 que escolheram o parque, 10 apresentam idades entre 20 e 30 anos, o que leva a crer que são os jovens santamarienses que mais o apreciam, originado sentimentos topofílicos em relação à paisagem do Parque Itaimbé.



Figura 17 – Fotografia do Parque Itaimbé (vista no sentido sul/norte).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. De 2007.



Figura 18 – Fotografia do Parque Itaimbé (vista no sentido Norte/Sul).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. De 2007.

5.2.4 A Paisagem da Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição

A Catedral de Santa Maria foi a resposta de 7 dos 150 entrevistados pela pesquisa, número pode ser traduzido como sentimento de afeição (topofílico) entre alguns santamarienses e a Catedral Diocesana. Embora a paisagem da igreja não tenha sido a mais destacada, ela corresponde a 4,6% do total das respostas fornecidas.

Ao tomar como análise o porquê da escolha, os entrevistados foram praticamente unânimes em suas justificativas ao afirmarem que ela chama atenção pela beleza e estilo. Esta justificativa é facilmente compreensível ao levar em consideração o estilo arquitetônico em que a igreja foi construída, cuja fachada apresenta elementos arquitetônicos do barroco italiano, conforme pode ser visto na Figura 19.

Tudo leva a crer que a afeição destas pessoas para com a igreja foi basicamente estética, portanto, visual. Esta constatação vai ao encontro com as afirmativas de Penna (1968) e Tuan (1980), abordadas durante a fundamentação teórica deste trabalho, uma vez que ambos reconhecem a percepção da paisagem como um processo puramente visual, pois dentre os sentidos a visão é a que prevalece. Outra justificativa apresentada pelos entrevistados é que ela é antiga, e por isso faz parte da história de Santa Maria.



Figura 19 – Fotografia frontal da Catedral Diocesana de Santa Maria Nossa Senhora da Conceição.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Ao buscar explicações de caráter histórico, foi descoberto que a construção da primeira matriz foi ordenada pelo capitão Manoel Carneiro da Silva e Fontoura, durante a primeira década do século XIX, e estava inicialmente localizada no início da atual Av. Rio Branco. Contudo, a Catedral que hoje se conhece começou ser construída em 1902 e foi inaugurada em 1909, tornando-se Catedral Diocesana somente em 1910. Desde 2002 a Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, foi tombada pelo município como patrimônio histórico e cultural da cidade de Santa Maria.

Ainda neste sentido; destaca-se que o fator religioso não exerceu influência significativa na escolha desta paisagem, tendo sido mencionado apenas uma vez. Salienta-se, ainda, que dos sete entrevistados que a elegeram quatro eram homens com idades entre 20 e 35 anos e três eram mulheres cuja idades oscilavam nesta mesma faixa etária. Portanto, ao contrário do que se pensa, pelo menos em nível de Santa Maria/RS, não foram as senhoras ou senhores idosos, católicos fervorosos que a mencionaram.

5.2.5 A Paisagem da Praça da Locomotiva, na Avenida Presidente Vargas

A paisagem da Praça da Locomotiva foi escolhida por 6 dos 150 entrevistados, e as justificativas apresentadas foram as seguintes: é área de lazer, onde ocorre o contato entre as pessoas, sua infra-estrutura comporta assentos que são bastante úteis para o descanso das pessoas que por ali transitam (Figura 20).



Figura 20 – Fotografia do Largo da Locomotiva (vista sentido leste-oeste).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

A resposta dada por um estudante de 21 de idade, que mora no bairro Nonoai; chamou atenção pela clareza de seu sentimento topofílico em relação ao largo da locomotiva: “Gosto dela, porque passei a infância ali, é um lugar sossegado, dá sensação de tranquilidade”.

A Locomotiva da Avenida Presidente Vargas representada pela Figura 21, embora tenha sido a paisagem urbana referida por apenas seis pessoas, reflete o aspecto histórico da cidade que, no passado foi grande pólo ferroviário de transporte de passageiros e de cargas na região central do Estado. Essa importante função ferroviária que Santa Maria exerceu no passado, de certa forma, ainda permanece na memória dos santamarienses. Portanto, acredita-se que este elo afetivo com o passado certamente influenciou, mesmo que inconscientemente, na escolha das 6 pessoas que a mencionaram como sua paisagem preferida, muito embora nenhuma delas tenha se referido aos tempos de ouro da ferrovia brasileira. Uma das possíveis explicações é que frequentemente a Locomotiva da Presidente, como é chamada pelos santa-

marienses, aparece nos meios de comunicação como um local de concentração para comemorações populares como a vitória de pleito eleitoral ou de campeonatos de futebol, por exemplo.



Figura 21 - Fotografia da Locomotiva (símbolo da praça).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

5.3 Análise Topofóbica da Paisagem Urbana de Santa Maria

Ao exemplo da análise topofílica, foi elaborado o Quadro 2 que contém as respostas à questão de número cinco (5) do Anexo B deste trabalho, e partir dela busca-se entender os sentimentos topofóbicos relatados pelos entrevistados.

Tendo como objeto de análise o Quadro 2, verifica-se a presença de algumas paisagens topofóbicas (aversivas) que permeiam na configuração do bairro Centro da cidade. Entre elas a mais evocada é a da Praça Saldanha Marinho que, embora tenha sido aclamada topofílica, é também, de acordo com a percepção de 24 dos 150 entrevistados, uma paisagem desagradável por apresentar aspectos negativos, que serão abordados posteriormente. Em segundo lugar tem-se a paisagem do Calçadão Salvador Isaia, que mesmo sendo, um cenário topofílico, também foi lembrado por 18 dos 150 indivíduos como uma paisagem desagradável. Este duplo sentido (topofílico/topofóbico) em relação a paisagem da Praça Saldanha e Calçadão deve-se ao fato de que cada pessoa possui uma percepção diferenciada em função de peculiaridades que serão

melhor explicadas durante a análise individual das paisagens citadas. Em terceiro, aparece à antiga Rua Vinte e Quatro Horas, cuja estrutura estava localizada na Rua Alberto Pasqualini. Esta paisagem recebeu 15 indicações, o correspondente a 10,6% do total de amostras coletadas. Em seguida, aparecem outros cenários que compõem a paisagem do Centro de Santa Maria que, segundo as percepções sensoriais dos entrevistados, também desencadeiam sentimentos aversivos, tais como a paisagem da Avenida Rio Branco, a do Largo da Estação Férrea e a imagem de um prédio abandonado na Avenida Rio Branco, que foram lembradas, respectivamente, por 10, 8 e 6 indivíduos entre os 150 entrevistados.

Uma vez identificadas as 6 paisagens topofóbicas de maior destaque, partiu-se para a análise de cada uma que, seguindo uma ordem decrescente serão a seguir interpretadas.

Paisagem Topofóbica	Nº. Absoluto	%
Praça Saldanha Marinho	24	16%
Calçadão Salvador Isaia	18	12,6%
Antiga Rua 24 horas	15	10,6%
Avenida Rio Branco	10	6%
Largo da Estação Férrea	8	5,3%
Prédio abandonado na Av. Rio Branco	6	4%
Parque Itaimbé	4	2,6%
Praça Roque Gonzales	3	2%
Praça dos Bombeiros	2	1,3%
Rua do Acampamento	2	1,3%
Arroio Cadena	2	1,3%
Paradão de ônibus na Av. Rio Branco	2	1,3%
Praça Saturnino de Brito	2	1,3%
Casa onde Dom Pedro I se hospedou/Av. Venâncio Aires	1	0,6%
Rodoviária Antiga/Av. Dores	1	0,6%
Camelódromo	1	0,6%
Vila Belga	1	0,6%
Estação Rodoviária	1	0,6%
Rua sete de Setembro	1	0,6%
Cine Independência	1	0,6%
Biblioteca Pública	1	0,6%
Cemitério Municipal	1	0,6%
Edifício Cauduro/Av. Rio Branco	1	0,6%
Invasão no Km2	1	0,6%
Topografia da cidade	1	0,6%
Av. Presidente Vargas	1	0,6%
Sujeira na vias urbanas	1	0,6%
Nenhuma Paisagem urbana desagrada	38	25,3%
	∑150	100%

Quadro 2 - Paisagens topofóbicas citadas pelos entrevistados.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

5.3.1 A Paisagem da Praça Saldanha Marinho

Embora a paisagem da praça tenha sido eleita também a mais agradável do bairro Centro da cidade, ela foi, por outro lado, lembrada por 24 dos 150 entrevistados como um cenário urbano que evoca sentimentos topofóbicos. Esse sentimento antagônico em relação à paisagem da praça pode ser compreendido mediante as colocações de Oliveira (1983), que destaca o fato de que, psicologicamente, cada pessoa tem uma percepção do meio ambiente e da sua qualidade. Entretanto, biologicamente, a percepção está limitada por condições anatômicas e fisiológicas do homem e é processada dentro de valores culturais, geográficos e históricos. As idéias de Oliveira (1983) permitem afirmar que pessoas diferentes têm percepções diferentes e que os processos perceptivos sofrem influências da cultura, idade, sexo entre outros fatores.

Ao cruzar os dados obtidos com a questão seis (6) do Anexo B, em que os entrevistados justificam o porquê da escolha, observa-se que 12 das 24 pessoas que a mencionam dizem não gostar dela devido ao fato de ali encontrarem alguns aspectos que julgam ser desagradáveis, como a falta de estrutura e cuidado, principalmente no que diz respeito à segurança e iluminação pública, cuja ausência tem, segundo os entrevistados, contribuído para a investida de vândalos e ladrões naquela área (Figura 22).



Figura 22 – Fotografia da Praça Saldanha Marinho retratando que a falta de iluminação pública favorece o aparecimento das topofobias.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Desta forma, a paisagem da Praça tem sido para alguns uma paisagem do medo, principalmente ao cair da noite. Um típico exemplo de sentimento topofóbico (aversivo) foi o dado por um senhor de 34 anos de idade que mora no bairro João Goulart que, ao justificar porque não gosta da paisagem da Praça, faz a seguinte afirmação: “não gosto porque é muito perigoso à noite, não dá nem para passar”.

No que se refere às justificativas apresentadas acima, a idade e o local de moradia dos 12 entrevistados não influenciaram na escolha, pois não houve concentração de idéias e sentimentos em uma dada faixa etária ou em relação a um determinado bairro da cidade.

Em outras justificativas foi à percepção visual que prevaleceu, pois, de acordo com 07 dos 24 entrevistados que apresentaram algum tipo de aversão à paisagem da Praça, é a presença constante de feiras e camelôs naquela área que a deixam feia, sem atrativos, poluída visualmente. Tal asserção é facilmente explicada pela justificativa prestada por um estudante de 22 anos, que mora no bairro Tancredo Neves: “Não gosto porque tem muitos vendedores ambulantes espalhados pelo local, e não fica uma imagem legal para a cidade” (Figura 23).

Salienta-se que as respostas que incluíram este aspecto foram dadas tanto por homens como por mulheres e com idades variadas, portanto não havendo, neste caso, a prevalência de idéias de um determinado grupo de indivíduos.



Figura 23 – Fotografia da grande concentração de vendedores ambulantes e feirantes na Praça, o que provoca em alguns sentimentos aversivos.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Também foi na percepção negativa da paisagem da Praça que surgiu, explicitamente e pela primeira vez neste trabalho, a percepção olfativa, manifestada por cinco das 24 pessoas que declararam aversão a sua imagem. As cinco justificaram não gostar da paisagem da praça devido à lembrança do mau cheiro que exala do banheiro público. Destaca-se, ainda, que tal aspecto fora mencionado por quatro mulheres e um homem com idades variadas e que o resultado obtido vem ao encontro do conhecimento popular de que a percepção olfativa das mulheres é mais desenvolvida do que a dos homens.

Em linhas gerais os resultados acima mencionados apontam para a presença de um ou mais órgãos sensoriais que podem ou não ser usados durante o ato perceptivo. Tal constatação reafirma as colocações feitas por Chauí (1996), já expostas na fundamentação teórica, que destaca o fato de não existir percepção sem a presença de, pelo menos, um dos cinco sentidos (visão, paladar, olfato, audição ou tato), sendo, portanto, a percepção uma síntese das sensações.

Ressalta-se que os principais fatores que envolvem os sentimentos topofóbicos no espaço urbano de Santa Maria são; em sua maioria, comuns as grandes e médias cidades brasileiras, pois problemas sociais crônicos intrínsecos a uma má administração pública têm ao longo dos anos propiciado o surgimento de cenários urbanos pouco atrativos, poluídos visualmente e não raro recheados de medo e pavor.

Infelizmente, no caso de Santa Maria, este cenário é representado, em parte, pela imagem da Praça Saldanha Marinho, que obteve 16% de representatividade negativa dentro do universo amostral de 150 entrevistados.

5.3.2 A Paisagem do Calçadão Salvador Isaía

Assim como entre as paisagens topofílicas o Calçadão da Bozano foi também a segunda mais indicada quanto aos sentimentos topofóbicos por ela despertados, pois foi a resposta apresentada por 18 dos 150 entrevistados, isto é, por 12,6% do total de informantes.

O sentimento topofílico por parte de uns e topofóbico por parte de outros é em função das diferenças perceptuais entre os indivíduos, que conforme já explicado anteriormente, varia de pessoa para pessoa. Barbosa (1998) alerta para a importância de se ter em mente que o arranjo das formas naturais ou artificiais assume diferentes significados segundo o modo de olhar, pois oferecida à percepção humana a paisagem se traduz como um campo de significação individual e sociocultural.

O conjunto que forma a paisagem do Calçadão contém em sua estrutura aspectos que despertam sentimentos aversivos em algumas pessoas como a falta de cuidado, manutenção e limpeza. Estes aspectos foram mencionados por 10 das 18 pessoas que disseram ter algum tipo de aversão com a referida paisagem. Ao cruzar os dados acima com a idade, sexo e moradia dos informantes observa-se que todos aqueles que a mencionaram como uma paisagem topofóbica em função de ser feia, suja, e mal cuidada foram mulheres com idades inferiores aos 32 anos. Este resultado reforça, mais uma vez, a idéia de que as mulheres são mais detalhistas que os homens, talvez reflexo cultural da forma em que foram criadas ou ainda pela carga genética recebida. E o fato de serem mulheres jovens ratifica o exposto na análise topofilica do Calçadão, ou seja, que são os jovens os que mais freqüentam aquela paisagem. Quanto à moradia dos informantes não houve nenhuma concentração por este ou aquele bairro, sendo bastante heterogêneo o local de moradia dos informantes.

A dinamicidade do Calçadão também causa sentimentos topofóbicos, pois 5 das 18 pessoas que o escolheram relatam que o intenso fluxo de pessoas, negócios e serviços que se aglutinam naquela área a deixam caótica, estressante, extremamente movimentada e com pouco espaço para caminhar como mostra a Figura 24. Ainda segundo eles, o Calçadão não tem estrutura para ser o que representa.



Figura 24 – Fotografia do Calçadão da Bozano, retratando o intenso fluxo de pessoas, sobretudo nos horários “de pico” o que desencadeia topofobias.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

Salienta-se que os objetos que compõem a paisagem do Calçadão de Santa Maria, também são comuns nas grandes e médias cidades brasileiras. Carlos (1998), grande estudiosa do espaço urbano brasileiro, já mencionou que alguns objetos são facilmente percebidos ao observar a paisagem urbana: um é o espaço construído, e o outro é a vida que o preenche e o anima. Nota-se, portanto, que são justamente os aspectos que caracterizam a paisagem do Calçadão como uma paisagem genuinamente urbana os principais desencadeadores de sentimentos topofóbicos, pois é justamente esta dinamicidade da vida urbana, esse vai e vem de pessoas do emprego para casa e vice-versa, e algumas vezes para o lazer é que têm gerado certa aversão nas pessoas. Salienta-se também que a maioria das pessoas que não gostam do Calçadão devido ao movimento intenso (cinco ao total) são, em sua maioria, homens com idades inferiores aos 25 anos, que freqüentam o centro da cidade uma vez na semana e que moram afastados da área central da cidade como Alto da Boa Vista, Camobi e Parque Pinheiro Machado. Estes bairros fazem parte da periferia da cidade, lugares onde o fluxo de pessoas e veículos é menor, portanto é compreensível que a agitação da cidade os incomode bastante.

Outras três pessoas dizem não gostar da paisagem do Calçadão pelo fato de apresentar elementos humanos que escancaram a tamanha desigualdade social existente no país, como mendigos e indigentes (inclusive índios), que retratam o quanto a sociedade de consumo em que se vive é heterogênea, complexa e injusta. A paisagem urbana é, de acordo com Oliveira (2006), constituída de objetos urbanos variados e de pessoas de diferentes procedências, que vivem em espaços segregados, dando origem à expressão “os excluídos”. Os excluídos são aqueles que não estão inseridos na sociedade do bem-estar e que não desfrutam da modernidade, da cidadania, como é o caso dos índios e de outros indigentes que perambulam pelo Calçadão de Santa Maria (Figura 25).

Para finalizar destaca-se a percepção de uma senhora de 37 anos, diarista que mora no bairro Passo d’Areia: “não gosto da paisagem do Calçadão porque é um lugar fechado, é um labirinto cheio de prédios em cada lado”. Neste relato aparece claramente o sentimento topofóbico em relação à paisagem do Centro de Santa Maria, neste caso a do Calçadão, pois o elemento por ela destacado não foi criado pela natureza, mas criado pelo próprio homem.



Figura 25 – A mendicância de índios no Calçadão provoca topofobias.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, maio de 2007.

5.3.3 A Paisagem da Antiga Rua 24 Horas

Até o ano de 2004 a Rua Alberto Pasqualini foi sede de uma estrutura de ferro que fora criada para abrigar lojas que permaneceriam abertas 24 horas, e a esta característica funcional do comércio deu-se o nome de Rua 24 Horas. Entretanto, hoje ela não existe mais, e o que restou de sua estrutura está expressa nas pequenas saliências de concretos que ainda marcam o local de sua existência.

Esta rua foi a resposta sobre a paisagem mais desagradável do Centro de Santa Maria de 15 entre os 150 sujeitos ouvidos pela pesquisa, correspondendo a 10,6% do total de informantes. Ao buscar explicações sobre o porquê da paisagem ser considerada topofóbica, percebe-se que as justificativas apresentadas não variaram muito, ficando, a maioria delas, restrita aos problemas estruturais da rua, sobretudo após a retirada de sua antiga estrutura que era ocupada por lojas de conveniências, banca de revistas, vídeo locadora e lancheria.

A aversão por esta rua é em grande parte justificada pelo fato dela ter ficado vazia, sem utilidade certa, pois hoje não se sabe o que ela representa se é de fato uma rua ou se é um calçadão. Portanto, é evidente que a falta de identidade da rua, sobretudo após a retirada de sua antiga estrutura, incomoda algumas pessoas, pois foi a justificativa apresentada por 12 dos 15 entrevistados que por ela declararam ter algum tipo de topofobia (aversão). Além disso, os

mesmos entrevistados acrescentaram a falta de cuidado e manutenção da rua, já que grande parte da calçada encontra-se quebrada, cheia de lixo, sujeira, e com uma aparência horrível.

Estes fatores, segundo alguns informantes, tornam a Rua apagada, parada e sem atrativos (Figura 26).



Figura 26 – Fotografia da antiga Rua 24 Horas, no sentido leste/oeste, retratando a falta de limpeza e manutenção.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

Outros três informantes disseram não gostar dela por ser uma rua sem acesso, fechada e que o espaço antes ocupado poderia ser aproveitado melhor, o que hoje já está sendo feito, pois o projeto de reformulação da área oferecido pela prefeitura, foi aprovado e encontra-se em fase de construção. Ao cruzar as justificativas apresentadas com o local de moradia, sexo e idade dos entrevistados pode-se observar, que o fato de algum informante morar próximo ou não da antiga Rua 24 Horas não interferiu no tipo de resposta prestada, pois em linhas gerais as justificativas giraram em torno de um só eixo, ou seja, a falta de manutenção e cuidado após a retirada da estrutura de ferro. Quanto ao sexo, foram as mulheres as que mais lembraram da paisagem da antiga Rua 24 Horas (sendo 9 mulheres e 6 homens), entretanto as respostas não diferiram muito, embora elas apresentassem maior preocupação quanto a desorganização, a falta de cuidados e limpeza. Os problemas estruturais que, de certa forma, afetam a aparência visual e estética da Rua podem ser observados através da justificativa de

uma estudante de 15 anos que mora no bairro Centro: “*ela á pequena, feia, mal organizada e com pouco espaço*”. Neste relato nota-se que o sentimento topofóbico foi evocado tanto pela estética, no caso feia e mal organizada, quanto pela sensação caustrofóbica por lugares de pouco espaço. Em contrapartida, os homens pareciam estar mais preocupados com a falta de identificação e atrativo da Rua, como pode ser constatado em dois testemunhos prestados:

“*Está abandonada, atirada, não se sabe o que é, se é um calçadão, ou se é rua*” (funcionário público de 44 anos que mora no bairro Centro); ou “*Não me agrado porque é um lugar parado, apagado sem atrativo nenhum*” (balconista de 20 anos que mora no bairro Itararé). Acredita-se que os testemunhos acima estão expressos pela Figura 27.

Percebeu-se, ainda, que entre os 15 indivíduos que manifestaram ter algum tipo de aversão à paisagem da antiga Rua 24 Horas, 10 eram jovens com idades entre 15 e 27, visto serem os que provavelmente mais usam e freqüentam aquela área. Este resultado permite inferir conclusões mais generalistas de que os jovens santamarienses não gostam de áreas deterioradas, sem uso e vazias no Centro da cidade, mas sim de áreas com movimento e bem utilizadas, pois tudo indica que a situação em que se encontrava a antiga Rua 24 horas incomodava bem mais os jovens do que qualquer outra faixa etária.



Figura 27 – Fotografia da Antiga Rua 24 Horas no sentido oeste/leste, e que inspira os sentimentos topofóbicos.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

5.3.4 A Paisagem da Avenida Rio Branco

A Avenida Rio Branco foi indicada por 10 dos 150 informantes como sendo sua paisagem topofóbica. A Avenida, cuja área de extensão encontra-se localizada no bairro Centro, é uma via de ligação entre as paisagens urbanas do passado e as do presente. De acordo com os registros históricos encontrados no trabalho dissertativo de Mello (2002), Santa Maria, assim como a própria Avenida, começaram a ganhar características de uma economia terciária a partir do ano de 1898, quando iniciou o processo de desenvolvimento do transporte ferroviário. Desde então, a avenida começou exercer atividades comerciais e hoteleiras que ali se desenvolveram durante toda a época de auge da ferrovia no Estado. Desta forma, a Avenida Rio Branco foi até o início dos anos de 1990 a principal rota de acesso para todos que saíam ou chegavam à cidade de Santa Maria, via transporte ferroviário. Entretanto, de acordo com Mello (2002), esta importante função ferroviária que a cidade exerceu começou entrar em declínio no final dos anos de 1950 até o início dos anos de 1990, quando novas políticas nacionais de desenvolvimento e transportes foram elaboradas. A nova política deixou de realizar projetos desenvolvimentistas para malha ferroviária do país e passou a desenvolver metas para a implantação e efetivação do transporte rodoviário.

Durante o auge da função ferroviária na cidade, várias marcas foram impressas na paisagem urbana do município, muitas delas, apesar de deterioradas pela ação contínua do tempo, ainda existem. Ao buscar explicações sobre o porquê de alguns indivíduos escolherem a paisagem da Avenida Rio Branco como sendo um cenário topofóbico, observa-se que é justamente pela aparência esmaecida de sua paisagem que desperta no imaginário de alguns santamarienses sentimentos aversivos, pois de acordo com as justificativas apresentadas na questão de número seis (6) do Anexo B a maioria delas, ou seja, oito entre os dez que a mencionaram apresentam sentimentos topofóbicos devido à paisagem ser antiga, ultrapassada, deteriorada, suja e que carece de cuidados e reformas (Figura 28 e 29).

Paralelo a isto, os inquiridos destacam também a violência no local e a presença de bêbados pela via. Outros dois entrevistados disseram que não gostam de sua imagem mais próxima ao Centro, pois relataram não gostar do grande fluxo de carros, pessoas e camêlos que ali se encontram. Quanto ao sexo dos inquiridos, nota-se, assim como no caso da antiga Rua 24 horas, a prevalência do sexo feminino, pois dos 10 que a mencionaram 8 são mulheres e apenas dois são homens, o que leva a crer que mais uma vez as mulheres apresentam uma maior acuidade visual para com os objetos que compõem a paisagem urbana da cidade,

principalmente quando estes se apresentam desleixados, mal cuidados, sujos, esmaecidos, como é o caso daqueles que, segundo elas, compõem a imagem da Av. Rio Branco.



Figura 28 – Fotografia da paisagem da Av. Rio Branco no sentido sul/norte.
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.



Figura 29 – Fotografia da paisagem da Av. Rio Branco no sentido norte/sul.
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

Outro aspecto que merece destaque é a idade das pessoas que a elegeram, pois ao contrário do que ocorreu na antiga Rua 24 Horas, são as pessoas de maior vivência na cidade (em média 34 anos) que a mencionaram. Talvez, a decadência deste importante cenário urbano esteja mais explícito na memória das pessoas que de alguma forma, mais vivenciaram a atividade ferroviária, que impulsionava mais dinamismo à Avenida.

Ao cruzar as informações com os dados pessoais dos entrevistados, nota-se que metade das pessoas que afirmaram ter algum tipo de sentimento aversivo à paisagem da Av. Rio Branco são as que trabalham na área da saúde, em especial enfermeiros e técnicos em enfermagem.

Mais uma vez, o local de moradia dos informantes não influenciou em nada a escolha por esta paisagem, pois quase todos residem em diferentes bairros da cidade.

5.3.5 A Paisagem do Largo da Estação Ferroviária

A paisagem do Largo da Estação Ferroviária também figura entre as paisagens topofóbicas do Centro da cidade, sendo evocada por 8 dos 150 indivíduos, representando 5,3% do total de informantes.

As respostas sobre o porquê de ser considerada um cenário topofóbico e não topofílico foram dadas pelas justificativas encontradas na questão de número seis (6) do Anexo B. Entre os argumentos encontrados está o fato de ela ser uma área decadente, sem segurança e abandonada, cuja estrutura está tão deteriorada que transmite uma imagem negativa para quem passa no local (Figura 30 e 31). Estas justificativas foram dadas por sete das oito pessoas que a mencionaram. Uma delas ainda destaca o fato de não gostar da invasão dos “sem tetos” localizada as margens dos trilhos da Viação Férrea.

Quanto a estes aspectos, duas justificativas podem ser destacadas: a primeira foi dada por uma senhora de 39 anos, dona de casa que mora no bairro Parque Pinheiro Machado que disse: *“Não gosto porque está abandonado, dá medo de passar por lá, é complicado devido a falta de segurança”*; a segunda foi a de um jovem desempregado de 23 anos que mora no bairro Rosário, que declarou: *“É um lugar morto, sem movimento, desativado”*.

Observa-se que as justificativas transcritas acima refletem claramente o juízo de valor das pessoas, pois enquanto a primeira enxerga no abandono um agravante para a insegurança (violência), o segundo, que também diz não gostar em função do abandono e da desativação,

atribui a estes aspectos outros significados como a origem de uma área morta e sem movimento, mas não se referiu a estes aspectos como geradores de violência.



Figura 30 – Fotografia da paisagem do Largo da Estação Ferroviária de Santa Maria (abandonado e em processo de deterioração).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.



Figura 31 – Fotografia da paisagem interna da Estação da Gare (sucateada e depredada pelos vândalos).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Quanto ao sexo dos inquiridos, observa-se que seis entre os oito que a mencionaram são homens e duas são mulheres. Portanto, ao contrário das leituras anteriores, tem-se pela primeira vez uma hegemonia masculina na lembrança de uma paisagem topofóbica. Este resultado leva a crer que é a população masculina da cidade que tem mais aversão à paisagem da Gare, que hoje está desativada, abandonada, e com ela todo o patrimônio histórico da ferrovia, que durante muitos anos foi a mola propulsora da economia da cidade.

Em relação à idade dos informantes, observa-se que seis deles tem mais de 30 anos e dois com 23 anos, o que resulta em uma média de 37 anos. Isto explicaria, em parte, o maior grau de conscientização dos entrevistados quanto aos problemas na preservação do patrimônio histórico da cidade.

Salienta-se, também, que seis das oito pessoas que a mencionaram residem em bairros vizinhos à Estação Ferroviária, sendo alguns deles cortados pela estrada de ferro, como é o caso dos bairros Presidente João Goulart, Dores, Rosário, Chácara das Flores e Km³. Portanto, o que se tem, neste caso, é um sentimento de desagrado por uma paisagem vivida, experienciada em sua totalidade por quem melhor a conhece, ou seja, os moradores adjacentes. Sabe-se que estas relações humanas com os espaços, paisagens e lugares são, de acordo com alguns autores, denominadas de geograficidade. Dardel (1952) entende que geograficidade são todas as respostas e experiências que se tem dos ambientes em que se vive; quando são negativas, desagradáveis ou repulsivas, como as mencionadas acima, são segundo Tuan (1980) experiências topofóbicas e estão associadas ao caráter do ambiente e aos valores e atitudes daqueles que os experienciam.

Outro fato que merece destaque, são que as justificativas apresentadas para explicar a aversão pela paisagem da Gare são praticamente as mesmas mencionadas pelos indivíduos que apresentaram algum tipo de desagrado pela Av. Rio Branco. A semelhança entre ambas é facilmente compreensível, uma vez que tanto a paisagem da Av. Rio Branco como a do Largo da Estação Ferroviária são frutos de um mesmo período histórico e econômico da cidade, que teve origem nos anos de ouro da ferrovia no Estado. Assim como a ferrovia, as duas paisagens entraram em declínio e passaram a ser deterioradas pela ação contínua do tempo e depredadas por vândalos, ou ainda pela falta de cuidado da população. Não existe, portanto, contraste entre as duas paisagens mas sim grandes afinidades, pois de certa forma a paisagem da Av. Rio Branco completa a do Largo da Estação Ferroviária, uma vez que, quando termina uma imediatamente começa a outra ou vice-versa. Por isso, as justificativas para as aversões são quase iguais, mesmo sendo mencionadas por pessoas diferentes.

5.3.6 A Paisagem do Prédio Abandonado na Avenida Rio Branco

Mais uma vez a área de abrangência da Av. Rio Branco foi lembrada como um cenário desagradável, portanto, topofóbico, pois de acordo com 6 dos 150 entrevistados (4% da população entrevistada), a paisagem do prédio abandonado na av. Rio Branco desperta sentimentos de aversão e desagrado (Figura 32).



Figura 32 – Fotografia do Prédio abandonado na Av. Rio Branco (causa aversão em alguns santamarienses).

Foto:ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Segundo as justificativas apresentadas, o prédio inacabado, é repudiado pelas pessoas por ser esteticamente feio e por apresentar aparência negativa, de desleixo, abandono, assim como por exalar mau cheiro. Estas foram as respostas dadas por cinco das seis pessoas que o mencionaram, como nos dois depoimentos a seguir. O primeiro é percepção de uma senhora

de 41 anos de idade, que mora no bairro Perpétuo Socorro: “ *o prédio abandonado deixa feia av. Rio Branco, estraga o visual*”. O segundo depoimento é o de um senhor de 47 anos, biscateiro, que mora no bairro Salgado Filho: “*Porque fica feia a cidade, é um desperdício*”. Outros como um rapaz de 28 anos, argumentaram que o prédio serve de abrigo para os marginais. Nota-se que nas justificativas acima, as percepções visuais foram despertadas. Os resultados até aqui discutidos ratifica o já exposto por outros pesquisadores como Chauí (1996) de que a percepção só pode ser processada mediante a presença de pelo menos um dos sentidos.

Quanto ao sexo dos seis que manifestaram topofobia em relação à paisagem do prédio, quatro eram mulheres e dois eram homens, cinco com idades acima de 40 anos e um com 28 anos de idade; o local de moradia e o grau de escolaridade dos informantes não tiveram influência significativa na escolha desta paisagem.

5.4) As Três Paisagens Preferidas pelos Santamarienses

A análise das paisagens urbanas que mais chamam atenção dos santamarienses teve como principal objetivo viabilizar uma releitura da etapa anterior, quando foram investigadas as paisagens preferidas (topofilicas) do bairro Centro da cidade. Desta forma, a importância e significado desta fase, estão associados a uma possível ratificação dos resultados computados anteriormente.

Salienta-se que para evitar uma análise fragmentada, bem como obter uma visão holística deste processo de interpretação dos significados, todas as preferências foram consideradas em conjunto, ou seja, foi somado o número total de vezes que cada paisagem foi citada em ordem de 1^a., 2^a. e 3^a. preferência.

Na análise das repostas oferecidas à questão de número três do Anexo B pode-se verificar que as três paisagens urbanas que mais chamam a atenção dos santamarienses e lhes originaram sentimentos de afeição são, em ordem decrescente, representadas pela Praça Saldanha Marinho, Calçadão da Bozano e Parque Itaimbé, que receberam 20, 19 e 18 menções, respectivamente, conforme pode ser visualizado no gráfico da Figura 33.

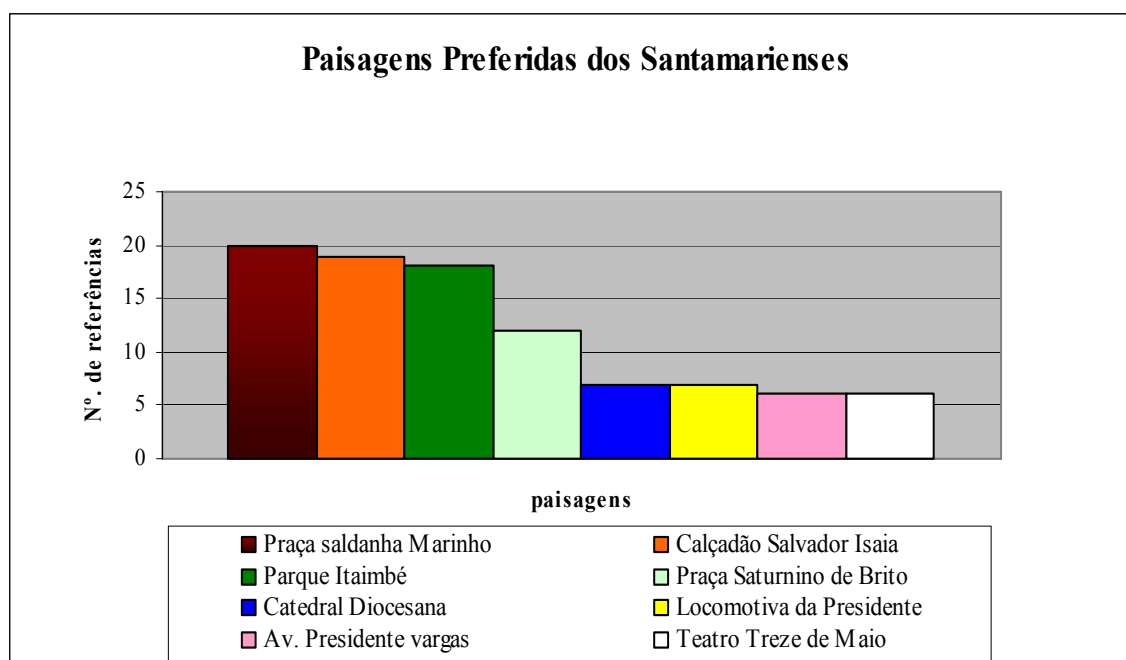


Figura 33 - Gráfico das paisagens urbanas mais preferidas pelos santamarienses.
Org. ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

Para melhor elucidar os resultados obtidos, foi elaborado o Quadro 3, que contém todas as paisagens urbanas do bairro Centro que foram citadas pelos 150 entrevistados, e que por algum motivo, chamam mais a atenção desses santamarienses.

Observa-se que as três paisagens que mais chamam a atenção dos entrevistados são na mesma ordem de preferência, as mesmas que suscitam sentimentos agradáveis ou topofílicas. Este resultado ratifica o que foi exposto, ou seja, que a Praça Saldanha Marinho é a paisagem urbana do bairro Centro que despertou nos entrevistados os sentimentos topofílicos (afetivos).

As justificativas apresentadas, assim como as dadas durante a abordagem topofílica, recaem sobre elementos naturais e artificiais que configuram o espaço arquitetônico da Praça. Entre estes elementos o de maior destaque fica por conta da arborização que ali se encontra, dando vida e dinamismo a uma área cercada de artificialidade e atributos urbanos (Figura 34).

De acordo com os entrevistados a beleza cênica da praça se traduz em um convite tentador para o descanso e lazer de todos aqueles que vão ao Centro da cidade, seja para estudar, trabalhar ou mesmo passear, pois é ali, naquele espaço construído pela sociedade, que ocorre o encontro do urbano com o natural, do descanso dos homens com o ritmo acelerado da cidade.

1ª.Preferência	citações	2ª. Preferência	citações	3ª.Preferência	citações
Parque Itaimbé	14	Calçadão	08	Biblioteca Pública	03
Praça Saldanha Marinho	13	Praça Saldanha Marinho	06	Vila Belga	02
Calçadão	11	Praça dos Bombeiros	06	Praça Saturnino de Brito	01
Praça Saturnino de Brito	08	Estação da Gare	05	Lojas	01
Av. Presidente Vargas	05	Parque Itaimbé	04	Praça Saldanha Marinho	01
Teatro 13 de maio	05	Catedral diocesana	03	Av. Medianeira	01
Av. rio Branco	04	Locomotiva	03	Santa Maria Shopping	01
Av. Fernando Ferrari	04	Praça Saturnino	03	Museu	01
Catedral diocesana	04	Av. Borges	02	Camelódromo	01
Praça da Locomotiva	04	Rua do acampamento	02	Av. Presidente Vargas	01
Monet Plaza Shopping	03	Av.Medianeira	02	Monumento dos Ferroviários	01
Vila Belga	02	Colégio Manoel Ribas	02	Nenhuma	136
Praça dos Bombeiros	02	Museu	02	Total	150
Farrezão	02	Santa Maria Shopping	02		
Av. Medianeira	02	Praça Mallet	02		
Santa Maria shopping	02	UFSM	02		
Basílica da Medianeira	02	Teatro 13 de maio	01		
Sexta Brigada	02	Praça do HCAA	01		
Prédio da caixa Econômica federal	01	Cerrito	01		
Colégio Bilac	01	Av. Rio Branco	01		
Royal Plaza	01	Galeria Chami	01		
Estrada do Perau	01	Itararé	01		
Antiga 24 horas	01	Casa de retiro	01		
Esquina da Venâncio/Rio Branco	01	Basílica da Medianeira	01		
Rua Floriano Peixoto	01	Parque da Medianeira	01		
Biblioteca municipal	01	Praça em frente ao Monet	01		
Rua do Acampamento	01	Antiga Reitoria	01		
Estação da gare	01	Shopping Monet	01		
Estação Rodoviária	01	Choperia Brant	01		
Cine Independência	01	Antenas do morro	01		
Regimento Mallet	01	Santuário Schoenstat	01		
Morro do Chechela	01	Nenhuma	82		
Praça Mallet	01	Total	150		
Nenhuma	46				
Total	150				

Quadro 3 - Paisagens urbanas do bairro Centro da cidade que chamam mais atenção, de acordo com a ordem de preferência.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

Enfim, a Praça é lugar de contato do homem urbano com os elementos da natureza, é o espaço público marcado e designado para a socialização de todas as atividades humanas que, como qualquer outro evento, precisa de tempo e espaço para acontecer. Certamente é por

estes e outros fatores que a imagem da praça tem sido palco das lembranças tanto topofílicas quanto topofóbicas para grande número de santamarienses que por ali passam e a experienciam.



Figura 34 – Fotografia da arborização da Praça Saldanha Marinho, o principal aspecto lembrado pelos entrevistados.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

A segunda paisagem urbana que mais chama atenção dos entrevistados também vai ao encontro da segunda paisagem topofílica mais citada pela questão de número um (1) do Anexo B. Suas justificativas também giram em torno das já citadas anteriormente, pois convergem para elementos da vida urbana da cidade, como o intenso fluxo de pessoas e a grande variedade de estilos e culturas que configuram aquela paisagem. É ali, na primeira quadra da rua Dr. Bozano, que está impressa a principal característica funcional da cidade, o comércio, representado pelo grande número de lojas ali localizadas e que fazem parte da história do comércio santamariense. Estes aspectos permitem compreender o porquê da paisagem do Calçadão da Bozano estar entre os cenários mais importantes da vida urbana de Santa Maria, pois, além do já exposto, é local de ação para diversos movimentos de cunho político, econômico e social. Além disto, o cenário do Calçadão é palco de referência para o encontro amigável entre as diferentes faixas etárias que para ali convergem, seja para tomar

chimarrão, seja para colocar o assunto em dia ou ainda para apreciar os artistas que vêm se apresentar na cidade (Figura 35).

Por estes motivos é que a paisagem do Calçadão da Bozano torna-se um espaço vivido, portanto, experienciado e lembrado pelos seus usuários.



Figura 35 – Fotografia do Calçadão da Bozano (retrata a diversidade cultural e etária).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

A terceira preferência é representada pela paisagem do Parque Itaimbé, mencionada 18 vezes, ficando, portanto, com apenas duas citações a menos do que a da Praça Saldanha Marinho, consagrada neste trabalho como a paisagem mais agradável do Centro da cidade, assim como a que mais chama atenção dos santamarienses. A pequena diferença entre ambas coloca a beleza cênica do Parque Itaimbé entre as paisagens de maior significado para a população da cidade.

Ao explicar a escolha da paisagem do Parque, nota-se que os valores atribuídos a ela estão em consonância com os já mencionados, quando os sentimentos topofílicos despertados por ela foram analisados. Assim como nos casos anteriores (preferência pela paisagem da Praça e Calçadão), não ocorreu nenhuma surpresa que pudesse alterar as asserções realizadas.

Ao contrário, o que se tem é uma ratificação de todas as justificativas apresentadas, pois os principais valores atribuídos a esta preferência giram em torno da extensa área verde que constitui o Parque Itaimbé.

A presença desta natureza, segundo os entrevistados, é que suscita sensações de paz, sossego, bem estar e agradabilidade, tornando a paisagem do Parque Itaimbé sinônimo de signos especiais que estão presentes nas suas boas lembranças.

Paralelo às belezas naturais, o espaço arquitetônico do parque também foi considerado ponto de integração social e lazer, como pode ser observado pelas Figuras 36 e 37, que retratam a estrutura do parque, como as quadras de esportes, o Centro de Atividades Múltiplas (mais conhecido como Bombril) e as pracinhas de brinquedos. Estes locais são bastante visitados tanto pela população local, como por turistas que vêm à cidade.

Sobre os dados exibidos pelo Quadro 3, há de se destacar ainda, que embora o bairro Centro possua paisagens interessantes segundo o olhar de alguns entrevistados, observa-se uma grande carência de espaços, lugares ou paisagens que possam expressar algo de especial nas pessoas. No decorrer das entrevistas realizadas em campo constatou-se o quanto foi difícil para a maioria das pessoas inquiridas lembrar de três paisagens urbanas que, seguindo uma ordem de preferência, lhe chamassem mais atenção. Na maioria dos casos, as pessoas forçavam a memória, mas mesmo assim diziam não ter nenhuma paisagem em especial ou não estavam lembradas.

Outro importante aspecto observado foi a constante reclamação dos inquiridos quanto a falta de espaços públicos e de lazer na cidade, sendo comum as seguintes expressões: “Aqui no Centro da cidade não tem nada que me agrada”; “ Santa Maria não têm nada de interessante” .

A partir dos dados tabulados no Quadro 3, certifica-se o quanto a ausência de paisagens atraentes é significativa na lembrança dos entrevistados, principalmente na segunda e na terceira preferência. O número de indivíduos que disseram não ter nenhuma paisagem que despertasse a sua atenção é de 45 na primeira preferência, 82 na segunda e 136 na terceira opção.

Os resultados expressam o quanto o bairro Centro da cidade é carente de espaços que despertem a atenção e as boas sensações, o que permite inferir, intuitivamente, que este setor do espaço urbano de Santa Maria é deficiente de paisagens atrativas e, portanto, topofílicas.



Figura 36 – Fotografia de uma das Pracinhas localizada no Parque Itaimbé (uma das opções de lazer para as crianças).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.



Figura 37 – Fotografia das quadras de esportes e o Centro de Atividades Múltiplas (Elementos urbanos que compõem a paisagem do Parque Itaimbé).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

5.5 A Imagem Símbolo de Santa Maria-RS

Conforme exposto no capítulo 3, a questão de número sete (7) do Anexo B teve como principal objetivo reconhecer a paisagem urbana de maior expressão e significado para os santamarienses. Especifica-se que a cada entrevista concebida, várias paisagens foram sendo descortinadas pelo pensar de cada um dos entrevistados. Algumas delas, marcadas por grande afetividade e valor individual. Exemplo disso é a imagem relatada por um jovem vendedor de 17 anos, que trabalha em uma loja no centro da cidade e mora no bairro Caturrita: “para mim o que me vem à cabeça quando penso na paisagem urbana de Santa Maria é o meu serviço (emprego)”. Outras imagens parecem brotar de uma lembrança coletiva, de um imaginário comum, chegando a um consenso, como é o caso das paisagens do Calçadão da Bozano, da Praça Saldanha Marinho e da Catedral Diocesana de Santa Maria. Estas indicações, assim como outras de menor expressão, estão presentes no Quadro 4, que traz as principais paisagens que compõem o espaço urbano central da cidade e que foram lembradas pelos entrevistados.

A análise do conteúdo do Quadro 4 permite inferir que a cidade de Santa Maria não possui apenas um, mas sim, diversos símbolos que compõem sua paisagem urbana. Sabe-se que estes símbolos tornam-se lugares de satisfação individual ou coletiva, principalmente quando evocados por um número significativo de pessoas. Quando isto acontece, eles tornam-se pontos de referência para todos aqueles que, de alguma forma, o vivenciam (Villela, 1993).

Entre os marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ícones) da paisagem urbana da cidade, está a imagem do Calçadão Salvador Isaias, mencionado por 27,3% dos entrevistados, ou seja, por 41 dos 150 sujeitos ouvidos no trabalho de campo. Como foi a paisagem urbana mais lembrada é, portanto, a mais expressiva no imaginário visual dos santamarienses. A lembrança desta paisagem pode ser traduzida por uma provável identificação dos inquiridos para com aquele espaço urbanizado, ora devido a sua importância econômica, ora pelo convívio diário destas pessoas que por ali circulam diariamente. Sabe-se que o Calçadão da Bozano, nome carinhosamente dado pelos santamarienses, é desde a sua implantação o pulsar econômico do comércio varejista da cidade, sendo justamente ali, em meio àquele alvoroço de pessoas, que vários tipos de lojas encontram-se localizadas, desde butiques até lojas de departamentos. Desta forma, o Calçadão da Bozano é passagem obrigatória para qualquer pessoa que vá ao Centro da cidade, pois além de abrigar uma gama de opções, tais como o Santa Maria Shopping, sorveterias, confeitarias, cafés, galerias

comerciais, cursinhos pré-vestibulares, farmácias, agências bancárias, entre outros serviços disponíveis, serve também como via de acesso para as principais ruas e avenidas da área mais Central da cidade (Rua Dr. Bozano, Rua Floriano Peixoto, Rua do Acampamento, Av. Venâncio Aires e Av. Rio Branco).

As paisagens urbanas mais lembradas de Santa Maria/RS		
Paisagens lembradas	Nº. Absoluto	Porcentagem
Calçadão Salvador Isaías	41	27,3%
Praça Saldanha Marinho	24	16%
Catedral Diocesana	12	8%
Imagem de comércio, muvuca, tumulto de pessoas	8	5,3%
Viaduto Evandro Berh	5	3,3%
Parque Itaimbé	5	3,3%
Bagunça das vias urbanas da cidade, imagem negativa	4	2,6%
Mendicâncias ao longo do Calçadão, inclusive de índios	4	2,6%
Edifício Taperinha	3	2%
Santa Maria shopping	3	2%
Largo da Estação Férrea	3	2%
Rua do Acampamento	2	1,3%
Paradão de ônibus na Av. Rio Branco	2	1,3%
Praça Saturnino de Brito	2	1,3%
Locomotiva da Av. Presidente Vargas	2	1,3%
Vila Belga	2	1,3%
Praça Roque Gonzales	2	1,3%
Basílica da Medianeira	2	1,3%
Antiga Rua que hoje é o Calçadão	2	1,3%
Falta de espaços públicos para o lazer	2	1,3%
Av. Medianeira	1	0,6%
Teatro treze de maio	1	0,6%
Prédio da Caixa econômica Federal do Calçadão	1	0,6%
Lojas Renner	1	0,6%
Edifício da Casisme	1	0,6%
Av. Fernando Ferrari	1	0,6%
Av. Presidente Vargas	1	0,6%
Rodoviária de Santa Maria	1	0,6%
Prédio do Bannisul da Praça Saldanha Marinho	1	0,6%
Museu Gama'êça	1	0,6%
Prédio Abandonado na Av. Rio Branco	1	0,6%
Minha casa	1	0,6%
Meu serviço	1	0,6%
Não têm nenhuma imagem	6	4%
	Σ 150	100%

Quadro 4 - As paisagens urbanas mais lembradas do bairro Centro de Santa Maria.

Org.: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, 2007.

A posição privilegiada do Calçadão Salvador Isaias na estrutura urbana permite enfatizar, que o mesmo encontra-se geograficamente localizado perto de todos os serviços oferecidos pela cidade.

Há de se ressaltar, também, o fato do Calçadão ser local de constantes manifestações partidárias, estudantis, comunitárias e grevistas, que de tempos em tempos, emanam gritos de ordem por melhores condições de trabalho, salário e justiça social.

Acredita-se que as interpretações feitas sobre as respostas dos entrevistados são elucidativas para compreender o porquê da paisagem do Calçadão da Bozano ser, de longe, a imagem visual urbana mais lembrada pelos santa-marienses (Figura 38).



Figura 38 – Fotografia do Calçadão da Bozano (a imagem símbolo da cidade de Santa Maria).

Org.: ALMEIDA, Acionir Pazatto, fev. de 2007.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo aqui apresentado, buscou-se compreender o processo de percepção e apreensão da paisagem urbana da cidade de Santa Maria com bases nos aportes teóricos e fenomenológicos da filosofia de Edmund Russell. Acredita-se que a pesquisa desenvolvida servirá de subsídios para as práticas de planejamento urbano e ambiental da cidade, assim como para outros estudos que queiram investigar a paisagem numa abordagem humanística do conhecimento geográfico.

A pesquisa investigou como paisagem urbana do bairro Centro da cidade é percebida e experienciada por seus moradores, a partir do entendimento das inter-relações existentes entre o homem e o seu meio, mediante um estudo topofilico e topofóbico da paisagem vivenciada. A investigação teve como base de análise e estudo o conhecimento do próprio homem, advindo de sua cotidianidade, experiência e vivência no mundo. Ressalta-se que a análise de vivência do homem permitiu descortinar e decodificar elementos importantes da paisagem urbana da cidade, bem como conhecer elementos físicos e humanos que a compõem. Entre estes elementos os de maior expressão são os signos, marcas que foram impressas pela sociedade ou pela natureza no espaço vivido do homem, e que ao serem analisados permite desvendar os afetos e desafetos daqueles que o experienciam.

Ao se conceber a paisagem urbana da cidade de Santa Maria como um fenômeno vivido, depara-se com um mundo de significados, experiências e aspirações daqueles que foram abordados pela pesquisa, e a partir de suas percepções teceram-se as considerações presentes neste trabalho.

Com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que entre as cinco paisagens mais preferidas estão as da Praça Saldanha Marinho, a do Calçadão Salvador Isaias e a do Parque Itaimbé, que figuram entre as mais agradáveis do bairro Centro da cidade. Entre as preteridas, as de maior significado são as paisagens da Praça Saldanha Marinho, do Calçadão e da antiga Rua 24 horas, que entre as seis mais indicadas são de acordo com a percepção dos entrevistados, as mais repulsivas do bairro.

Durante a análise topofilica e topofóbica, pode-se constatar que as paisagens da Praça e Calçadão estão tanto entre as mais agradáveis quanto as mais desagradáveis paisagens do espaço central da cidade. Esta ambigüidade fora justificada pelos argumentos apresentados, onde todos; sem exceção, mencionaram elementos estruturais de uma paisagem urbana, e que no caso de Santa Maria, foi percebido pelos entrevistados como componentes

desencadeadores de topofobias como o lixo, a degradação e a sujeira presentes nos espaços públicos da cidade.

Neste sentido, a de se destacar a relevância social deste trabalho, pois os resultados aqui apurados permitiram inferir soluções plausíveis à rejeição e ao desagrado de parte da população santamariense para com algumas paisagens do centro urbano da cidade. A ambigüidade de sentimentos topofílicos e topofóbicos apresentados pode ser facilmente resolvidos mediante a elaboração de uma política séria de planejamento, gerenciamento e manutenção das áreas públicas da cidade, assim como por uma política geradora de emprego e renda para todos aqueles que se encontrem fora do sistema formal da economia. Acredita-se que tais políticas ao serem colocadas em práticas minimizariam os problemas estruturais da paisagem urbana de Santa Maria, sobretudo as do bairro Centro, que é, até o momento, a maior expressão de um ambiente socialmente construído.

Portanto, se os problemas estruturais mencionados fossem minimizados, a imagem da paisagem urbana da cidade se tornaria mais agradável, pois as mesmas deixariam de apresentar explicitamente alguns elementos que, de acordo com a percepção dos entrevistados, são aversivos ao serem contemplados, percebidos e experienciados.

No caso das imagens da Praça, do Calçadão e da antiga Rua 24 Horas, os elementos aversivos percebidos são a falta de cuidado, manutenção e limpeza dos espaços públicos do bairro Centro da cidade, espaços em que se encontram inclusas as paisagens topofóbicas evocadas pela pesquisa. No que se refere aos aspectos humanos, ressalta-se que a presença de camelôs e pedintes pelas vias urbanas da cidade é de acordo com alguns entrevistados, desagradáveis de serem concebidos, portanto, experienciados. Embora estes problemas sejam comuns na maioria dos cenários urbanos do Brasil e do mundo, eles podem ser minimizados através de uma política de inclusão social, que deve ser feita em conjunto pelos três níveis de administração pública do país.

Os resultados da pesquisa permitiram também conhecer e reconhecer o espaço urbano da cidade e com isto, detectar algumas de suas principais carências, como a falta de áreas verdes e públicas de lazer que foram no decorrer dos trabalhos de campo, a maior reivindicação apresentada pelos entrevistados.

Salienta-se ainda que o conhecimento do bairro Centro da cidade através de sua paisagem vivida apresentou um rol de significações e aspirações, pois como coloca Tuan (1980), o conhecimento de uma cidade varia muito de indivíduo para indivíduo, pois depende antes de tudo do que as pessoas vão nela procurar: alimentação, moradia, saúde, educação,

trabalho ou lazer. Apesar disto, cada entrevistado demonstrou ter uma imagem mais forte, mais marcante, que mesmo filtrada por percepções individuais e valores culturais diferentes, culminou em um retrato fiel do Centro de Santa Maria. Este retrato é, segundo os resultados da pesquisa, representado pela paisagem do Calçadão Salvador Isaias, espontaneamente aclamada como a imagem símbolo da cidade, pois identifica claramente a vida econômica, cultural e social da cidade. O cenário urbano do Calçadão expressa o pulsar econômico da principal atividade lucrativa da cidade, ou seja, o comércio varejista que está localizado desde os tempos mais antigos na primeira quadra da rua Dr. Bozano.

É no Calçadão da Bozano (como é conhecido pelos santamarienses) que ocorre grande parte dos encontros e reencontros entre amigos, alguns de longa data, mas que por razões diversas não se vêem há algum tempo, mas que acabam ali se reencontrando. Além disso, é também cenário onde permeia a difusão de idéias políticas, econômicas, culturais e ideológicas.

Entretanto, a de se destacar que as paisagens urbanas não são estáticas, mas sim, transformadas quase que diariamente a fim de atender as novas exigências da sociedade. Desta forma, tanto o espaço geográfico como as suas categorias de análise são modificadas com o passar do tempo. Assim, as paisagens topofílicas de hoje, podem não ser as mesmas de amanhã, assim como aquelas que são preteridas hoje podem se tornar agradáveis futuramente. A este respeito, deve-se destacar a crescente tomada de consciência por parte de profissionais envolvidos com a questão ambiental e ao planejamento, em resgatar áreas até então degradadas. Sobre este aspecto, Amorim Filho (1996) diz que no mundo inteiro, até mesmo no Brasil, apesar de incipiente multiplicam-se as ações de resgate, reabilitação ou restauração de lugares, paisagens e conjuntos ambientais. Para caracterizar essas ações, o autor propõe, a título exploratório, o termo “topo-reabilitação”; que são medidas necessárias para a melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória e preservação de sua identidade cultural. É neste contexto, que algumas paisagens urbanas do bairro Centro de Santa Maria se enquadram, pois tanto a paisagem da antiga Rua 24 Horas como da Estação Ferroviária, consideradas pela pesquisa como topofóbicas encontram-se hoje, em fase de “topo-reabilitação”; a primeira está sendo revitalizada para se tornar uma espécie de Calçadão, com bancos, floreiras e espaços de lazer; a segunda, está sendo restaurada para abrigar o futuro “Museu do Ferroviário” que será dedicado a história da ferrovia na cidade. A esses sinais de esperança, Amorim Filho (1996) atribui, principalmente, ao amplo processo de tomada de consciência que se verifica atualmente na sociedade em geral, quanto à

necessidade de preservação ambiental, e da busca por reabilitação de lugares, monumentos e paisagens valorizados. Contudo, acredita-se que estas nuances, também sejam reflexos da dinamicidade da vida, do espaço socialmente construído que de tempos em tempos é ampliado, reestruturado pela ação de atores hegemônicos sejam eles econômicos, políticos, ou sociais.

Por fim, deve-se salientar que tanto a metodologia utilizada na pesquisa, como as bibliografias consultadas e citadas na fundamentação teórica satisfizeram integralmente os objetivos propostos pelo trabalho, pois, os resultados obtidos foram e estão em consonância com as colocações teóricas e metodológicas realizadas até o momento, seja por profissionais ligados a Geografia, ou por outros de áreas afins.

7 BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, A. N. **Províncias Geológicas e domínio Morfológicos no Brasil**. São Paulo: IGE-USP, 1970.

ALMEIDA, A. P.; SARTORI, M.G.B. Variabilidade e tendência do comportamento pluviométrico para a região de Santa Maria-RS. In: IX SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2001, Recife. **Resumos**. 2001. p. 227.

AMORIM FILHO, O. B. **Reflexões Sobre as Tendências Teórico- Metodológicas da Geografia**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, Publicação Especial n. 2, 1985.

_____. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: Del Rio, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel e UFSCAR, 1996. p.139-152.

_____. Livia de Oliveira: uma educadora explorando as fronteiras mais avançadas da Geografia. In: OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.3-32.

BARBOSA, J. L. **Paisagens Americanas: imagens e representações do wilderness**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n.5, p.43-53, jan./jun.1998.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria: 1797- 1983**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1989.

BOLFE, S. A. **A Expansão Urbana de Santa Maria, RS: Uma Avaliação da Adequabilidade do Uso do Solo**. 1997. 156p. Dissertação (Mestrado em geografia) – Departamento de Geografia/FFLCH/USP, São Paulo, 1997.

BLEY, L. **Percepção do Espaço Urbano: O centro de Curitiba**. 1982. 186p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP/Campus de Rio Claro, Rio Claro, 1982.

_____. **Morretes – Estudo da paisagem valorizada**. 1990. 215p. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP/Campus de Rio Claro, Rio Claro, 1990.

_____. Concepções Sobre Paisagem e Lugar. In: OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**.

Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.103-107.

BUENO, A. S. **Vísceras da Memória**: Uma Leitura da Obra de Pedro Neva. 1994. 165p. Tese (Doutorado em Letras) – UFMG, Belo Horizonte, 1994.

CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v.15, n.30, p.34-45, jul./dez. 2000.

_____. Entre a Paisagem e o Lugar: contribuições ao estudo da espacialidade do turista. In: OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.129-162.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O Espaço Urbano**: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.20, n.39, p.21-32, 1990.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 2004.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: ed. da UERJ, 1998. p.92-123.

CHAUÍ, M. S. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.

CHRISTOLOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: **Perspectivas da Geografia**, Antonio Christofolletti (org). São Paulo: Difel, 1985. p.11-36.

DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971.

DARDEL, E. **L'homme et la terre – Nature de la Réalité Géographique**. Paris: Press Universitaires de France, 1952.

DEL RIO, V. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

_____. Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. In: **Uma visão Interdisciplinar Sobre o Estudo da Paisagem**. Bauru: UNESP, 1996. p. 21-28.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Percepção Ambiental: A experiência brasileira**. São Paulo: Editora da UFSCar, 1996.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FIGUEIRÓ, A. S. Evolução do Conceito da Paisagem: Uma Breve Revisão. **Geosul**, Florianópolis, v.13, n.26, p.40-52, jul./dez. 1998.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE. **Resumo Estatístico Municipal**. Porto Alegre, 1999. Versão 11/99. CD-ROM.

FRÉMONT, A. **A Região, Espaço Vivido**. Tradução: Antônio Gonçalves. Coimbra/Portugal: Livraria Almedina, 1980.

GIBSON, J. **The perception of visual word**. Boston: Houghton Mifflin, 1950.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.

GERARDI, L. H. de O.; SILVA, B. C. M. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: Difel, 1981.

GUIMARÃES, S. T. L. Geografia e Literatura: Alguns Pontos Sobre a Percepção de Paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, n.30, p.07-33, jul./dez. 2000.

_____. Reflexões a Respeito da Paisagem Vivida, Topofilia e Topofobia à Luz dos Estudos sobre Experiência, percepção e Interpretação Ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, p.117-141, jan./jun. 2002.

HOLZER, W. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica: De suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.55, n.1/4, p.109-139, jan./dez. 1993.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.8-19, dez. 1996.

_____. Uma Discussão Fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Revista Território/Laget**, Rio de Janeiro: UFRJ, ano II, n.3, jul./dez.1997.

_____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. p. 105-125.

HUSSEL, E. **A crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. Tradução: Urbano Zilles. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 1996.

_____. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. 146p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE - **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão**, 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 nov. 2006.

ISABELLE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1883-1834)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KOHLSDORF, M. E. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Ed. da Unb, 1996.

LANDIM, P. C. **Desenho de Paisagem Urbana**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

LOWENTAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In. **Perspectiva da Geografia**, 1985, São Paulo: Difel, 1985. p.103-141.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACIEL FILHO. **Carta dos Condicionantes a Ocupação de Santa Maria - RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1990.

MACHADO, L. M. C. P. **A serra do mar Paulista**: Um estudo de paisagem valorizada. 1988. 312p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP. 1988.

_____. Percepção de Paisagem e Conflitos Sociais na Serra do Cubatão/SP. **Boletim de Geografia**, Maringá/UEM, ano 08, n.01, p. 41-51, set.1990.

_____. Paisagem Valorizada. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Stúdio Nobel e UFSCar, 1996. p.97-119.

_____. Paisagem, Ação, Percepção e Cognição. In: 3º ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Cadernos Paisagem/Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p.01-04.

MARANDOLA, JR. E.; PAULA, F. C.; FERNADEZ, P. S. M. **A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta**. In: I ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E PAISAGEM DA CIDADE. Bauru: UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2006.

MEINING, D. O olho que Observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.35-46, jan./jun. 2002.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Vivida e Uma Crítica Radical ao Positivismo. **Revista Brasileira Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n.4, p. 91-115, out./dez.1990.

MELLO, L. F. S. **O Imaginário do Espaço e o Espaço do Imaginário**: a ferrovia em Santa Maria, RS. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS. 2002.

MOREIRA, R. Repensando a Geografia . In: SANTOS, M. (org.). **Novos rumos da**

Geografia Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1988.

MOREIRA, A. A. N.; LIMA, G.R. Relevo. In: GEOGRAFIA DO BRASIL, REGIÃO SUL. 5., 1977, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBGE, 1977. p 01-34.

OLIVEIRA, L. **Estudo Metodológico e cognitivo do Mapa.** Rio Claro: Tese (de livre Docência), UNESP, 1977.

_____. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica. **Geografia**, Rio Claro, v.2, n. 3, p.61-72, 1977.

_____. **A Percepção da Qualidade Ambiental.** A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP, 1983.

_____. **Percepção e Paisagem da Cidade.** In: I ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E PAISAGEM DA CIDADE. Bauru: UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

PENNA, A. G. **Percepção e Realidade:** Introdução ao estudo da Atividade Perceptiva. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A, 1968.

PIAGET, J. **A psicologia da inteligência:** A inteligência e a percepção. Portugal: Fundo de Cultura Brasil, 1967.

PINHEIRO, J. Q. Mapas cognitivos de mundo, tempo na experiência ambiental, lugar e sustentabilidade. In: OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente.** Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.67-100.

RAPOPORT, A. **Aspectos Humanos de la Forma urbana:** Hacia una Confrontación de las Ciencias Sociales com el Diseño, de la forma urbana. Barcelona: G.Gili, 1978.

RELPH, E. C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro: Unesp, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

ROUGERIE, G. **Geografia das Paisagens.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

SANTA MARIA. **Lei Complementar nº. 34 de 29 de dezembro de 2005.** Dispõe sobre a

Política de desenvolvimento Urbano e sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental do Município de Santa Maria. Santa Maria: Câmara Municipal, 2005.

SARTORI, M.G.B. **O clima de Santa Maria - do regional ao urbano**. 1981.167p. Dissertação (mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia/FFLCH/ USP, São Paulo, 1981.

_____. **Clima e Percepção** Vol.2. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia/FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

SARTORI, D. B. **Relação entre as Paisagens Natural e Arquitetônica no Patrimônio Histórico-Cultural da Cidade de Santa Maria-RS**. 2005. 28p. Monografia (Especialização em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural) - Centro de Tecnologia/UFSM, Santa Maria, 2005.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SAUER, Carl. O. **The education of a geographer**. Ann. Assoc.Amer.Geogr., v.46, 289–299, 1956.

SAYDELLES, A. P. **Estudo do Campo Térmico e das Ilhas de Calor Urbano em Santa Maria-RS**. 2005. 218p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de geociências/CCNE/UFSM, Santa Maria, 2005.

SOUZA, C. L. **Cognição Ambiental e Leitura da Paisagem Urbana: teoria e Prática**. In: 3º ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Cadernos Paisagem/Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p. 15-26.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Notas sobre epistemologia da geografia**. **Cadernos Geográficos**. Florianópolis: Ed.da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

STEFANELLO, A.C.; SILVEIRA, M. A. T. **Percepção Geográfica de Riscos Naturais**. Um Estudo dos Balneários Turísticos de Caiobá e Flamingo em Matinhos/PR. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE. 2005, Londrina, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: **Perspectiva da Geografia**. CHRISTOFOLETTI, A. (org.). São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.

_____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

_____. **Paisagem do Medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

VIEIRA, M. L. Paisagem Urbana e Rural. In: ENCONTRO SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 1998, Rio Claro. **Cadernos paisagem; Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p. 87-88.

VIERO, L. M. D. **A Elaboração de um Atlas Escolar Municipal como uma contribuição para o Ensino de Geografia Santa Maria-RS**. 2001. 182p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

VILLELA, S. M. A. **Nova Ponte, MG: uma paisagem a ser vivida**. 1993. 441p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

XAVIER, H. **Percepção Geográfica dos deslizamentos de Encostas em Áreas de risco no município de Minas Gerais/MG**. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

_____. Em Busca das Bases Fenomenológicas do Turismo: Proposta de um Modelo Para o Desenvolvimento da Comunidade (uma Abordagem Geográfica). **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.14, n.22, p.86-98, 1º. sem. 2004.

ZEISEL, J. **Inquiry by design: Tool for environment behavior research**, Cambridge: University Press, 1981.

ZILLES, U. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 88 p. (Coleção Filosofia, 41).

ZUBE, E. **Environmental Evaluation: Perception and Public Policy**. Cambridge: University Press, 1984.

WHYTE, A. V. **Guidelines for Fields Studies in Environmental Perception: Technical Notes 5**. França: UNESCO, 1977.

ANEXO A

ANEXO A**Formulário de Informações** (dados pessoais dos entrevistados).Sexo: M F

Idade: _____ anos

Tempo de Residência em Santa Maria _____ anos

Bairro em que mora: _____

Grau de Escolaridade:

Ens. Fund. Incompleto Ens. Fund. Completo Ens. Médio Incompleto Ens. Médio Completo Ens. Superior Incompleto Ens. Superior Completo

Profissão: _____

Local de Trabalho: _____

Frequência Semanal com que vai ao centro _____ vezes.

Principal meio de transporte utilizado:

 Carro Ônibus Bicicleta a pé motocicleta

ANEXO B

ANEXO B**Questionário** (segunda parte)

1) Para você, qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que mais lhe agrada?

2) Por quê?

3) Enumere, em seqüência de preferência, pelo menos três paisagens que lhe chame mais a atenção.

1. _____

2. _____

3. _____

4) Por quê?

5) Qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que menos lhe agrada?

6) Por quê?

7) Feche os olhos e pense na paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria, o que você lembra?